

CAPÍTULO X

O primado dos "bons costumes" na educação dos filhos

1. *Prioridades dos "pais de família": "criar" e "ensinar" os filhos*

A crescente responsabilização dos pais pela educação (no sentido global) dos filhos - que, como vimos, foi, até certo ponto, uma das "novidades" dos textos de alguns humanistas e moralistas de finais do século XV e inícios do século XVI -, adquiriu, nos finais do século XVI e no século XVII, tonalidades e focalizações muito próprias, de variadas influências e conseqüências, como veremos .

Abordar este problema apresenta-se, tenhamo-lo desde já em conta, uma tarefa particularmente complexa e necessariamente multifacetada. Em primeiro lugar, pela variedade e multiplicidade de textos que, directa ou indirectamente, atribuiu à "educação" dos filhos em particular - ou da "mocidade" em geral - um lugar dominante nas preocupações catequéticas e pedagógicas. Em segundo lugar, porque, mais ainda que na primeira metade de quinhentos, não só quase todos os textos que abordaram os problemas matrimoniais conferiram à criação e educação dos *filhos*¹ uma larga atenção, como se multiplicaram obras ou textos especificamente destinados a essa criação e educação. Em terceiro lugar, pela diversidade de focalizações, que vão desde o privilegiar de critérios de ordem social ou com intuítos políticos (especialmente no caso da educação específica dos príncipes e filhos de nobres), até aos critérios de prioridades e objectivos imediatos, sejam eles de ordem catequética ou de ordem moral.

Efectivamente, a educação moral e religiosa dos filhos e da "mocidade" tornou-se, ao longo do período que temos vindo a estudar, uma óbvia *prioridade* das orientações catequéticas e pedagógicas. Comprova-o, antes de mais, a variedade de catecismos especialmente destinados, sobretudo no período pós-

¹ Como acentuámos na primeira parte - importa lembrá-lo - referimo-nos à educação dos filhos - ou seja, das crianças no contexto familiar e doméstico - e não ao "ensino" das crianças em geral, situadas num ambiente escolar e nas condicionantes e características deste. A diferenciação ou explicação da abordagem própria da educação dos filhos dentro dos parâmetros acima focados parece-nos desnecessária, dado o contexto em que temos vindo a situar-nos.

Trento, ao ensino da doutrina cristã às crianças² e as realizações várias com vista ao ensino dessa doutrina a par do dos rudimentos da leitura e da escrita³. Confirma-o, igualmente, o número crescente - com um leque mais largo de destinatários - de obras "pedagógicas" orientadas para o ensino simultâneo das "letras" e dos "bons costumes", de que alguns dos melhores exemplos, na Península Ibérica, são, não só por algum sucesso editorial como pelas influências perceptíveis em muitos autores posteriores, as obras de Lorenzo Palmireno: em particular *El Estudioso del Aldea... con las quatro cosas que es obligado a aprender vn buen discipulo: que son Deuocion, Buena criança, Limpia doctrina y lo que llaman Agibilia*, editado em Valença em 1568 e em 1571, e *El Estudioso Cortesano*, editado em Valença em 1573 e em Alcalá em 1587⁴.

Podemos ainda acrescentar várias outras obras, nomeadamente portuguesas, que pretenderam complementar a diversos níveis (sobretudo nos objectivos e destinatários) aquelas obras mais específicas, de que são exemplo o

² O mesmo fenómeno estudado por J.-C. DHOTEL para França (*Les Origines do Cathécisme moderne*, esp. 98-147) - enquadrado no contexto de algumas decisões de Trento já referidas - se pode verificar na Península Ibérica, nomeadamente em Portugal. Naturalmente, o lugar de relevo vai para os catecismos da responsabilidade directa dos jesuítas, em especial a *Doutrina Cristã* (1561 ss) do P. Marcos JORGE, cujo sucesso editorial e desenvolvimentos posteriores atestam a sua importância e influência. Para uma síntese da utilização deste catecismo especialmente elaborado tendo em vista um público infantil e juvenil, veja-se F. RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assitência de Portugal*, em esp. Tomo II, vol. I, 455-475. P. TAVARES, *Os Lóios*, esp. 61 ss. e 86 ss.

³ Lembremos a importância particular das "cartilhas", nomeadamente a de João de BARROS (1539) e outras posteriores, em especial a ordenada por João SOARES, E.S.A., *Cartinha para ensinar a ler com os dez mandamentos de Deus...*, editada em 1550 (2 eds.), 1554, 1583 e 1672. Sobre a importância e significado da difusão de "cartilhas", especialmente em Espanha, no século XVII, veja-se J. MOLL, "La Cartilla et sa distribution au XVIIe siècle" in AA.VV., *De l'Alphabétisation aux Circuits du Livre en Espagne. XVIe-XIXe siècles*, 311-332.

⁴ *El Estudioso del Aldea* (1568) e *El Estudioso Cortesano* (1573) obedeceram a uma "intenção" - o termo é do próprio PALMIRENO - de tornar mais acessível ao "niño" e aos "moços" o seu ensino da gramática junto com o dos "bons costumes", lamentando-se este humanista do facto de chegarem "a esta escuela moços de 16. y 18. años a oyr curso de artes, con tanta inhabilidad que es lastima: no solamente vien en grosseros en criança, pero aun tengo que hazer en emendarles el mal construir, y arromañar los autores, en hazerles escupir las duras metaphoras, y barbaros vocablos que traen...". Pretendeu, portanto, dar "remedio a tan gran mal" e que "el niño se crie tal en el Aldea, que quando venga, pueda muy bien servir en la ciudad" (*El Estudioso del Aldea*, 6 e 10). Daí que *El Estudioso Cortesano*, obra apresentada por PALMIRENO como sendo "la segunda parte del *Estudioso de la Aldea*" (ed. de Alcalá de Henares, 1587, prólogo), tenha pretendido "dar cumplimiento a mi Aldeano, que entonces comence a enseñar... proponiendo vn moço de diez y ocho hasta veynte y siete años, mostrandole el uso de lo que ha estudiado" (*El Estudioso Cortesano*, fls. não num.). Para uma visão mais completa dos objectivos e contextos das obras e da actividade pedagógica deste autor - nomeadamente da sua valorização das "boas maneiras" -, veja-se A. GALLEGU, "Una classe de rhétorique a Valencia en 1565", in AA.VV., *De l'Alphabétisation aux Circuits du Livre* 187-203, assim como a sua tese *Juan Lorenzo Palmireno. Contribution à l'Histoire du Studi General de Valencia*, Toulouse, 1980.

muito editado *Báculo Pastoral de Flores e Exemplos* - elaborado ao modo dos catecismos com perguntas e respostas simples, mas acrescentando-lhes exemplos vários - que expressava, logo no título, a sua "utilidade" para "todo o christam, que procura saluarse, e instruir seus filhos com bons exemplos" e que no prólogo aos leitores afirmou que "deuem os pays christãos instruir, & doutrinar seus filhos com os exemplos da doutrina christã..."⁵; ou o *Regimento Espiritual para o Caminho do Ceo* (1654), do jesuíta Francisco Ayres, que dedicou toda a Primeira Parte aos "bons costumes em que deue ser instruido todo o Christão em seus primeiros annos", instrução essa que atribuiu, fundamentalmente, aos pais ou a mestres por eles cuidadosamente escolhidos⁶. Confirmam estas obras (que ilustram algumas tendências catequéticas e de espiritualidade) - como outras que, a seu tempo, referiremos - a valorização crescente da responsabilização dos pais - *directamente* e não apenas através dos mestres, como era tradição na aristocracia - na educação moral e religiosa dos filhos, tendência essa que as obras e os textos matrimoniais do período aqui em estudo confirmarão largamente.

De facto, *todos* os textos da segunda metade do século XVI e do século XVII que abordaram os vastos temas matrimoniais, desde o governo da casa até ao comportamento feminino, dedicaram páginas, capítulos, diálogos ou "tratados" inteiros à criação e educação dos filhos. Aliás, tivemos já ocasião de o salientar, uma das principais obrigações, senão mesmo a principal, atribuída aos "pais de famílias" era, justamente, além da "criação" num sentido restrito, a educação - sobretudo moral e religiosa - dos filhos. Mas, mesmo já antes da vulgarização do conceito de "pais de famílias" e da enumeração das suas responsabilidades educativas e domésticas, os vários textos "matrimoniais" vinham dando um destaque importante a essa educação, especialmente depois do concílio de Trento. Vicente Mexía dedicou, na *Saludable Instruccion del Estado*

⁵ F. Saraiva de SOUSA, *Báculo Pastoral*, rosto e "Prologo ao leytor" (s. num.). Lembremos aqui, novamente, que também o *Insino Christão* (1539) insistira no ensino da doutrina cristã aos filhos, nomeadamente, pelos pais.

⁶ Francisco AYRES, *Regimento Espiritual para o Caminho do Ceo*, Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1654, 1-47. Este jesuíta começou, justamente, por referir a "criaçam, que devem ter os mininos na infancia" (cap. I) e, logo, o modo "como devem instruyr os pays aos filhos no amor, e temor de Deos" (cap. II) e o "modo, e custumes em que os pays hamde ensinar aos filhos" (cap. III), e só depois sobre o dever de "procurar os pays dar bons mestres a seus filhos" (cap. IV) e sobre a excelência do "ministerio de ensinar, e doutrinar a outros, e da obrigaçam que tem os que professão" (cap. V), terminando com a afirmação da "sujeissaõ que devem os filhos a seus pays, discipulos, a seus mestres, & os moços aos mais velhos" (cap.VI). Convém referir que o próprio Francisco AYRES justificou a inclusão desta parte de acordo com uma visão global da vida humana e da salvação do homem: "...todo o que tratar de servir, e louvar a Deos, consequentemente será solicito de sua salvação; e o que for pontual no tocante a sua salvação, tambem o será em o que toca á honra de Deos. E porque nossa felicidade eterna depende de hũa boa morte, e esta ordinariamente de hũa honesta vida: e *pera que a vida seja qual convem, importa muyto a boa criação na tenra idade...*" (*Regimento*, "ao leytor", subl. nosso).

del Matrimonio (1566) todo um "tratado" - o "Tratado Septimo" do "Segundo Libro" - ao "cuydado que los padres han de tener en criar y enseñar sus hijos"⁷. O *Gobierno del Ciudadano* (1577-1584) tratou, no "Diálogo Quinto" da segunda parte, "de las costumbres que tuuieron los antiguos, en criar sus hijos" e, no "Dialogo sexto", de "como ha de criar el ciudadano sus hijos"⁸. Os *Dialogos Familiares de la Agricultura Cristiana* (1578-80) do franciscano Juan de Pineda debateram em seis diálogos os diversos problemas, desde o nascimento até ao estudo das artes liberais⁹. A *Orden de Bien Casar* (1581) debruçou-se sobre o problema no capítulo septimo "en que se muestra, à que estan obligados entrambos casados juntamente", explicitando "Lo que deuen hazer con los hijos"¹⁰. Por seu lado, o *Dialogo en Laude de las Mugerres* (1580) de Juan de Espinosa e *La Perfecta Casada* (1583) de Fray Luis de León - como mais tarde o *Libro Intitulado Vida Politica de todos Estados de Mugerres*, de

⁷ V. MEXIA, *Saludable Instruccion*, fls. 249r-271r. Este tratado é composto de 14 capítulos, incidindo os 7 primeiros sobre o dever e as vantagens de serem os pais a "enseñar sus hijos dende pequeños" (caps. 1 a 4), de os "doctrinar y castigar" desde "su niñez" (caps. 5 a 7) e os 6 seguintes sobre o modo como deveriam ser orientados os filhos para saberem "auerse bien con sus padres" e "con los otros". Dedicou um capítulo especificamente ao "que los padres han de enseñar a sus hijas" (cap. 14). É especialmente ilustrativa a sua afirmação - que retomaremos mais adiante - de que "*deurian todos los padres enseñar a sus hijos lo que les conuiene saber para biuir bien: porque quien los viere ygnorantes en lo que fuera razon que supieran: o dissolutos, y mal mirados, y descomedidos en su modo de biuir, y conuersar con todos: no de por sentencia (juzgando de lo que no sabe, por lo que se vee) que tales deuen ser los padres, quales todos veen que son sus hijos...*" (*Saludable Instruccion*, fl. 250v, subl. nosso).

⁸ Juan COSTA, *Gobierno del Ciudadano* (1584), 525 ss. A edição de 1584 é, também nestes capítulos, bastante mais extensa que a de 1577, embora retomando as mesmas ideias-chave. A posição do autor em relação à importância da educação dos filhos está expressa com clareza logo no início do Dialogo Quinto: "La mujer esta en su mano escogerla buena, y virtuosa, *los hijos para que lo sean, es menester, que el no sea descuydado en criarlos, ni perezoso en encaminarlos desde pequeños en la virtud*, que han de tener, quando sean grandes..." (*Gobierno*, 527, subl. nosso).

⁹ Juan de PINEDA, *Agricultura Cristiana*, III, caps. 14 a 19. Contudo, em outras passagens do Tomo IV, sobretudo algumas relativas à "complexión mujeril", à influência astrológica na gestação e às substâncias seminais (esp. caps. V a VII e XI a XVI), voltou a discutir alguns problemas da "criação" infantil. O contexto da abordagem da "criação" - num sentido físico e moral - dos filhos nesta obra é diferente do das outras que temos referido, uma vez que a formação quase enciclopédica deste franciscano - com interesses óbvios pelos campos da medicina e da astrologia - ditou igualmente o seu tratamento multifacetado do problema. Mas em relação à "criação" dos filhos pelos pais a sua posição não se mostrou muito diferente da dos outros autores, como veremos mais adiante. Aliás, é bem significativo que uma das suas primeiras observações sobre este aspecto - quase a abrir o cap. 14 - tenha sido a de que "más ha de procurar [el padre] con amor de caridad, *que salgan sus hijos virtuosos*, que no con amor natural desear engendrarlos para la vida natural" (*Dialogos Familiares*, III, 11, subl. nosso). Mas foi quando se debruçou sobre o matrimónio e sobre a definição de pai (vê-lo-emos melhor mais adiante) que a sua visão do problema mais claramente comungou da dos autores seus contemporâneos: "*Sepan los hombres ser padres enseñando y castigando*, que los niños sabrán recibir lo bueno que les enseñaren, si no luego por amor, a lo menos por temor..." (*Dialogos Familiares*, III, 61, subl. nosso).

¹⁰ Juan ESTEVAN, *Orden de Bien Casar*, ed. de 1595, fls.179-255.

Juan de la Cerda, editado em 1599 - dedicaram todos páginas mais ou menos longas a este tema, apesar de olharem o problema, obviamente, desde a perspectiva da "criação" materna¹¹. Também os *Discursos Morales* (1589) de Juan de Mora não deixaram de lhe aludir, embora com a brevidade que a obra, dadas as suas características, impunha¹².

Mas seriam, fundamentalmente, os autores que retomaram e deram ênfase ao conceito de "pais de famílias" que mais exaustivamente iriam *desenvolver* em moldes mais ou menos precisos os *modos*, os *meios* e os *critérios* da "educação" infantil e juvenil desde a perspectiva "familiar" e social, descendo mais ao pormenor dos comportamentos morais e sociais da "mocidade" e responsabilizando, de um modo mais directo, os "pais de famílias" e não apenas, vagamente, os aios e mestres pelos resultados dessa "educação".

Significativamente, Fr. Marco Antonio de Camos dedicou à educação dos filhos três importantes diálogos da sua *Microcosmia* (1592), concretamente os diálogos oitavo, nono e décimo¹³ - nos quais lembrou, como já referimos, a "obrigação" dos "padres de familia" de "dar buen exemplo, y enseñar costumbres y manera de bien viuir" a todos os da casa¹⁴ -, resumindo e

¹¹ Naturalmente, o relevo deve ser dado à obra de Fray Luis de LEÓN, mais exaustiva no que diz respeito às obrigações "educativas" da casada e determinante para a visão, nas obras posteriores, das responsabilidades da casada para com os filhos, em especial as filhas (veja-se *La Perfecta Casada*, esp.162-166). Nele se inspiraria o franciscano Juan de LA CERDA, apesar de ter sido bastante mais extenso no que diz respeito à educação das filhas, uma vez que, na linha da *Institutio* de Luis VIVES - e de todos os que o influenciaram ou ele influenciou -, dedicou toda uma parte da obra à reescrita do já clássico modelo da donzela, como veremos mais adiante. Mas, no respeitante às funções da "mãe", não foi mais longe que Luis de LEÓN e outros autores do seu tempo. Como se compreende, o *Dialogo en Laude de las Mujeres* de Juan de ESPINOSA deu pouca importância à educação dos filhos em geral, privilegiando a formação moral da donzela (*Dialogo*, 241-246), uma vez que a sua obra se ocupou mais, como o próprio título indica, da defesa do sexo feminino. Não referimos aqui o *Dialogo en Loor de las Mujeres* de Cristóbal de ACOSTA - editado em Veneza em 1592 - porque, dadas as características e objectivos da obra, este aspecto não lhe mereceu uma atenção particular. Também não valorizamos o *Diálogo de la Doctrina de las Mujeres* por se tratar de uma tradução, por Pedro VILLALÓ DE TÓRTOLES, da obra do italiano Ludovico DOLCE que, por sua vez, é uma adaptação - o termo de "tradução/glosa" estaria, talvez, mais apropriado - da *Institutio* de VIVES.

¹² Juan de MORA, *Discursos Morales*, 135v.-136r., particularmente quando enunciou as "condições" que deveria ter o casado, sendo uma delas criar os filhos "con buenas costumbres, tenellos debaxo del yugo de padre, y procurar dexallos alguna passada".

¹³ CAMOS, *Microcosmia*, 87-129. O diálogo oitavo tratou "de la criança que los padres deuen a sus hijos en comun, y de la obligacion que los hijos tienen de amar a sus padres, obedesciendoles: y de la concordia y fraternal correspondencia entre hermanos" (87-100); o nono, "de la institucion y criança que los padres deuen dar a los hijos varones en particular, segun su edad y estados: discurrese breuemente por las edades" (100-117); o décimo, "de la institucion y criança de las hijas, y de la quenta que deuen tener sus padres con ellas" (117-129).

¹⁴ *Microcosmia*, 100; veja-se, igualmente, p. 88, em que vem retomada a imagem, de Platão, dos pais fazendo de "vela acesa" diante dos filhos, a fim de que estes "sigan el exemplo y buenas costumbres de sus padres".

desenvolvendo as propostas de muitos dos autores anteriores, valorizando os critérios morais e sociais da educação dos filhos, rapazes e raparigas. Efectivamente, este agostinho foi mais além da simples insistência no dever de os pais vigiarem de perto a educação dos filhos, privilegiando claramente a dimensão moralizante - num sentido simultaneamente catequético e social¹⁵ - dessa educação, considerando-a prévia ou mesmo prioritária em relação à sua dimensão "institucional".

Mas um dos autores mais decisivamente importante para as abordagens posteriores seria, nestas últimas décadas do século XVI, significativamente, o jesuíta Gaspar de Astete, que, além do divulgadíssimo *Catecismo*, não só dedicou todo o "Libro Segundo" do *Gobierno de la Familia y Estado del Matrimonio* à educação dos filhos pelos "pais de família"¹⁶, como começou as suas *Obras*, precisamente, com uma *Institucion y Guia de la Juventud Christiana*, editada em 1592¹⁷, e na qual, pondo "en orden lo que en algunos sermones y platicas particulares auia platicado que son vnos Documentos saludables para instituyr y guiar bien la juventud Christiana" confessou esperar que "deste trabajo se aprouechen los padres y las madres para hazer a sus hijos temerosos de Dios", bem como os "nobles y generosos mancebos" e todos os que tinham funções pedagógicas e pastorais¹⁸. Curiosamente, uma das aprovações, nos preliminares, da autoria de Manuel Lopez, considerou a obra "muy prouechosa para que la lean todo genero de gente secular: y mas particularmente los que tienen hijos, y mucho mas los mesmos hijos..."¹⁹. Ou

¹⁵ Na sequência da valorização do exemplo e da severidade paternos, CAMOS, pela voz de Valdiglesia, acentuou, precisamente, o dever de os pais, "con la erudicion y lengua de saludables disciplinas y ciencias, andando con ellos con eficaces razones, con exemplos y documentos: y quando fuere menester con castigo", pôr os filhos "en la desseada y necessaria perfection, que de hombres honrados y buenos deuen tener: *deteniendoles*, y *enfrenandoles como potros (principalmente a las mugeres)* para que no anden vagando y se pierdan por demasiada libertad..." (*Microcosmia*, 90, subl. nosso). Cf., igualmente, p. 92, em que insistiu, citando S. Agostinho, na importância não só do castigo, mas também das "persuaciones y buenas razones (...) con amor".

¹⁶ Gaspar de ASTETE, *Del gobierno de la familia*, esp. Libro Segundo", 295-608.

¹⁷ Esta *Institucion*, editada em Burgos, por Filipe de Junta, em 1592, tem o argumento principal no seu subtítulo: *Donde se trata de como han de enseñar los padres a sus hijos a ser obedientes y temerosos de Dios: y de las virtudes mas principales que ha de tener el mancebo christiano*.

¹⁸ *Institucion*, Prólogo (s. num.). Defendeu ainda que "los maestros de los niños (...) les pongan a leer en este libro: para que en el juntamente aprendan a leer, y beuan las buenas costumbres: y lo mesmo hagan los preceptores de las ciencias liberales (...). Seruira tambien para los nobles y generosos mancebos, como de un enchiridion, o manual, que trayan siempre en las manos, y le lean y se aprouechen del. Y finalmente no dexara de aprouechar para maestros, ayos, curadores, predicadores y confesores, y especialmente para los padres de nuestra Compañia..." (subl. nosso).

¹⁹ *Institucion*, Preliminares (s. num.). Não se referia apenas aos "moços" mais crescidos, mas também a todas as crianças em idade escolar, "assi quando andan a la escuela, que con esta lectura se enseñen a leer, como quando andan en el estudio de letras, que se les pegara mucha y buena doctrina, necessaria para las costumbres y vida Christiana". Acrescentou mesmo que "El ser en

seja, com esta obra e com outras contemporâneas e posteriores, a "juventude" - enquanto "estado"? - passou a ser não só olhada individualmente no quadro das prioridades da educação moral pelos pais e pelos mestres, mas também destinatária directa de obras "morais" próprias, facto que comprova, por si só, o quanto a educação das crianças e da juventude se tornara uma preocupação fundamental nos finais do século XVI.

Deste modo, e apesar deste jesuíta privilegiar - como se compreende, visto que era função primariamente apostólica da Companhia de Jesus e dados, em particular nesta obra, os seus objectivos e destinatários -, a educação da "mocidade", a sua obra é, para além do que representa, como veremos, em termos da concepção da educação infantil e juvenil nestes finais do século XVI e, em particular, das propostas jesuítas para a educação moral das crianças e dos "mancebos cristãos", uma obra também "inovadora" por abordar autonomamente, em castelhano, o problema que, até aí, surgia quase sempre no contexto de outras prioridades ou de outras preocupações e em latim²⁰ - por vezes, em outras línguas²¹. Será interessante notar ainda que, alguns anos antes, outro jesuíta "peninsular", Juan Bonifacio²², dera à estampa a sua *Christiani Pueri Institutio, Adolescentiaeque Perfugium*²³. Era, contudo, uma obra de carácter diferente destinada, fundamentalmente, ao uso interno dos colégios da sua Companhia, de características e destinatários imediatos não tão vastos como

Romance, e yr en estilo llano y casto, ha sido muy a proposito para la capacidad de los que lo han de leer, y para quien mas se instituye, que es la juuentud".

²⁰ Os melhores exemplos são-nos dados por alguns importantes humanistas europeus, referidos na primeira parte deste estudo, esp. cap. V.

²¹ Além da influência num momento e num contexto próprio de exemplos maiores como os de alguns humanistas, em especial alguns humanistas italianos (como salientámos já), Vives e Erasmo, que olharam de um modo "novo" a instrução infantil e a educação moral de crianças e jovens, convirá notar que esta orientação foi decisiva nas obras posteriores, como o provam as que estão aqui em análise. Mas, obviamente, esta atenção crescente ao problema não foi um exclusivo das sociedades peninsulares, antes se deverá compreender numa contextualização europeia, em que vemos serem editadas e reeditadas obras várias com preocupações similares. Não deixará de ser significativo que um português, Francisco de BRITO, tenha escrito em italiano e feito editar em Veneza, em 1573, um *Ammaestramento de' Figliuoli così nella vita catolica comme nella vita civile*. Especialmente importantes foram as obras de Silvio ANTONIANO, *Della Educazione Christiana de' Figliuoli. Libri tre*, Verona, Bartolomeo delle Donne, 1584 e de Giovanni LEONARDI, *Trattato della Buona Educatione dei Figliuoli*, Napoli, ex off. Horatii Salviani, 1594 e Id., *Institutione di una Famiglia Christiana*, Roma, per Ignatio de' Lazzari, 1673. Vejam-se alguns excertos importantes destas e outras obras, referentes à educação dos filhos, in L. VOLPICELLI, *Il Pensiero Pedagogico della Controriforma*, esp. 95-193.

²² Sobre este jesuíta, sua actividade pastoral e escritos, veja-se o estudo de F. G. OLMEDO, *Juan Bonifacio (1538-1606) y la Cultura Literaria del Siglo de Oro*, Santander, 1938.

²³ A *Christiani Pueri Institutio* foi editada pela primeira vez em Salamanca em 1575 e teve duas edições no ano de 1588. Uma delas - referida por OLMEDO (*Juan Bonifacio*, 101) -, em Burgos, por Filipe de Junta, e outra - reproduzida anastaticamente por M. Cadafaz de MATOS (Macau, 1988) - no Colégio da Companhia em Macau.

a de Astete, o que, apesar disso, não diminui algum interesse e importância, nomeadamente, em relação a algumas afirmações que valorizaram igualmente a responsabilização paterna pela educação moral dos filhos²⁴.

Do mesmo modo, parece-nos significativo que, pelos mesmos anos, o Doutor Pedro Lopez de Montoya tenha também escrito um *Libro de la Buena Educacion y Enseñanza de los Nobles en que se dan muy Importantes Avisos a los Padres para Criar y Enseñar bien a sus Hijos*, editado em 1595²⁵, em cujo prólogo ao rei pediu que este advertisse os súbditos cristãos "de *tan graue negocio como es el cuydado que los padres deuen tener en criar bien a sus hijos*, pues este es su principal oficio, y el faltar en esto es vno de los mayores y más perjudiciales delitos que pueden cometer y de los que más prouocan la ira del cielo..."²⁶. Curiosamente, e apesar do título, Montoya tinha também em vista a educação das crianças de outros grupos sociais, pelo que lembrou no prólogo ao leitor o carácter "exemplar" tanto da obra como do grupo social a que primeiramente a destinou: "...y tomé por fin y por título deste libro, la enseñanza de los nobles, porque a ellos procura siempre imitar la demás gente, y también porque el más cierto camino que los padres pueden tomar *para hazer nobles a sus hijos es enseñarlos bien*, y assí parece que esta doctrina es comúnmente util para todos, pues ha de *seruir para que los que tienen nobleza de sus mayores, la conseruen y lleuen adelante, y los que no la tienen, la adquieran, con abraçar y seguir, desde niños, la virtud*"²⁷. Ou seja, o conceito de "verdadeira nobreza" - a nobreza das virtudes e dos bons costumes que o século XVII em particular gostou de dizer abraçar²⁸ - é aqui o vector dominante da concepção da educação

²⁴ Estas afirmações foram já acentuadas, algumas traduzidas, não só por F. OLMEDO, *Juan Bonifacio*, 99-107, como também por J. VARELA, *La Educación*, esp. 48-49.

²⁵ Este *Libro de la buena educacion* de P. LÓPEZ DE MONTOYA, dedicado a Filipe II, foi editado em Madrid em 1595, mas as censuras são de 1587 e 1588 (a obra foi reeditada por E. HERNANDEZ RODRIGUEZ no seu estudo sobre *Las Ideas Pedagógicas del Doctor P. L. de Montoya*, Madrid, 1947, 235-419, edição que aqui utilizaremos). De qualquer forma, na censura à obra de de Astete vem referido que havia muito que este jesuíta vinha trabalhando na obra... Apesar de diferentes proveniências e distintos destinatários - pelo menos imediatos - a sua proximidade em termos de escrita e edição revela-se bastante sugestiva do interesse que o tema despertava por estas décadas de finais do século XVI...

²⁶ *Libro de la buena educación*, 241 (Prólogo), subl. nosso.

²⁷ *Libro de la buena educación*, 252, subl. nosso.

²⁸ A voga deste conceito é especialmente comprovável na sua inclusão em alguns títulos de obras, como a da condessa de Aranda, D. Luisa M^a de PADILLA MANRIQUE, *Lgrimas de la Nobleza y Nobleza Virtuosa*, Zaragoza, 3 vols., 1637-1639. Sobre esta obra e o seu ideal de nobreza, cf. B. CÁRCELES, "Nobleza, hidalguía y servicios en el siglo XVII castellano", in *Hidalgos y Hidalguía*, 71-93. Um dos textos portugueses que melhor ilustram este conceito e o modo como se foi afirmando é o de António Pinho da COSTA, *A Verdadeira Nobreza*, editado em Lisboa, na Oficina Craesbeeckiana, em 1655, no qual este autor afirmou "não consistir em outra cousa a verdadeira nobreza de hum homem, que em viver virtuosamente", sendo o seu "principal fundamento" o "amor de Deus, como firme alicesse da vida Christã, & fonte donde manão as caudalosas ribeiras de

infantil de base doméstica, fazendo o autor depender do contexto conjugal e familiar os critérios essenciais da "buena enseñanza y educación" da infância e juventude, contexto que devia ditar as orientações para o ensino mais especializado pelos mestres e pelas instituições de ensino²⁹.

Esta valorização da educação moral infantil e juvenil e o acento na responsabilidade dos pais em, pelo menos, a iniciarem seria, ao longo do século XVII - e ainda nas primeiras décadas do século XVIII - desenvolvida e aprofundada em várias obras, nomeadamente em obras portuguesas, das quais realçamos o *Tratado da boa criação e policia christãa em que os pais devem criar os seus filhos* (1633) do dominicano Pedro de Santa Maria, uma obra que, apesar de "esquecida", se revela particularmente interessante e importante³⁰.

excellentes virtudes..." (*A Verdadeira Nobreza*, "Prefação"). Por isso afirmou, em vários momentos da obra - especialmente no final de cada capítulo -, que a "verdadeira nobreza consiste em amar a Deus sobre todas as cousas, na limpeza e pureza de vida" (*A Verdadeira Nobreza*, 12, 40, 46, 67, 78, 101, etc.). Mas a insistência nesse mesmo conceito encontra-se em vários outros textos da época, entre eles - e com particular clareza - o já referido *Itinerário Espiritual* (1654) de Francisco AYRES: "...não fação os pays pouco cazo da criação, & bons costumes dos filhos, pois he o mais rico thesouro que lhes podem deixar, & val mais que todos os aueres do mundo, & esta he a verdadeira nobreza; a virtude, & bons costumes" (*Itinerário*, 23, subl. nosso). Também o jesuíta espanhol Alonso de ANDRADE, num contexto idêntico, na *Tercera Parte del Libro de la Guia de la Virtud*, editado em 1646, afirmara ser "la verdadera nobleza, la que Dios aprueua, la que vale en la Corte del Cielo, y la que han de preferir los Fieles a toda la humana, que es vna sombra, y vn viento que en el ayre se desvanece" (*Tercera Parte*, 201).

²⁹ P. LÓPEZ DE MONTROYA, *Libro de la buena educación*, esp. 285, quando mostrou a importância de um ensino moderado e adaptado às capacidades da criança, criticou fortemente, por outro lado, o desinteresse dos pais em relação ao ensino das primeiras letras - junto com as "virtudes" - aos filhos: "Mas ¿qué diremos a los que dan en otro extremo, que ni antes de los siete años, ni después, ponen a sus hijos en estos ejercicios, ni tienen más cuenta con instruyrlos ni enseñarlos que si ni fuessen sus hijos? Digo que, a mi parecer, estos tales no se pueden dezir sino medio padres, pues faltan en lo principal, que es la buena educación (...) Con gran seueridad y rigor se castigaría los que dexassen sus hijos a las bestias fieras para que se los tragassen, pues no son menos perjudiciales a la República, sino mucho más los que dexan sus hijos a los vicios, que son más rauiosas y más terribles bestias de quantas se pueden imaginar..." (*Libro*, 286, subl. nosso). Deste modo, o ensino das "artes y ciencias" deveria, do ponto de vista deste autor, ser olhado, sobretudo, como um modo fundamental de cimentar as virtudes humanas e defendê-las dos ataques dos vícios que se alimentam da ignorância. Por isso se demorou na enumeração das qualidades do "Maestro del noble" (*Libro*, cap. XII, 309-317), afirmando ser um "error muy grande" dos nobres "pensar que el principal oficio del maestro es enseñar la gramática o lengua Latina, y assí, no buscan hombres que tengan más pertes que las que les parece que bastan para este ministerio...", quando "ni es éste el principal oficio ni lo que más se ha de buscar en el maestro" (*Libro*, 309, subl. nosso).

³⁰ Em outra ocasião - "Modelos educativos do Barroco em Portugal: a 'boa criação' e a 'policia cristã'", *Actas do I Congresso Internacional do Barroco*, Porto, 1991, II, 311-322 -, chamámos a atenção para a importância e significado desta obra do nosso século XVII, apesar do contexto desse estudo ter, obviamente, limitado a abordagem da obra em toda a sua extensão e variedade. Neste momento, interessar-nos-ão particularmente os primeiros capítulos da obra em que este dominicano se debruçou, justamente, sobre o núcleo conjugal e a obrigação dos pais em velar pela formação cristã e moral da criança nos seus primeiros anos de vida.

Não esqueceremos também o *Opusculo da Infancia e Puericia dos Principes e Senhores* de Francisco da Silva, editado em Lisboa em 1544, devendo, contudo, salvaguardar as suas características próprias resultantes da especificidade dos seus objectivos e destinatários³¹. Mas, apesar dessa especificidade, esta obra revela a mesma preocupação pela cuidada educação infantil, particularmente do príncipe, mostrando mesmo conhecer os principais tratados de educação de príncipes e senhores editados na Península Ibérica³². Complementar e igualmente significativa é a *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puericia* (1685), do jesuíta Alexandre de Gusmão, que sintetiza largamente as principais propostas das obras anteriores e, em particular, as dos autores da sua Companhia. Significativamente, esta obra, dedicada "Ao Minino de Belem, Iesu Nazareno", teve por objectivo principal "formar hum perfeito minino, para que nos annos da Adolescencia chegue a ser hum perfeito mancebo", explicando aos "Pays de familias com muitas razoens" o modo como deviam "encaminhar os filhos mininos" segundo o exemplo de Jesus, ou seja, para que "os pays de familias saibam a obrigaçam, que tem de os crear, & saibam tambem como o ham de fazer com acerto"³³.

³¹ Francisco da SILVA, *Opusculo da Infancia e Puericia dos Principes, e Senhores. No qual, alem de hum curioso discurso sobre o nacimiento e solemne Baptismo do Infante serenissimo Dom Afonso, em documentos breues tirados da doutrina de muitos Sanctos, e Doutores Catholicos, como tambem dos Philosophos antigos, se comprehende sua boa criação na idade mais tenra: exornado tudo com proueitosas humanidades*, em Lisboa, por Paulo Crasbeck, 1644. Como o próprio título da obra o parece indicar, trata-se de uma obra que não pretendia, pelo menos de um modo visível, uma circulação vasta, dado que delimitou excessivamente os destinatários e o seu grupo social.

³² Francisco da SILVA, mostrando conhecer as principais obras de circulação peninsular que privilegiavam a educação dos moços - especialmente os tratados de educação de príncipes - explicou a razão por que privilegiou a educação da infância e puericia: "Deixando pois de tratar *ex professo* da Infancia, e puericia dos Principes, e senhores, *escreuerão muitos, e grauissimos Philosophos, e Doutores assim antigos, como modernos das mais idades, que destas duas correm até a decima, e ultima*; cujas obras, e escritos contem em si altas razões de estado, e da boa educação, e gouerno pvblico de hũa Monarchia, como entre outros o Angelico Doutor S. Thomas, & Aegidio de *regimine Principum*, Aeneas Syluio, e Mapheu Vegio de educatione liberorum, o Emperador Marco Aurelio, Patricio de Regno, o Doutor Francisco de Monção no *Espelho de Principes*, o Padre Francisco de Torres na sua *Philosophia de Principes*, e elegantemente tratão hũa, e outra cousa as partidas de Castella com as *Glosas* de Gregorio Lopez, & o Padre Frei Pedro de S. Maria da *boa criação, e policia Christã*, e finalmente João Luis Viues no seu liuro de *foemina Christiana*, trata com elegancia da boa criação das donzellas, e molheres honestas". Acentuando, como S. JERÓNIMO na epístola a Leta, a importância das "cousas humildes, e pequenas, sem as quais se ordenão mal outras de maior nobreza, e qualidade, como he ler, e escreuer, sem o qual não se alcança o perfeito conhecimento das mais nobres artes, e sciencias", optou por discorrer "em breues ahorismos" sobre "a humilde materia da *Infancia, e puericia, alicesse alto sobre que se funda o grande edificio da adolescencia, e virilidade de hum perfeito Principe...*" (*Opusculo*, 10-11, subl. nosso).

³³ A. de GUSMÃO, *Arte de criar bem os filhos*, Dedicatória e Prólogo aos leitores, fls. ij-ijj.

Deste modo, não só o progressivo alargamento dos destinatários destas obras - sobretudo num sentido não exclusivamente aristocrático -, como a própria diversificação das propostas "pedagógicas" e dos objectivos morais e sociais apresentam-se como algumas das suas facetas mais importantes.

Naturalmente, já o sugerimos, o aparecimento de obras inteiramente dedicadas aos temas e problemas da educação dos filhos em particular ou das crianças e "moços" em geral não substituiu - antes parece ter reforçado - o lugar importante que vinham ocupando, quer nos textos "matrimoniais", quer em textos moralizantes de diversa índole que, conforme as suas prioridades ou focalizações, valorizaram mais o ensino das "letras", mais o ensino religioso ou o comportamento moral, numa multiplicidade de tratamentos que comungam, contudo, da mesma ideia-chave: a responsabilidade directa dos pais na educação - sobretudo moral e religiosa - dos filhos e na vigilância da actividade pedagógica dos mestres e da evolução dos "costumes" dos filhos. A omnipresença destes temas e problemas nas obras do século XVII que temos vindo a estudar dispensa-nos a sua "enumeração". O estudo não apenas das coincidências - que são muitas e recorrentes -, nestes diferentes tipos de obras, mas também das diferenças, das "nuances" e da evolução do seu tratamento será a nossa preocupação ao longo deste capítulo.

2. *A educação da infância e da puerícia*

Esta panorâmica geral dos textos que acentuaram a importância da educação dos filhos e das crianças em geral mostrou já - apesar do olhar mais específico, em alguns casos, sobre alguns grupos etários -, a valorização tanto da "criação" como da "educação" dos filhos em todas as suas idades, frequentemente divididas em "infância", "puerícia", "adolescência" e "juventude", embora nem todos os autores tenham coincidido nestas divisões ou na sua adaptação às diferentes "idades"³⁴.

³⁴ A divisão das idades do homem foi, no essencial, herdada dos autores da Antiguidade, nomeadamente de Aristóteles, para os quais estes autores remeteram com frequência. Mas, tal como os clássicos, estes autores nem sempre coincidiram no modo de fazer essa divisão. Apenas a título de exemplo, refiramos que Fr. Marco A. de CAMOS dividiu a vida humana em 5 idades: infância (até aos sete anos), puerícia (até aos 14), adolescência (dos 14 aos 25 ou 27), juventude (dos 25 ou 27 aos 50) e a última, "senetud", a partir dos 50 (*Microcosmia*, fl. 101), enquanto o licenciado Francisco da SILVA preferiu (em 1644) a divisão em dez idades, sendo as cinco primeiras a infância, puerícia, adolescência, juvenil e "homem varão", aquela em que se estaria apto a tomar o "vínculo conjugal" (*Opusculo*, 6-7). Como vemos, não há uma correspondência certa entre as idades reais e as diferentes divisões teóricas a que se faziam corresponder diferentes etapas do desenvolvimento humano. De qualquer modo, e desde a perspectiva que, neste capítulo, adoptamos, a referência às idades ou etapas evolutivas dos filhos dizem, geralmente, respeito à situação das crianças e dos jovens que ainda não tomaram "estado", estando, portanto, sob a autoridade paterna. E mesmo tendo em conta as oscilações das idades em função da sua definição prévia, parece-nos manter-se pertinente a distinção ampla entre crianças (compreendendo infância e puerícia, apesar de algumas diferenças resultantes, essencialmente, do processo de crescimento e desenvolvimento) e

De qualquer modo, as idades mais em evidência nessa valorização foram, por um lado, a "infância e puerícia", raramente separadas em termos de análise, e, por outro, a juventude, genericamente referida como "mocidade". A diferença de exigências que a uma e outra eram feitas obriga-nos a um estudo diferenciado, pelo que começaremos pelas primeiras, nomeadamente pelo olhar de alguns sobre a importância dos cuidados durante a gravidez.

A atenção que diversos autores da primeira metade do século XVI deram ao comportamento e alimentação da mulher grávida com vista à futura "compleição" da criança não desapareceu na segunda metade do século e no século XVII, mas perdeu, comparativamente, veemência e prioridade, sobretudo por deixar de ser uma constante nas diferentes obras que referiram a "criação" dos filhos. A explicação foi, aliás, dada por um dos autores atrás referidos, concretamente Pedro Lopez de Montoya no seu *Libro de la buena Educacion y enseñanza de los nobles*, quando falou, no capítulo VI, do "que se deue hazer en la primera infancia de los niños", afirmando não querer deter-se "en dezir lo que deuen guardar las madres quando se sienten auer concebido, porque son cosas muy conocidas"³⁵.

Do mesmo modo, os critérios e cuidados na escolha da ama e a definição das características físicas e morais desta - uma obsessão dos textos da primeira metade do século XVI -, se não foram propriamente desvalorizados (em alguns casos foram ainda amplamente tratados³⁶), cederam algum lugar à mais forte insistência na criação e aleitamento pela própria mãe acompanhadas de uma cuidada vigilância dos comportamentos dos filhos. Enquanto a

jovens (adolescência e juventude), na medida em que uns e outros foram também olhados, em termos de acção pedagógica e educativa, desde diferentes perspectivas.

³⁵ *Libro de la Buena Educación*, 271, subl. nosso. Apesar disso, reafirmou a importância dos "buenos alimentos" e das "buenas y alegres imaginaciones" (*Libro*, 271). Portanto, não se desvalorizou a gravidez e o comportamento da grávida, mas não se apresentou prioritária ou urgente a explicação - porque já suficientemente difundida, talvez mesmo compreendida - das razões que levaram autores anteriores a insistir nesses aspectos: facto interessante e compreensível se tivermos em conta os riscos da gravidez, lembrado pelos diferentes autores, tanto para a mãe como para o feto.

³⁶ É o caso de algumas das obras já referidas, em particular do *Gobierno del Ciudadano* de Juan COSTA (ed. de 1584, 556-559); do *Gobierno de la Familia* de Gaspar de ASTETE (fls. 302(=304)-309); a *Agricultura Christina* de Juan de PINEDA (esp. vol. II) ou do *Opusculo da Infancia e Puericia dos Príncipes* de Francisco da SILVA (44-54), insistindo todas elas, contudo, nos mesmos princípios que os humanistas haviam valorizado: o seu "bom leite" junto com os "bons costumes", a limpeza, formosura, mansidão, afabilidade, honestidade, etc. Essa insistência nestes princípios e "condições" talvez possa indicar, para além da impossibilidade de muitas mães o fazerem por falta de condições físicas, a dificuldade do "convencimento" das outras mães, especialmente da nobreza, a fazerem-no, dadas as comodidades do recurso às amas por contraposição aos inconvenientes do aleitamento materno, aspecto que os vários autores mostraram conhecer, embora nem todos o compreendessem do mesmo modo... Além disso - e muitos o deram a entender -, as vantagens que as amas tiravam do aleitamento dos filhos da nobreza transformava-o num "negócio" bastante proveitoso para elas...- daí a insistência deste autores no *cuidado* da escolha, nas qualidades a exigir, nos vícios ou defeitos a detectar...

generalidade dos textos dos humanistas e moralistas da primeira metade do século XVI - que se dirigia quase exclusivamente à nobreza -, e apesar de aconselhar o aleitamento materno, pressupunha o real recurso às amas e, conseqüentemente, dava grande destaque e insistia nas condições que lhe deviam ser exigidas, vários dos textos do período aqui em análise, sobretudo do século XVII, já não referiram com tanta exaustividade essas condições, preferindo multiplicar os argumentos a favor da "criação" e aleitamento maternos, argumentos que se tornaram cada vez mais insistentes, e de que um dos mais belos exemplos - sobretudo pela veemência, pelo empenho e pela "novidade" de algumas afirmações - é o [capítulo XVII] de *La Perfecta Casada*³⁷. Fray Luis de León não se ficou por aconselhar o aleitamento materno e por enumerar as desvantagens várias do recurso a amas³⁸. Foi mais longe e acusou as mães que não queriam amamentar de não o serem e de serem os seus filhos "llanamente bastardos"³⁹. Reconhecendo ser "trabajo parir y criar", salientou que "es un trabajo hermanado, y que no tienen licencia para dividirlo" e que "si les duele criar, no paran, y si les agrada parir, críen también"⁴⁰. Concluiu afirmando que "La piedad, la dulzura, el aviso, la modestia, el buen saber, con todos los demás bienes que le habemos dado, no sólo los traspase con la leche en el cuerpo del niño, sino también los comience a *imprimir* en el alma tierna dél con los ojos y con los semblantes; y *ame y desee que sus hijos le sean suyos del todo, y no ponga su hecho en parir muchos hijos, sino en criar pocos buenos*"⁴¹. Vários outros autores posteriores retomariam alguns destes argumentos⁴², com o idêntico intuito de *convencer* as mães - os resultados não parecem ter sido muito satisfatórios, a crer nas afirmações de quase todos - a

³⁷ *La Perfecta Casada*, 159-166. Este capítulo desenvolveu, interpretando, o cap. 31, v. 28 dos *Provérbios*.

³⁸ *La Perfecta Casada*, esp. 162-3: "De arte que si el ama es borracha, habemos de entender que el desdichadito beberá, con la leche el amor del vino; si colérica, si tonta, si deshonesto, si de viles pensamientos y ánimo, como de ordinario lo son, será el niño lo mismo..."

³⁹ *La Perfecta Casada*, 163: "...porque de la casada es engendrar hijos, y hacer esto es perderlos; y de la casada es engendrar hijos legítimos, y *los que se crían así, mirándolo bien, son llanamente bastardos...*" (subl. nosso). O mesmo voltou a afirmar mais adiante: "Críe, pues, la casada a su hijo, y acabe en él el bien que formó, y *no dé la obra de sus entrañas a quien se la dañe*, y no quiera que torne a nacer mal lo que había nacido bien, ni que le sea maestra de vicios la leche, *ni haga bastardo a su sucesor*, ni consienta que conozca a otra antes que a ella por madre, ni quiera que en comenzando a vivir se comience a engañar..." (*La Perfecta Casada*, 165, subl. nosso).

⁴⁰ *La Perfecta Casada*, 165.

⁴¹ *La Perfecta Casada*, 166, subl. nosso.

⁴² É o caso, entre outros, de Pedro de SANTA MARIA que, no seu *Tratado da boa criação e policia christã* (fl. 20v.), afirmou que "o que importa he, que se foraõ mãys em os parir, o sejaõ em os criar: & lhes faço mais a saber, que o sairenhe os filhos taõ auesos, & encontrados nos costumes dos que os gêraõ, nasce do leite que mamarãõ..."

amamentarem, sempre que possível, os seus filhos e a, pelo menos, vigiarem de perto a ama e a evolução dos comportamentos dos filhos⁴³.

Mas a principal "novidade" não estava apenas nesta veemência e insistência posta na importância determinante do aleitamento materno - que todos consideraram o principal dever "educativo" da mulher - e nas justificações que aduziram, mas naquilo que o mesmo significava em termos de "criação" dos filhos e no modo como envolviam os "pais" em geral e o *enquadravam* numa proposta mais ampla de "educação" dos filhos.

Efectivamente, não está apenas, ou sobretudo, em causa a alimentação e a "criação" (num sentido restrito, essencialmente físico) dos filhos, mas, fundamentalmente, a consciencialização dos pais sobre a sua real responsabilidade no que dizia respeito à educação moral e religiosa dos filhos, levando quase às últimas consequências advertências e conselhos que alguns humanistas, como vimos, foram expondo nas suas obras "pedagógicas".

Deste modo, adquire um significado quase simbólico - nesses anos em que os resultados de Trento, nomeadamente neste domínio, ainda mal se faziam ouvir - o facto de a *Saludable Instruccion del Estado del Matrimonio* (1566) ter dedicado, como já referimos, todo o *Tratado Septimo* da Segunda Parte à explanação de conselhos vários aos casados incitando-os a saberem eles próprios "enseñar" os filhos "mientras son pequeños", tendo considerado que os pais "no menos obligacion tienen de enseñarlos lo que no saben: de que proueerles de todo aquello que han menester para mantenerse porque no mueran"⁴⁴. É bem significativa a sua insistência em que "deurian todos los padres enseñar a sus hijos *lo que les conuiene saber para biuir bien...*": um "enseñamiento" que "principalmente se entiende de lo que les han de enseñar en su tierna edad, donde tienen disposicion para aprender lo que les mostraren: y no tienen malicia para resistir ni contradizir a quien se lo vuiere de mostrar: ni menos tienen osadia para dexar de hazer lo que les fuere mandado"⁴⁵. E não se referia apenas ao comportamento moral e social - para que não fossem "dissolutos, y mal mirados, y descomedidos en su modo de biuir, y conuersar

⁴³ Estava em causa, também, no amor do filho aos pais, o respeito que deveria resultar desse mesmo amor. Aliás, um dos argumentos tradicionais a favor do aleitamento materno era, precisamente, o do cultivo desse amor. Como afirmou - escolhemos propositadamente um exemplo tardio - Francisco da SILVA no já citado *Opusculo*, "o beneficio da criação fora do natural amor de mãy para com o filho engendra entre elles hũa reciproca afeição, & obrigação natural.." (*Opusculo*, 42).

⁴⁴ Vicente MEXIA, *Saludable Instruccion*, fl. 250r. Por isso acrescentou ainda: "Y abran bien los ojos, y veran que los padres que se descuydan en enseñar a sus hijos, creyendo que cumplen con lo que deuen con solamente mantenerlos, y proueerles de vestir y calçar, y de otras cosas corporales, y no mas: en muchas cosas yerran que si bien las mirassen, deurian excusarlas por su honra ante que nadie las sintiesse..."

⁴⁵ *Saludable Instruccion*, fl. 250v. Subl. nosso.

con todos..."⁴⁶ -, mas também aos rudimentos da doutrina cristã, afirmando serem os pais também obrigados a "enseñarles a conoscer a dios de la manera que ellos pudieren y supieren"⁴⁷.

Claro que a ignorância da doutrina cristã por muitos pais (já o referimos) poderia apresentar-se como uma desculpa fácil para fugir a essa responsabilidade em relação aos filhos. Mas Vicente Mexía conhecia-a, pelo que advertiu que "no piensen de excusarse algunos con dezir que mal podran enseñar a otros, lo que ellos por si no saben. Lo vno porque aqui no se les pide que les prediquen sermones solemnes: ni que les muestren los misterios ocultos dela sancta scriptura: sino que solamente les digan que ay dios, y que es señor de todo el mundo: y que los christianos lo tienen por padre y que el crio todas las cosas, y que el nos da todos los bienes: y nos ha de lleuar consigo al cielo si fuéremos buenos: y otras cosas desta manera que todos los christianos saben por la fé que tienen"⁴⁸. E àqueles que usavam como desculpa a falta de capacidade da criança para entender essas coisas, lembrou-lhes - já Sánchez de Arévalo o havia feito, como vimos, no século XV - que "los hijos de los moros, y qualesquier otros infieles, dende que estan a los pechos de sus madres comiençan a aprender los errores que sus padres tienen..."⁴⁹. Por isso, aconselhou que "*conforme a su hedad* los vayan imponiendo en algunas cosas buenas: sigun que sintieren dellos que las pueden tomar"⁵⁰.

Estas referências a alguns princípios básicos orientadores da educação paterna e materna foram depois largamente retomadas e desenvolvidas nos capítulos seguintes, focando, sobretudo, o comportamento moral, familiar e social da criança desde a mais tenra idade com vista ao seu comportamento futuro, como referiremos mais adiante. Interessa-nos, de momento, salientar a valorização social e cultural dessa educação por este dominicano, já que ela poderia constituir, sobretudo em caso de pouca fazenda, o suficiente "caudal para biuir honradamente". Em sua opinião, "vno que es de buena criança, a todos da credito que ay en el mas bien de lo que parece (...) y aunque sepan que es de baxo linage: no le desprecian por esso: porque *vale tanto la cortesia y buena criança en quien la vsa y se precia della: que le haze ser tenido en reputacion como de noble quanto a su persona: aunque sepa que no le es de su sangre*"⁵¹.

⁴⁶ *Saludable Instruccion*, fl. 250v.

⁴⁷ *Saludable Instruccion*, fl. 251r.

⁴⁸ *Saludable Instruccion*, fl. 251r.

⁴⁹ *Saludable Instruccion*, fl. 250v.

⁵⁰ *Saludable Instruccion*, fl. 250v., subl. nosso. Outros autores posteriores, como iremos mostrando a seu tempo, insistiriam nestes princípios gerais.

⁵¹ *Saludable Instruccion*, fl. 264r., subl. nosso.

A afirmação da "cortesia", da "boa criação", dos "bons costumes" e das "virtudes" em geral - que alguns gostavam de definir como "verdadeira nobreza" - tornou-se não só mais insistente do que nos textos dos humanistas, mas também socialmente mais diversificada, marcando visivelmente, especialmente a partir de meados do século XVI, a concepção da educação infantil desde a mais tenra idade. Por isso, não deixou V. Mexía sem explicação o modo como a criança deveria ser ensinada a tratar com os pais, consigo própria, com os irmãos, com os outros...⁵². Retomando o argumento clássico - que o "Barroco" repetiria quase até à exaustão - de que as crianças eram como cera branda⁵³ e, portanto, "con lo que entonces les enseñaren, se quedarán quando fueren hombres", considerou ser "bien enseñarles a tener todo acatamiento y reuerencia a sus padres, honrandolos de palabra con toda cortesia, y no desmesurandose contra ellos en dezirles palabras asperas ni feas, ni injuriosas: y guardandose mas que todo de les hechar, o pedir maldiciones"⁵⁴. São, neste contexto, muito significativas as três coisas que "deurían aprender desde su niñez": "Vna es que se precien de *ser limpios: otra que sean bien ataviados: otra que para con todos procuren de ser corteses y bien criados*, vsando de todo buen comedimiento con ellos..."⁵⁵.

Curiosamente, um outro autor já referido - o prestigiado gramático e pedagogo de Valencia, Lorenzo Palmireno - afirmou em *El Estudioso del Aldea* (1568) que "...el orden bueno para enseñar vn niño es, que luego le pongamos en cosas de Dios, despues en buena criança, para que no sea molesto a los que con el conuersan: y junto con esto aprenda doctrina conueniente, y al fin se de a las cosas de prouision publica, o particular de su patria, o casa"⁵⁶, acrescentando nesta mesma obra um *Tratado de la buena criança en el niño del Aldea*, igualmente datado de 1568⁵⁷.

Deste modo, a valorização - vê-la-emos crescer - da "boa criação", dos "bons costumes", da "cortesia", começou a assumir uma relevância muito significativa, especialmente porque não se tinha em vista exclusivamente a nobreza ou a alta nobreza, tendo tomado estes conselhos, progressivamente,

⁵² *Saludable Instruccion*, esp. cap. VIII, fl. 259v. ss.

⁵³ Retomando, sobretudo, afirmações aristotélicas, quase todos os autores aqui referidos - nomeadamente todos os do século XVII - insistiram na imagem da "cera branda" ou da "tábua rasa" para provarem a igual capacidade infantil para seguir os vícios ou as virtudes de acordo com o que nos seus corações fosse inscrito ou vincado desde o nascimento. A repetição do argumento - em termos muito semelhantes, quando não iguais - nas várias obras dispensa-nos aqui a sua enumeração ou transcrição.

⁵⁴ *Saludable Instruccion*, fl. 260v.

⁵⁵ *Saludable Instruccion*, fl. 263, subl. nosso.

⁵⁶ Lorenzo PALMIRENO, *El Estudioso del Aldea*, 17.

⁵⁷ *El Estudioso del Aldea*, 85-93. Explicitaremos melhor os propósitos desta obra quando falarmos da educação dos "moços".

características de uma educação básica e socialmente diversificada - embora seguindo o mesmo modelo -, como, de certo modo, o pretendeu - paradoxalmente? - o Doutor P. López de Montoya com o *Libro de la buena Educación y Enseñanza de los Nobles* (1595), já que afirmou, como vimos, ser a sua "doctrina (...) comúnmente *vtíl para todos*, pues ha de seruir para que los que tienen nobleza de sus mayores, la conseruen y lleuen adelante, y *los que no la tienen, la adquieran, con abraçar, desde niños, la virtud*"⁵⁸. É certo que - permitimo-nos lembrá-lo - a aristocracia continuava sendo a principal destinatária de muitas destas obras e o ponto de referência para as suas propostas ou para o modelo que se queria construir. Mas também o era o clero, nomeadamente o clero com deveres e atribuições pastorais e catequéticas que não se circunscriviam à aristocracia ou mesmo à alta burguesia. E se os destinatários imediatos ou primeiros ditavam os contornos do modelo, a divulgação, pelos segundos, dos princípios básicos tendia a diversificar-se e a tornar-se mais "massiva".

Eram, por outro lado, constantes - e socialmente diversificadas - as críticas e as alusões aos "maus costumes" das crianças e dos "moços"⁵⁹. Por isso insistiu o "cura de la Nava", Juan Estevan, na sua *Orden de Bien Casar*, na obrigação dos pais não só de "mantenerlos, vestirlos, limpiarlos, y ponerlos en buenas crianças y en las cortesias que conuiene a su estado, è imponerlos en officios que han de vsar, y de que se an de sustentar", mas também "sobre todo desde chiquitos instruyrlos en Christiandad, y como se han de auer con Dios"⁶⁰, uma vez que o "descuydo de dotrinar y instruyr en christiandad y buena criança a sus hijos" era o que justificava verem-se "hijos tan grandes que pueden casar y no se saben santiguar, y menos las oraciones de la Yglesia, ni desto tienen cuydado sus padres: descuydados en mostrarles buenas cortesias, antes tienen por afrenta mostrar officio a los hijos"⁶¹. Por isso sugeriu que, "*Segun las cosas estan el dia de oy, conuiene, y es muy bien, que los padres luego en la tierna*

⁵⁸ *Libro de la buena Educacion*, 252, subl. nosso.

⁵⁹ Um dos exemplos mais interessantes - apesar de limitado - é-nos dado por Lorenzo PALMIRENO em *El Estudioso de la Aldea*, ao explicar, na Dedicatória "A los muy illustres señores de Valencia", que saiu "por las Aldeas a instruyr los moços" com o intuito de que, "antes que lleguen a esta ciudad, pierdan las rusticas costumbres, y barbara doctrina, con que podrian inficionar los niños de los ciudadanos, en cuyas casas assientan por Ayos y Maestros particulares..." (fl. Aij, subl. nosso). Mas seria, sobretudo, em textos posteriores que a dureza dessas críticas se faria sentir mais fortemente. Juan ESTEVAN, em várias passagens da *Orden de Bien Casar*, queixou-se com amargura do "descuydo de dotrinar y instruyr en christiandad y buena criança a sus hijos..." (fl. 181r.), descuido esse que era a causa dos escândalos provocados pelos filhos "libres y ociosos" e "desuergonçados" (fl. 181r.-182v), de haver "tantos malos hijos en el mundo" e "tan pocos enmendados..." (fl. 193r.). Também em Portugal se fizeram sentir várias dessas queixas, como as que refere F. RODRIGUES, na *História da Companhia de Jesus*, T. I, vol. II, 301-302, ou as que subentendeu Pedro de SANTA MARIA no seu *Tratado da boa Criaçam*.

⁶⁰ J. ESTEVAN, *Orden*, fl. 179r. e v.

⁶¹ *Orden*, fl. 181r.

edad quando los hijos no son para el trabajo los muestren a leer y a escreuir, y las hijas de chicas a hilar y labrar y texer, y otros buenos exercicios". Igualmente lhes atribuiu o dever de lhes mostrar "como se han de santiguar la doctrina Christiana..."⁶², como serem "buenos Christianos"⁶³, o que "han de obrar"⁶⁴, tudo se lhes devendo "*mostrar desde pequeños*", enquanto são "como cera blanda"⁶⁵.

Por esses anos em que Estevan escrevia a *Orden de bien Casar*, também Juan Costa pugnava pelo mesmo princípio da educação moral e religiosa desde a mais tenra infância, considerando ser "el primer cuydado" do cidadão com filhos "en criarlos bien en su niñez, porque entonces podra imprimir bien en ellos las buenas costumbres, que han de tener, quando grandes"⁶⁶. Curiosamente, este autor discordou abertamente de Quintiliano que propunha que aos 3 anos se desse um mestre à criança⁶⁷, porque considerou dever ser preocupação dos pais "primero en hazelo Christiano, que letrado", fazendo-o entrar "primero por las casas de Dios", ensinar-lhes "las oraciones, los mandamientos de la ley, los pecados mortales, y otras cosas, que tocan a la fee"⁶⁸; em consonância com os contemporâneos, afirmou que "acostumbrandolos a cosas de Dios desde pequeños, quanto mas se dan a ellas, mas afficion les toman, y *creciendo en años, van tambien creciendo en virtudes*"⁶⁹. Além disso - e não esqueçamos que a sua obra visou, num primeiro momento, um grupo social relativamente restrito, o dos "regedores" -, viu alguns inconvenientes na sua entrega demasiado cedo aos mestres, uma vez que como estes os sujeitavam "desde muy niños al miedo, y castigo", não se desenvolviam fisicamente como convinha a quem tinha "cargos importantes en la Republica" e

⁶² *Orden*, fl. 179v., subl. nosso. Especificou, neste ensino da doutrina cristã, "el Pater noster, Ave Maria, el Credo, y la Salve".

⁶³ *Orden*, fl. 179v.: guardar "los santos diez mandamientos de Dios: y los cinco de la Yglesia. Mostrarles lo que han de creer, los catorze articulos de la fee, que se contienen en el credo. Mostrarles lo que han de huyr, que son de los siete pecados mortales".

⁶⁴ *Orden*, fl. 180r.: "que son las catorze obras de misericordia. E imponerlos en que honren los viejos, y a los sacerdotes, que tengan amistad con sus yguales, y amor y concordia con sus hermanos, y que tengan reuerencia y veneracion a los templos, y deuocion a visitarlos, que oyan missa los domingos y fiestas, y el sermon si lo ouiere...". Além disso, deveriam também os pais "*instruyr, como se han de auer consigo mismos, mostrandoles que anden limpios y sin curiosidad lo que traxeren vestido: pero bien puesto, que biuan castamente y sin vicios: de modo que nadie se quexe dellos*", sabendo-os "corregir y reprehender y castigar..." (fl. 183r., subl. nosso).

⁶⁵ *Orden*, fl. 180r. e v., subl. nosso.

⁶⁶ *Gobierno*, 552.

⁶⁷ *Gobierno*, 561.

⁶⁸ *Gobierno*, 561.

⁶⁹ *Gobierno*, 563-4, subl. nosso.

a quem não convinha perder a autoridade "por ser de cuerpos pequeños"⁷⁰. Daí que a prioridade fosse o ensino da doutrina cristã, seguido do das primeiras letras⁷¹ e só depois um estudo mais intensivo com um "ayo, o maestro", cuidadosamente escolhido, que "no solo le enseñe letras, mas que tambien le muestre buenas costumbres, y doctrina en oraciones"⁷².

É evidente, nestes textos das primeiras décadas pós-Trento, o eco do esforço catequético e moralizante empreendido pela Reforma Católica. Não estava, nestes capítulos e diálogos destas obras, apenas - estaria sobretudo? - em causa a divulgação da doutrina matrimonial católica que insistia no conceito de *proles* englobando a geração e a "criação" e ensino cristão, mas também a grande ofensiva pastoral, pedagógica e moralizadora em que se foram empenhando, mais ou menos convencidamente, clérigos, religiosos - com os jesuítas à frente - e alguns leigos. As preocupações, mais educativas (num sentido amplo) que especificamente pastorais, dos humanistas do século XV e primeira metade do século XVI em relação ao ensino das letras e da doutrina cristã às crianças surtiram, visivelmente, os seus frutos, e muitas das propostas de finais do século XVI e ainda do século XVII não podem ser compreendidas sem essa determinante contribuição. Mas, no virar do século XVI para o XVII, não eram apenas as vozes de alguns humanistas e de alguns teólogos que se faziam ouvir. Não se tinha *apenas* em vista - em termos de prioridade - a "educação" dos filhos da nobreza. Sobretudo, o contexto das propostas não era o mesmo. A valorização do estudo das "letras" pelos humanistas foi, também, uma das consequências do velho debate que as opunha às "armas". Consequentemente, como vimos, muitos dos argumentos tinham a marca da polémica e do grupo social a que se reportavam. Agora que a batalha das "letras" estava, apesar de algumas resistências sem grande significado, teoricamente ganha, e que as prioridades catequéticas, pastorais ou moralizadoras de muitos destes autores ditavam o tratamento do tema, compreende-se que o que antes fora a "batalha das letras" se tenha tornado, chamemo-lo assim, a "batalha dos bons costumes", das "virtudes", da "boa

⁷⁰ *Gobierno*, 564.

⁷¹ *Gobierno*, 565: "...pues el niño antes de los siete años tiene entendimiento para tomar, y aprender las cosas de la fee, tambien lo tendra para començar a conoscer las letras, y juntarlas. Y como el camino de la sabiduria sea muy largo, y necesario, es bien le incline, y afficione a ellas desde lo mas presto que pueda, sin recibir su edad detrimento...", considerando ser, para tal, a "edad mas conuiniente" a dos cinco anos, "porque entonces podra ya hauer aprendido la doctrina christiana, y estara medianamente instituydo en las cosas de la fee".

⁷² *Gobierno*, 566. É particularmente interessante o seu conselho - complementar à crítica, atrás citada, de Palmireno - de não seguir "la opinion del vulgo, que le parece, que pues el niño no sabe aun nada le basta imbiarlo a vn maestro de la Ciudad, que le enseñe mil malos accentsos, y pronunciaciones; a comerse las palabras, que lee; a quedarse en medio de cada renglon; a dar vn mismo sentido, y hazer vna misma pausa en todo lo que va leyendo, y a otros mil errores..." (*Gobierno*, 567-8, subl. nosso).

criação", das "cortêsias"... Naturalmente, aquelas não deixariam de continuar a ser valorizadas, aconselhadas e até dignificadas - sobretudo quando se tratava especificamente da educação da juventude, como veremos-. Mas não eram, seguramente, a principal prioridade ou a prioridade - com uma forte carga de "novidade" - da "educação" (num sentido amplo) das crianças em geral, até porque as "letras" tenderam a ser cada vez mais olhadas como um instrumento para fazer o homem mais "virtuoso" e mais "perfeito". Assim se compreendem os fortes acentos na necessidade de "moldar" - para usar um termo frequente nestes textos - a criança enquanto "cera branda", na "severidade" e no "amor não excessivo" dos pais⁷³, na importância da "obediência" e "humildade" dos filhos⁷⁴...

Por outro lado, a insistência no cumprimento das "obrigações de estado" e, em particular, nas responsabilidades dos "pais de famílias" em relação a todas a "casa" teve consequências visíveis também ao nível da concepção da "educação" dos filhos. Sendo considerada uma das primeiras obrigações do "pai de famílias" a criação e educação (sobretudo "cristã" e moral) dos filhos, é natural que, justamente pelos anos 80 do século XVI, se tenham multiplicado as "instruções" aos pais para uma correcta exequibilidade das mesmas. Mas, sobretudo, o *pai* foi, mais do que nunca até aí, chamado a ter um papel activo, em vez de remeter a "criação" e a instrução respectivamente para a mãe, para os aios e para os mestres. Como afirmou - poderíamos multiplicar os exemplos - o franciscano Juan de Pineda na sua *Agricultura Cristiana*, "no se incluye en el nombre de padre solamente engendrar al hijo quanto al ser natural, sino también el engendrarle quanto al ser moral y virtuoso, y quanto a darle a conocer a Dios y a le amar y enseñarle cómo le ha de servir"⁷⁵.

⁷³ Encontramos em quase todos os autores, mesmo nos mais tardios, a mesma insistência, simultaneamente, no amor moderado - especialmente por parte das mães - e na severidade, particularmente dos pais, severidade que não se conciliava com atitudes ternas ou "femininas" dos pais, especialmente em público. Um dos melhores exemplos da visão depreciativa das ternuras públicas dos pais é-nos dada pela pequena história de "um ministro muito lisongeador que tinha um certo filhinho seu...", que conta D. Francisco M. de MELO na sua *Carta de Guia*. (94-95), depois de afirmar que "Não he cousa pertencente a hum homem ser ama, nem berço de seus filhos", como o "fazer-lhes aquelles seus momos, fallar-lhe naquella sua linguagem", já que isso "tudo he indecente", sendo suficiente "que os veja e ame, e lhe procure todo o regalo e boa criação" (subl. nosso).

⁷⁴ O princípio da obediência e submissão dos filhos era exigido não só por este tipo de obras didácticas ou moralizantes, mas também pelos próprios tratados de teologia moral que definiram o essencial das suas regras, baseadas em códigos legislativos consagrados tanto pelas leis civis como canónicas. Aliás, é na clara dependência desses tratados que encontramos, em várias das obras aqui em análise, a enumeração, numa ordem muito semelhante, dos deveres e obrigações dos filhos em relação aos pais, deveres ou obrigações que vão desde a obediência, o respeito e a honra até ao sustento quando necessário - sobretudo na velhice - ou à execução do testamento.

⁷⁵ Juan de PINEDA, *Dialogos Familiares*, III, 61.

Neste contexto, não deixa de ser significativo que Marco A. de Camos - que, como dissemos, depois de definir, no capítulo sobre a "económica", o conceito de "pai de famílias", deixou de o usar - o tenha retomado *precisamente* nos diálogos relativos à educação dos filhos para reafirmar não só a sua obrigatoriedade de dar a todos "buen exemplo, y enseñar costumbres y manera de bien viuir", mas também, em particular, de "amonestar", "corrigir", "castigar" e "instituyr" a "sus hijos con amor y temor: no suffriendo que en su casa se haga peccado, ni si es possible se descubra rastro del"⁷⁶. Por isso conciliou - como os autores anteriores - a "instituição" e o "castigo"⁷⁷, uma vez que, por um lado, "el buen padre, por la erudicion y buena institucion de sus hijos deve poner a riesgo su salud y vida, pues le va tanto en ello" e, por outro, "el hijo que en sus tiernos años no le fueren a la mano sus padres, y no le impusieren en lo bueno, y retraxeren de lo malo, sera siempre precipitado, temerario, atreuido, y audace para acometer qualquiera vicio, qualquiera maldad y vileza"⁷⁸.

Esta mesma responsabilização educativa (num sentido sobretudo moral ou moralizante) e catequética foi insistentemente feita por Gaspar de Astete ao "pai de famílias" em *Del Gobierno de la Familia*; por um lado, a maneira como se referiu ao modo de estar à mesa e de comportamento dos filhos em relação aos pais constituiu grande parte, como vimos, da sua primeira definição de "pai de famílias"; por outro, os diversificados e precisos conselhos de todo o *Libro Segundo* da mesma obra desenvolveram e especificaram essa mesma orientação, explicando, significativamente, o "Documento I" deste livro o modo "Como los Padres y las madres han de criar a los hijos en su casa, y enseñarlos ellos mismos"⁷⁹. Comparando a casa do pai a um forno, afirmou que "conuiene

⁷⁶ Marco A. de CAMOS, *Microcosmia*, 100.

⁷⁷ Como já referimos na primeira parte deste estudo, os humanistas e teólogos de finais do século XV e da primeira metade do século XVI que se debruçaram sobre a educação dos filhos nem sempre partilharam da mesma concepção - que incluía também o modo como era levada à prática - do castigo, sobretudo físico, da criança. Se alguns optaram por uma visão do castigo como recurso e não como prática corrente, outros situaram-no no centro da actividade pedagógica e educativa de aios e mestres. Neste virar do século assiste-se, claramente, a um reforço da primeira concepção, visível ao nível do modo como se debruçaram sobre os diferentes tipos de castigo e os modos de os levar a cabo e de os relacionar com outros métodos pedagógicos. É certo que são ainda muito visíveis as marcas da polémica e das posições algo extremadas. E a obra de CAMOS mostra como o método do castigo era por muitos olhado como indispensável na maior parte dos casos...(Cf. *Microcosmia*, esp. 91 ss.) Mas foram ganhando mais veemência e maior presença - os textos do século XVII podem comprová-lo - as vozes que relegaram o castigo físico para uma solução de recurso, quando não de último recurso, olhando outros métodos pedagógicos - o "bom ensino", a "boa instituição", "a vigilância", a conciliação do amor com a severidade,...- como mais eficazes e benéficos para todos.

⁷⁸ CAMOS, *Microcosmia*, 91.

⁷⁹ ASTETE, *Del Gobierno de la Familia*, 295-301(=303). Da p. 295 à 298, a numeração da obra atrasa 2 números; para evitar confusão de páginas, indicamos o número do original seguido, entre parêntesis, do número correcto.

mucho mirar que *no salgan desta primer hornada, torcidos, o cascados, o mal sazonados*", responsabilizando sobretudo as mães, "porque este es su officio proprio y principal"⁸⁰, e lembrando-lhes os inconvenientes do recurso às amas e as muitas vantagens do aleitamento materno tanto no sentido físico como moral, uma vez que este incluiria também "la leche de las buenas costumbres y doctrina"⁸¹. Por outro lado, não deixou também de admoestar os pais a que não "se descuyden en la doctrina de sus hijos con los ayos o maestros", uma vez que considerou serem estes, sobretudo, "vnas personas que [los padres] escogen para que les ayuden a lleuar esta carga" e não uns substitutos, já que "ellos han de ser los que principalmente la lleuen"⁸².

Depois de divagações várias do autor em torno de problemas tão vastos e diversificados como o Baptismo e Confirmação⁸³, os filhos ilegítimos⁸⁴, os expostos - um capítulo especialmente interessante e importante para a compreensão (não só quantitativamente...) do modo como foi sendo olhado o problema dos expostos⁸⁵ -, o aborto⁸⁶, o ensino da doutrina cristã⁸⁷, de devoções "catholicas, y no supersticiosas"⁸⁸, de orações⁸⁹, de "hymnos y canciones deuotas"⁹⁰ e de várias outras práticas devotas⁹¹, Gaspar de Astete voltou ao comportamento moral dos filhos que fez depender, antes de mais, do exemplo dos pais, afirmando que "mas mueve el exemplo para la imitacion, que

⁸⁰ *Del gobierno*, 294(=296), subl. nosso.

⁸¹ *Del Gobierno*, 295(=297)-298. Naturalmente, como quase todos os seus contemporâneos, admitiu a inevitabilidade, em determinados casos e circunstâncias, do recurso às amas, pelo que se deteve igualmente na enumeração e justificação das qualidades que deviam ser exigidas aquando da sua escolha. Cf. "Doc. II", 304-306.

⁸² *Del Gobierno*, 309. O seu argumento é ainda reforçado com a afirmação de que "aunque el ayo, o el maestro enseñe al hijo, *solamente le enseña mientras le tiene consigo, y no mas*: y a veces en lugar de enseñarle virtudes, le enseña vicios..." (*Del Gobierno*, 310, subl. nosso).

⁸³ *Del Gobierno*, "Doc. III" ss., em que recordou os cânones tridentinos sobre a matéria, revelando-se especialmente devedor da legislação canónica e, em particular, de alguns tratados de teologia moral (nomeadamente o do Doutor Navarro), para que remeteu em diversas passagens.

⁸⁴ *Del Gobierno*, "Doc. VII", 335 ss., igualmente dependente dos textos canónicos.

⁸⁵ *Del Gobierno*, esp. "Doc. IX. De los hospitales de niños expuestos", 347-351.

⁸⁶ *Del Gobierno*, "Doc. X", 351-360.

⁸⁷ *Del Gobierno*, esp. "Doc. XI", 360-367.

⁸⁸ *Del Gobierno*, Doc. XIII (=XII), 367-372.

⁸⁹ *Del Gobierno*, 372-377.

⁹⁰ *Del Gobierno*, 377-384.

⁹¹ *Del Gobierno*, esp. 394 ss.: entre elas, "oyr las missas y los sermones", "hazer oracion", nomeadamente nas igrejas (esp. 400-414), ou mesmo em casa, já que foi nesta sequência que G. de ASTETE sugeriu a criação de oratórios em casa, ou "a lo menos han de tener en sus casas algunas ymagines deuotas de Christo nuestro señor, y de su madre sanctissima, y de los otros sanctos..." a que possam recorrer os filhos e todos os da casa, "mayormente las hijas donzellas..." (*Del Gobierno*, 415).

quantas palabras se pueden dezir"⁹², discorrendo igualmente sobre o castigo e seus métodos⁹³ e sobre a escolha de estado para os filhos, aspectos que mais adiante retomaremos.

Deste modo, é notória a valorização da centralidade dos "pais de famílias" na "criação" - que também incluía "formação" - e catequização dos filhos logo nos primeiros anos de vida e independentemente da formação específica que lhes seria - no caso da nobreza ou da burguesia com posses - dada pelos aios e mestres ou, genericamente, pelos confessores e párocos responsabilizados pelo ensino da doutrina cristã às crianças com idade, normalmente, superior a sete anos⁹⁴.

Efectivamente, esta valorização crescente, em finais do século XVI, da "criação" e "educação" moral dos filhos directamente pelos pais a partir dos primeiros tempos de vida ou sob a vigilância e controle paternos dos aios e mestres tornar-se-ia um tópico amplamente retomado em variados textos do século XVII⁹⁵, e não só nos que se debruçaram sobre os temas matrimoniais. A insistência, a persistência dos mesmos argumentos, os diferentes prismas de focalização permitem-nos mesmo afirmar tratar-se de uma prioridade dessas décadas de viragem do século, consagrada pelos textos de todo o século XVII e que só o século XVIII "reformularia" nos seus princípios e objectivos⁹⁶.

⁹² *Del Gobierno*, 438.

⁹³ *Del Gobierno*, 499 ss.

⁹⁴ *Del Gobierno*, 361 ss e 422-24. Por isso afirmou que "Esto es lo que han de enseñar los padres a sus hijos en sus casas, esto los maestros en sus escuelas, esto los preceptores de latinidad, en los estudios que es lo que llamamos comunmente el Catechismo, o la doctrina Christiana, *porque assi enseñados en los primeros septenios que son hasta los catorze años, puedan de ay adelante por si mismos, leyendo o preguntando deprender lo demas que les pertenece para ser buenos christianos* porque en esta edad como son vnos arbolitos tiernos que si son bien cultiuados, vendran a hazerse fructuosos arboles con la santa doctrina, y buenas costumbres" (*Del Gobierno*, 367, subl. nosso). Claro que reconheceu que nem todas as crianças tinham as mesmas aptidões para a compreensão fácil, podendo uns - como os filhos de príncipes e de grandes senhores - ser "bien enseñados" desde "la cuña", e outros, "de ocho, y diez, y a vezes de mas años", por serem de mais lenta compreensão e aprendizagem (*Del Gobierno*, 423). O mesmo pressuposto encontramos em outros autores, embora de um modo não tão explícito. Cf. Juan de PINEDA, *Dialogos Familiares*, III, 102-3; Luis de la PUENTE, *Perfeccion del Christiano*, II, 798-9.

⁹⁵ A prova mais imediata é o facto de terem aparecido, sobretudo no século XVII, obras que trataram expressa e exclusivamente da "infância e puerícia" com o intuito de acentuar a importância da educação, num sentido amplo, das mesmas, como são os já referidos *Opusculo da Infancia e Puerícia dos Príncipes e Senhores* (1644) de Francisco da SILVA e a *Arte de Criar bem os Filhos na Idade da Puerícia* (1585) de Alexandre de GUSMÃO, de que nos ocuparemos mais adiante.

⁹⁶ Efectivamente, só o século XVIII - em Portugal, um século XVIII bastante tardio - viria, por um lado, a questionar alguns dos critérios "domésticos" da educação infantil e, por outro, a propor - num enquadramento "ilustrado" - uma "educação" mais diversificada e mais "útil". Um dos exemplos mais claros é o que nos dão as *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, (datadas de 1759 e editadas em Colónia, em 1760) de A. N. Ribeiro SANCHES (utilizamos aqui a edição das suas *Obras*, Coimbra, 1959-66, vol I, 201-366). A propósito "Da natureza da Educaçam da Mocidade, e

É, conseqüentemente, compreensível que Luis de la Puente tenha considerado ser uma das condições básicas da "buena crianca de los hijos" o ensino dos "exercicios de virtud" - com o auxílio do castigo para dobrar a "ruyn inclinacion" - logo "desde la niñez quando son plantas tiernas, y como cera blanda para recibir buenas figuras"⁹⁷. A insistência no dever do "buen padre" de não se contentar "con la virtud exterior y politica de sus hijos", mas de buscar "la interior del coraçõ, que es la verdadera y solida, y rayz de la exterior"⁹⁸, foi reforçada, justamente, pela afirmação da necessária preocupação constante dos "bons pais" em "criarlos, y sustentarlos, y defenderlos de todos los peligros, poniendose a mucho trabajo, para que sean buenos, *sin perder el cuydado hasta que los ven puestos en estado*"⁹⁹ - um "cuidado" que devia começar desde que os filhos eram "niños", garantindo-lhes boas ocupações "conforme a su edad y capacidad, sin permitirles estar ociosos", a aprendizagem e exercício das "cosas que pertenecen al estado de Christiano"¹⁰⁰ e das "cosas que son necessarias en la Republica para el buen trato y comunicacion de vnos con otros" (que "con dificultad se aprenden sino es en la tierna edad"¹⁰¹), deixando espaço, contudo, para a "recreacion y aliuio del cuerpo condesciendo con su edad y flaqueza..."¹⁰².

Naturalmente, esta vigilância paterna não pretendia prescindir, sobretudo no caso dos rapazes, da formação literária e moral ou política que só o "mestre" podia dar - as páginas que dedicou à escolha dos mestres provam-no¹⁰³-, mas visou estabelecer as bases do futuro comportamento da criança e do "moço" aos mais variados níveis segundo critérios prioritariamente catequéticos e moralizantes que privilegiavam não só a reverência e respeito aos pais, a

do Objecto que deve ter no Estado onde he nacida", Ribeiro SANCHES explicou que não se propunha tratar "daquella Educaçõ particular, que cada Pay deve dar a seos filhos, nem daquella que ordinariamente tem a Mocidade nas Escolas" (como haviam feito obras anteriores, nomeadamente os *Apontamentos para a Educaçõ de hum Menino Nobre* de Martinho de Mendonça de P. e PROENÇA), mas propor uma educação mais ampla - que foi especificando - e mais "util" no "tempo do descanso" (*Cartas*, 286). Afirmou ainda que "naõ basta o bom exemplo dos Paes, nem o ensino dos Mestres; he necessario que no estado existãõ tais Leis que premêem a quem for mais bem creado, e que castiguem a quem não quer ser util, nem a si, nem á sua patria" (*Cartas*, 286-7).

⁹⁷ *Perfeccion del Christiano*, II, 788.

⁹⁸ *Perfeccion del Christiano*, II, 791-2.

⁹⁹ *Perfeccion del Christiano*, II, 795, subl. nosso.

¹⁰⁰ *Perfeccion del Christiano*, II, 790.

¹⁰¹ *Perfeccion del Christiano*, II, 798; eram essas "cosas" o "leer, escriuir y contar, y algunas letras humanas, o artes liberales segun la inclinacion y capacidad de cada vno, y segun el estado, y oficio a que sus padres le endereçan".

¹⁰² *Perfeccion del Christiano*, II, 799.

¹⁰³ *Perfeccion del Christiano*, II, 800-804.

obediência, o sustento na velhice¹⁰⁴, mas também a "modéstia", a "cortesia", o "bem falar", as "boas obras" que caracterizavam o "discreto moço", como veremos, e que deveriam ser "incorporadas", para serem "naturais", desde muito cedo.

É, neste contexto, muito significativo que outro jesuíta, Francisco Escrivá, tenha dedicado todo um discurso dos seus *Discursos de los Estados* à afirmação das responsabilidades dos pais - directa e indirectamente - na "criação" e "ensino" dos filhos¹⁰⁵, privilegiando, obviamente, o "ensino christão"¹⁰⁶, o "cuydado de su alma"¹⁰⁷ desde a "niñez", quer através das "boas razões", da "muy buena criança, y enseñanza"¹⁰⁸, quer do, quando necessário, castigo, ou ainda de alguma severidade para lhes evitar as excessivas "vontades"¹⁰⁹. É, portanto, lógica a sua afirmação - que é também a de muitos outros - de que os filhos maus o eram, por vezes, por culpa dos pais que os educaram mal ou os não castigaram¹¹⁰. Não nos surpreende, assim, que tenha reafirmado, com os autores anteriores e contemporâneos, a importância decisiva

¹⁰⁴ *Perfeccion del Christiano*, II, 806-810.

¹⁰⁵ ESCRIVÁ, *Discursos*, "Discurso III. De la cuenta que han de dar a Dios los padres de sí, y de sus hijos", 207-274. O discurso anterior, ou seja, o Discurso III (207-274), foi dedicado ao modo "Como estan obligados los hijos a honrrar, y obedecer, y servir a sus padres". É significativo que este jesuíta tenha começado aquele discurso com a afirmação de que "Si es grande la obligacion que tienen los hijos de honrrar, y servir a sus padres, no es menor la que tienen los padres, de criar, y enseñarlos por el camino de la virtud, y ley de Dios, y guarda de sus mandamientos" (*Discursos*, 207), marcando o âmbito catequético e moral dessa "criação" e "ensino".

¹⁰⁶ *Discursos*, 209, em que traduziu S. Paulo (*I Tim.* 5). Cf. igualmente 225 e 241.

¹⁰⁷ *Discursos*, 214-5 e 218: "Padres el estudio, y cuidado que poneys en hazer ricos a vuestros hijos, poneldo en hazer los buenos (...) es mayor la obligacion que tienen de mirar por la salud de su alma, y medro, y aumento della".

¹⁰⁸ *Discursos*, 220 e 222.

¹⁰⁹ Não sendo, manifestamente, muito adepto do recurso ao castigo - sobretudo com frequência -, este jesuíta considerou-o eficaz em algumas circunstâncias, desde que usado com "moderação": "La vara dize de la diciplina, significando que el castigo ha de ser con discrecion, y moderacion, sin ira, y sin passion. Vara de diciplina, para corregirlo, y no de indignacion, y seucicia, para maltratarlo"; ou seja, "los padres ni han de ser muy blandos para con sus hijos" porque "La blandura, y regalo de los padres haze ruynes y viciosos los hijos", "ni tampoco han de ser muy duros, y asperos" (*Discursos*, 222-224). Cf. igualmente 225, 227 ss.

¹¹⁰ *Discursos*, 233: "El hijo malo, principalmente si es malo por culpa de su padre, por auerle criado mal, sera dolor de su alma", e 234: "El padre que dexa de corregir, y castigar a su hijo, no le ama, sino antes le aborrece, y es causa de su perdicion, y muerte"; cf. ainda 238: "Los padres y madres tienen la culpa de las culpas, y pecados de los hijos y de las hijas; no solo porque no los criaron bien, sino porque los criaron mal: y en lugar de emponerlos en lo que es virtud, y temor de Dios, los emponen en lo que es vanidad, y pecado, o disposicion para el" (subl. nosso). Esta é, aliás, uma afirmação frequente neste tipo de obras. Veja-se, em particular, o *Manual de Casados* de Ignacio de ANDUEZA, fl. 90r. e 94v. Também o dominicano português Pedro de SANTA MARIA expressou, em termos muito semelhantes, a mesma ideia no *Tratado da boa Criaçam*, esp. fl. 39r e v. e fl. 138v.). Cf. também *Ceo de Graça*, 225-6.

do exemplo paterno para o comportamento dos filhos: "Lo tercero, y lo que mas haze al caso, e importa que hagan los padres, es que *den buen exemplo a sus hijos*. Si el padre quiere que su hijo sea bueno, sealo el"¹¹¹. Um exemplo que era tanto mais necessário quanto a sua ausência ou o seu oposto podia ser gravemente nefasto para os filhos e para todos os da "casa": "Quando los padres no solo pecan, sino que pecan de manera que su pecado es publico, y manifesto, y sus hijos, y todos los de su casa lo veen, y entienden, y tomando mal exemplo dellos, los imitan y pecan como ellos: entonces los padres y los hijos son castigados..."¹¹². Claro que este autor também não deixou em silêncio os critérios de escolha dos aios e mestres e as funções destes para a educação literária, política e moral das crianças, mas fê-los igualmente depender, como veremos, dos mesmos objetivos primordiais que ditaram estes conselhos vários especialmente destinados aos pais.

Preocupações idênticas - e com semelhante orientação - encontramos nas *Obligaciones de todos los Estados y Oficios* (1619) do agostinho Juan de Soto, que começou o capítulo dedicado ao "estado de Padres, y Madres, y sus obligaciones"¹¹³ afirmando que "Si a los Padres les corre obligacion natural de dexar a sus hijos sustento, mayor la tienen de dexarlos bien enseñados", "enseñanza" que só existiria onde houvesse "buen exemplo"¹¹⁴, "disciplina" e "correccion"¹¹⁵. Daí a insistência - como o fizeram muitos outros - na virtude e no amor moderado dos pais¹¹⁶ - e no cuidado particular que, sobretudo, as mães deveriam ter na educação das filhas: um cuidado que os vários textos da época tenderam a valorizar cada vez mais, como veremos.

Ainda mais significativas que estes textos que referiram o problema desde a perspectiva das obrigações dos casados enquanto "pais de famílias" se apresentam as obras e os textos que abordaram o tema em contextos literariamente diversos dos matrimoniais, realçando ainda mais a sua prioridade moral e social. Um dos exemplos mais interessantes desta "nova" corrente é *El Filósofo del Aldea, y sus Conversaciones familiares, y Exemplares, por casos, y*

¹¹¹ *Discursos*, 246, subl. nosso.

¹¹² *Discursos*, 271.

¹¹³ *Obligaciones*, fls. 112v.-120r. O cap. XXV é dedicado aos "hijos de familias, y sus obligaciones", fls. 121-126.

¹¹⁴ *Obligaciones*, fl. 112v.

¹¹⁵ *Obligaciones*, fl. 113v. Acrescentou também, como os autores anteriores e contemporâneos, a importância do ensino e exemplo paterno: "...quien le ha de dar forma de virtud, ha de ser la lengua del padre, enseñandole doctrina saludable, y dandole buenos consejos, y sobre todo buen exemplo..." (fl. 114r); "Sean pues los padres virtuosos, si quieren que los hijos lo sean..." (fl. 115v.).

¹¹⁶ *Discursos*, fl.115v. ss. Também este autor recorreu, como o fizeram outros anteriores, entre eles Luis de LA PUENTE e Francisco ESCRIVÁ, ao exemplo da avestruz. Pelo contrário, "El verdadero amor con ellos, es criarlos en santas, y loables costumbres en temor de Dios, mirando por ellos, y castigandolos, porque quien los perdona el açote los aborrece..." (*Discursos*, fl. 116v.).

sucessos casuales, de Don Baltasar Mateo Velazquez, uma obra em diálogo e tematicamente variada editada em 1626 e que começa, justamente, com uma "Conversacion" em torno "de la buena y mala crianca de los hijos, y de sus bienes y daños"¹¹⁷. É, desde o nosso ponto de vista, curioso notar que o círculo dos dialogantes, constituído por um cavaleiro e por outras "personas nobles, y de letras"¹¹⁸, algumas delas "graduadas en diferentes facultades"¹¹⁹, escolheu para perguntar ao "filosofo del Aldea" - que "lo mas del tiempo gastaua en leer libros de Romance, assi Dotrinales, como Historiales"¹²⁰ - uma "*materia que les pareciesse mas a proposito, o les fuesse de mas gusto en esta primera conuersacion*"¹²¹. A escolhida pelo "Caualeiro" foi, precisamente, o "modo con que se criauan los hijos, assi de nobles, como de los plebeyos en estos nuestros tiempos y hedades", socorrendo-se o "filósofo da aldeia" simultaneamente do "que sobre esto tenia visto y leydo"¹²². Também significativa foi a sua afirmação, com que começou a resposta, de que sobre o "*modo con que se crian los niños que oy nacen en nuestra Republica: mas valiera derramar lagrimas, que pronunciar palabras*" dada "la sin razon de que oy vsan, el descuydo, y crueldad de los padres destes tiempos, en los mas de los estados..."¹²³.

Discordando abertamente de Quintiliano que não acreditava nos efeitos dos "preceptos del Arte" onde "no ay buen natural"¹²⁴, socorreu-se das mais variadas autoridades para provar o quanto "puede el arte y el exercicio, y vso continuado contra la misma naturaleza, y sus duras, y ruynes inclinaciones". A consequência seria óbvia: "si con el niño de mas ruyn y mala inclinacion,

¹¹⁷ B. MATEO VELÁZQUEZ, *El Filosofo del Aldea*, Pamplona, por Pedro Dullort, 1626 (as licenças são de 1624), fls. 1-23. Este diálogo apresenta, nas suas primeiras folhas, o argumento e a justificação da obra, começando por nos apresentar este "filósofo de aldeia", um lavrador mais culto que os seus vizinhos porque "...lo más de lo tiempo gastaua en leer algunos libros de Romance, assi Dotrinales, como Historiales" (fl. 1r e v.), o que lhe valia tanto a inveja de uns como a admiração de outros. Intervinha sempre que "...se tratavan questiones, y disputas familiares y domesticas, como ciuiles y políticas, y en todo dava con prudencia su cuerdo parecer, y censura" (fl. 3r). A fama do seu saber chegou aos ouvidos de "cierto cavallero moço, dotado de naturaleza, y fortuna de sus bienes, que hazen a vn hombre bien opinado, bien morigerado, bien nacido, y bien rico..." que o mandou chamar, dando origem a estas "conversações", que começaram, justamente, com a "conversação" referida.

¹¹⁸ *El Filosofo*, fl. 3r: "Iuntavanse en su casa deste Cavallero, personas nobles, y de letras, muy de ordinario, y tratauase de materias diuersas, aunque tenia lastimado a Don Juan (que este era su nombre) el ver que estos buenos ratos tuuiessen tan mal fin, como parar siempre en jugar...". Deste modo, "para desarraygar el vicio del juego de su casa, mandó llamarle..."

¹¹⁹ *El Filosofo*, fl. 3v.

¹²⁰ *El Filosofo*, fl. 1v.

¹²¹ *El Filosofo*, fl. 3v., subl. nosso.

¹²² *El Filosofo*, fl. 3v-4r.

¹²³ *El Filosofo*, fl. 4r., subl. nosso.

¹²⁴ *El Filosofo*, fl. 4r-v.

huviessse cuydado en quien le cria, vna piedad christiana, y vna diligencia paternal, no saldrian tan mal diciplinados, y peor morigerados los mancebos, y donzellas de nuestros siglos..."¹²⁵. Deste facto tirou duas conclusões: a primeira, "que luego desde los primeros años se le enseñe al niño lo bueno que ha de aprender, conforme a la calidad suya, y estado que á de tomar..."; a segunda, que muitos "daños, destruyciones, y ruynas" de "muchas honras y casas" e de "muchas vidas y haciendas" resultaram de "auer fiado los padres la criança de sus hijos de ruynes, y poco esperimentados Maestros y ayos: por auerles permitido ellos propios algunas libertades demasiado licenciosas, y dexalos comunicar y tener familiaridad con otros moçuelos, y vezinos de malas inclinaciones, y peores costumbres"¹²⁶. Toda a sua argumentação - com o recurso a autoridades clássicas, a exemplos, um deles narrando o descuido de um pai¹²⁷ - teve por finalidade principal tentar provar o quanto a cuidada e vigiada educação nos primeiros anos de vida era considerada essencial para "moldar" e "formar" o futuro "moço", que se desejava "discreto", "cortesão", "muy compuesto en sus palabras" e "muy exemplar en sus obras"¹²⁸. Por isso foi instado a discorrer sobre a importância da amamentação materna, especialmente das filhas¹²⁹, remetendo para a autoridade tanto de *La Perfecta Casada*, como do *Tratado de los Privilegios de las Preñadas* do Doutor Juan Alonso, já que considerou estar escrito "en entrambos" o que "suficientemente basta para culpar a las madres que pudiendo criar sus hijos a sus pechos, quieren que mamen en la leche agena, resabios estraños, especialmente si son hijas..."¹³⁰.

Assim, este diálogo - que não foi muito mais longe que a repetição e fundamentação do princípio da educação dos filhos desde muito cedo - apresenta-se muito sugestivo e revelador dessa "prioridade", sobretudo porque o seu contexto não era o dos tratados matrimoniais - em que o tema surgia naturalmente -, mas o das "conversações familiares" e políticas que seleccionavam apenas determinados assuntos que não tinham, necessariamente, ligação directa entre si. Deste modo, a escolha deste assunto para "inauguração" das "conversações familiares" - que visavam desterrar da casa deste cavaleiro "el vicio del juego" em que até aí se ocupavam os seus convidados - e a seriedade de que a discussão se revestiu mostram a importância que este debate tinha por estas décadas, o que é igualmente confirmado por obras posteriores, desde obras ou textos ascéticos até alguns "tratados" de comportamento social do século XVII, focalizando estes a vida social - sobretudo a de corte ou "à maneira" da

¹²⁵ *El Filosofo*, fl. 5r., subl. nosso.

¹²⁶ *El Filosofo*, fl. 6r-v.

¹²⁷ *El Filosofo*, fl. 10v e ss.

¹²⁸ *El Filosofo*, fl. 6v-7r. Mais adiante, debruçar-nos-emos sobre este modelo do "moço".

¹²⁹ *El Filosofo*, fls. 14v e ss. Retomaremos este aspecto mais adiante.

¹³⁰ *El Filosofo*, fl. 14v e ss.

corte - desde diferentes prismas e objectivos e que parecem também tender a valorizar o "adequado" comportamento moral e social dos "moços"¹³¹ cultivado deste os tenros anos.

Sob este ponto de vista, vários textos portugueses do século XVII fornecem indicações importantes sobre a orientação da educação infantil - continuamos ao nível da "criação" dos filhos desde os "tenros anos" - ao longo de seiscentos. Um dos textos mais interessantes e curiosos é, como dissemos, o "esquecido" *Tratado da boa criação e policia christãa em que os pais devem criar os seus filhos* do dominicano Fr. Pedro de Santa Maria, editado em 1633¹³². O primeiro capítulo desta obra intitula-se - e a escolha do título é bem significativa das orientações que temos vindo a discutir - "Da excellencia do estado do Matrimonio", mas pretendeu, no essencial, provar a responsabilidade dos pais não só de servir de exemplo aos filhos¹³³, mas também de os deixar "herdeiros de bons costumes, polidos na virtude, que os tais são os que se lembrão de quem os gérou..."¹³⁴, para o que foram especificamente orientados os capítulos seguintes¹³⁵. Curiosamente, a sua maior insistência, no que diz respeito à educação da primeira infância, foi dirigida às mães que, sem esquecerem a necessária sujeição ao marido¹³⁶, foram exortadas, no âmbito dos seus deveres relativos às "cousas, e bom governo de sua casa das portas adentro", a "ensinar a seus filhos" e serem "mestra[s] de seus Filhos, no que toca aos bons costumes dela..."¹³⁷. Com todas as vozes anteriores - nomeadamente a de Guevara - e do seu tempo, não se cansou de reafirmar a obrigação da "verdadeira" mãe de amamentar ela própria os seus filhos - "porque como os filhos recebem no leite a compleição, e inclinação de quem os cria, tambem

¹³¹ Trataremos este aspecto um pouco mais adiante.

¹³² De momento, interessa-nos nesta obra a sua primeira "parte", que podemos situar entre o início e o cap. XIX. Cf. M^a de L. FERNANDES, "Modelos educativos", esp. 315-6.

¹³³ *Tratado da boa criação*, fl. 17v: "vendo os pays os danos que a seus filhos fazem (não sendo elles bons) procurem de o ser, pellos não deixar maos, mas liures de tantas fianças, e não sogeitos a tão certos desastres, no que não aduertindo, desherdão suas almas do Ceu..."

¹³⁴ *Tratado da boa criação*, fl. 18r.

¹³⁵ Depois de aconselhar a "moderação" dos casados e a sujeição da casada (cap. II, fls. 4v-12v), o autor tratou no cap. III do "excessiuo amor dos pays para com os filhos, e o quam grande merce de Deos seja o alcançalos" (fls. 12v-18r), na sequência do qual referiu os cuidados a ter durante a gravidez (cap. IIII) e o dever materno de aleitamento dos filhos (cap.V).

¹³⁶ *Tratado da boa criação*, fl. 6r: "Nem ensinar, nem mandar sobre o homem, posto que no que toca às cousas, & bom governo de sua casa das portas adentro licença tem pera ensinar a seus filhos..."

¹³⁷ *Tratado da boa criação*, fl. 6r.

recebem os costumes"¹³⁸ -, ensinando-lhe ao mesmo tempo a "bem falar", base dos "bons costumes" que ditaram o seu modelo de criança e de "moço"¹³⁹.

Mas para a consolidação de todas as "virtudes" não podia faltar a vigilância paterna, nomeadamente em relação aos vícios, a fim de os não deixar ganhar raízes logo na infância: "Sejaõ logo os pays medicos, e cirurgioens de seus filhos, cortandolhe as rayzes dos vicios, doutrinandoos, e cauterizandoos, e não deixem enfistolar as chagas, que causando podridaõ nos costumes, fiquem ambos abominaueis a Deos, e aos homens, e ambos como cumplices na culpa castigados..."¹⁴⁰. Como seria de esperar, Pedro de Santa Maria também privilegiou o ensino da doutrina cristã como suporte da "boa criação" dos filhos, afirmando que a "fê, e confiança em Deos, he a que se deue plantar no coração dos tenros filhos, instruindoos, & ensinandoos na deuação, e conhecimento dos mysterios de nossa redempção, e do verdadeiro Deos, e senhor..."¹⁴¹. Tal como os autores anteriores e seus contemporâneos - especialmente os que adoptaram uma orientação "galateica" -, este dominicano pretendeu, sobretudo, garantir a "boa criação", os "bons costumes" do "discreto e polido moço" através de uma cuidada educação desde a mais tenra infância. É bastante claro o seu voto de que os filhos "indo crescendo em idade, creçaõ juntamente em doutrina, e sciencia mais solida, e leuantada, e de pensamentos mais subidos..."¹⁴², para poderem aparecer aos olhos de todos como "bem criados", "bem doutinados", "polidos" e "virtuosos"¹⁴³, correspondendo, também eles, aos preceitos que o *Galateo Español* vinha largamente divulgando¹⁴⁴.

¹³⁸ *Tratado da boa criação*, fl. 20v. Acrescentou ainda que "o que importa he, que se foraõ mãys em os parir, os sejaõ em os criar: e lhes faço mais a saber, que o sairenlhe os filhos tão auesos, e encontrados nos costumes dos que os gêraõ, nasce do leite que mamarãõ" (fl. 21v).

¹³⁹ Cf. fl. 27v: "Ensinar a falar aos filhos tambem he officio da mãy (...). E diria eu, que sò o ensinar a falar aos filhos quando pequenos está á conta das mãys, e ensinalos a bem falar està à conta dos pays, ou dos mestres, que nas escholas os ensinaõ a ler, e a escreuer, & as mais artes liberaes". Este "bem falar", ou "bom falar", diz este dominicano que "não consiste no muito, *mas no bom modo e casto lingoagem, vzando delle como, e quando conuem*; porque muitas vezes mais prudente se mostra hum sendo sofrido e callando, que arremessado falando" (fl.29, subl. nosso). Este "bem falar" seria fundamental no moço "polido e virtuoso".

¹⁴⁰ *Tratado da boa criação*, fl. 43r.

¹⁴¹ *Tratado da boa criação*, fl. 44r.

¹⁴² *Tratado da boa criação*, fl.44v.

¹⁴³ Temos o dever de remeter, novamente, para o nosso artigo "Modelos educativos", dado termos já aflorado lá este aspecto.

¹⁴⁴ Veja-se, em particular, o "Estudio Preliminar" de Marguerita MORREALE à edição do *Galateo Español* de Lucas GRACIÁN DANTISCO, Madrid, 1968, 1-63, bem como os trabalhos de J. A. de CARVALHO, "A leitura de *Il Galateo* de G. Della CASA na Península Ibérica: Damasio de Frias, L. Gracián Dantisco e Rodrigues Lobo", in *Revista Ocidente*, LXXIX (1970), 137-171 e, muito especialmente, a "introdução" à edição da *Corte na Aldeia* de R. LOBO, Lisboa, 1991, 7-42.

Alguns anos mais tarde, em 1644, também o *Opusculo da Infancia e Puericia dos Principes e Senhores*¹⁴⁵ de Francisco da Silva disse, logo no título, ter como objectivo a *boa criação na idade mais tenra*. E mesmo tendo em conta as circunstâncias particulares da sua redacção e a dependência, nomeadamente no que diz respeito aos aspectos tratados, em relação a vários tratados medievais e renascentistas sobre a educação do príncipe, os critérios dessa selecção e o modo como os tratou obrigam-nos a salientar a comunhão de muitas das perspectivas já aqui referidas em relação à educação dos nobres. Deste modo, é significativo não tanto o modo como referiu o aleitamento materno e o recurso às amas¹⁴⁶ ou a escolha dos aios e mestres¹⁴⁷, mas como afirmou a elevada importância da "humilde materia da Infancia, e puericia" na formação do jovem - em particular do príncipe -, tendo em conta a sua qualidade de "alicesse alto sobre que se funda o grande edificio da adolescencia, e virilidade de hum perfeito Principe"¹⁴⁸; mais importante ainda é, desde o nosso ponto de vista, o modo como acentuou o modo de falar das crianças - "brando, e não aspero, e pertinaz, engraçado, e não importuno...", sem gestos, com palavras "inteiras e não diminutas" e "custumadas no Reyno", "cortesese", "castas, proprias, e claras", sabendo igualmente "calar"¹⁴⁹ - e o modo como aconselhou a que os príncipes, "na tenra idade", fossem "doutrinados no amor, e Temor de Deos, cujo ensino he proprio dos pays"¹⁵⁰, tendo mesmo afirmado que "o prudente, e

¹⁴⁵ Nesta obra, oferecida a D. Pedro de Meneses, Bispo de Miranda, os primeiros parágrafos (em que está dividida a obra) tratam da "duraçã da vida humana" (1º), da sua repartição em idades (2º), da "influencia dos Astros, e Planetas" na "conceição, e nacimiento do homem (3º), que servem de introdução tanto às considerações em torno do nascimento - e significado deste - e do baptismo do Infante D. Afonso, como aos parágrafos sobre a "criação" dos príncipes e senhores, de que se ocupa todo o resto da obra.

¹⁴⁶ É facilmente perceptível, neste aspecto, a sua dívida em relação à forma como os tratados renascentistas - italianos e castelhanos - de educação de príncipes e senhores trataram o problema. Apesar de afirmar o dever da mãe de amamentar o próprio filho (parágrafo nono), dedicou um longo parágrafo à enumeração das "qualidades" das amas dos príncipes, remetendo para fontes tão díspares como as "leys de Castella" (*Opúsculo*, 44), a *Silva Nupcial* de NEVIZAN (48, 49, 50), ou os *Adagios* de ERASMO (50), ou a carta de S. JERÓNIMO a Leta(52).

¹⁴⁷ Também neste aspecto a sua dívida em relação a obras do século XVI - ou que este acarinhou - é muito notória, e o próprio autor não deixou de citar algumas delas, como o *Marco Aurélio* - assim era frequentemente citado o livro do Bispo de Mondoñedo -, ou o *Espelho do príncipe cristão* de Francisco de MONZÓN... (*Opusculo*, 58-9).

¹⁴⁸ *Opusculo*, 11, subl. nosso.

¹⁴⁹ *Opusculo*, 62-5.

¹⁵⁰ *Opusculo*, 66-72. Especificou mesmo que "...proximo ao vso de razão vai o Principe chegando a sete annos, e depois em toda a puericia, em primeiro lugar depois de ensinado a falar, gaste o tempo acompanhado de outros mininos em sanctos, e honestos exercicios, accommodados a sua idade, que afeição o animo ao culto, e veneração das cousas sagradas que depois no governo ha de trazer em primeiro lugar diante dos olhos..." (*Opusculo*, 67). Insistiria mais adiante na conveniência, para uma luta eficaz contra os "vicios, e maos costumes", que "o infante seja ensinado na virtude, e amor de Deos logo nos primeiros annos... porque se imprime nelles melhor o

catholico Rey, posto que dè a seus filhos Mestres, e Aios, que cuidem de seu ensino, e doutrina; contudo algumas cousas não deuem fiar tanto delles, que elle mesmo lhas não ensine tambem..."¹⁵¹. São igualmente interessantes - porque muito ao gosto dito "barroco" - as suas reflexões em torno do "comer dos Príncipes" (que as próprias Crônicas destacavam) e do modo de estar à mesa, no que partilhou, no essencial, dos preceitos que a "literatura de civilidade", com o *Galateo* à frente, vinha estabelecendo¹⁵², bem como o modelo de "perfeição" do príncipe - que o distinguisse de todos os outros homens¹⁵³ -, manifestado ao nível do seu comportamento social, desde o modo de andar e de vestir até ao modo de rir e de falar ou ao conhecimento de muitas línguas¹⁵⁴.

Deste modo, também esta obra testemunha, ao seu modo, tanto a valorização da "boa criação" da primeira infância e puerícia, como o seu lugar determinante na "formação" do futuro "moço", nomeadamente do príncipe; testemunha ainda o sucesso de muitas propostas dos tratados renascentistas de educação de príncipes que tendiam, como vimos, a valorizar - com alguma timidez ainda, se os compararmos com as obras do século XVII - a educação dos príncipes também pelos pais, ou, pelo menos, sob a sua vigilância e orientação. E, nestes casos - exemplifiquemos com o da Infanta D. Maria e o de D. Sebastião -, sabemos como, quantas vezes, essa "educação" pelos pais (nomeadamente pela mãe) foi impossível...

Mas a melhor prova da difusão e do sucesso daquele modelo educativo será encontrada em obras socialmente menos marcadas, como as que se inserem no campo da literatura de espiritualidade, entendida aqui num sentido relativamente amplo, não limitada aos tratados místicos ou da vida espiritual. Duas dessas obras - o *Regimento Espiritual pera o Caminho do Ceo* (1654) do Pe. Francisco Ayres e a *Verdadeira Nobreza* de António Pinho da Costa, editada em 1655¹⁵⁵, enunciaram o essencial dos mesmos princípios, lembrando ambas a importância da exemplaridade dos pais¹⁵⁶, do aleitamento materno¹⁵⁷ e do

habito dos bons costumes: e naquelle tempo pode tanto o bom ensino, que obra contra a propria inclinação natural..." (Opusculo, 72, subl. nosso).

¹⁵¹ *Opusculo*, 69.

¹⁵² Neste aspecto são notórias as coincidências com alguns dos dos mais importantes tratados de cortesia e civilidade, desde o *Galateo* ao *Tratado da boa criação e policia cristã* de Pedro de SANTA MARIA.

¹⁵³ *Opusculo*, 90 e 91.

¹⁵⁴ *Opusculo*, 89-93.

¹⁵⁵ *A Verdadeira Nobreza*, esp. 69-80.

¹⁵⁶ Cf. *Regimento Espiritual*, esp. 5 e 24; *Verdadeira Nobreza*, esp. 70: "E o pay, que quer ter bom filho, sejam elle primeiro..."

¹⁵⁷ F. Manuel de MELO, *Carta de Guia*, 96: "...como disse hum sabio, quem antes de nos ver e conhecer, nos sustenta nove mezes dentro em si, porque, depois de nos ver e conhecer, nos engeita e busca outrem que nos sustente?". O não tratamento pormenorizado da educação dos filhos nesta

ensino das "virtudes", dos "bons costumes", da doutrina cristã a partir da "sua tenra idade"¹⁵⁸, da repreensão e castigo das "suas desordens"¹⁵⁹, da obediência ao pais, sacerdotes e outras pessoas...¹⁶⁰.

Mais exaustivo ainda foi o jesuíta Alexandre de Gusmão, que dedicou toda a sua *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*, editada em Lisboa em 1685, à afirmação e explicação, por um lado, da "importância", da "utilidade" - num sentido que a Ilustração viria a desenvolver - e da "obrigação" dos pais de "bem criar" os seus filhos¹⁶¹ e, por outro, da necessidade do começo dessa "boa criação" - de que foi delineando os contornos - "logo em nascendo" e durante toda a "puerícia"¹⁶². É certo que este autor sintetizou muitas das propostas que vinham sendo apresentadas por autores anteriores - jesuítas e não só -, mas também é verdade que desenvolveu e fundamentou mais largamente essas mesmas propostas, resultando da sua obra não só uma visão *sistematizada* da educação da infância e puerícia - independentemente das contingências sociais -, mas também uma maior veemência das mesmas, o que resultou, por outro lado, num estilo mais repetitivo. Essa sistematização, que nenhum outro autor anterior (na Península Ibérica) havia conseguido - à exceção de Astete que, como veremos, o havia exemplarmente conseguido, mas para a "juventude" -, é, sem dúvida, um dos traços mais importantes da obra, tendo logrado um equilíbrio entre as atribuições dos pais e dos mestres de que resultou uma visão global do comportamento moral, religioso e social dos "meninos" que este

Carta de Guia resultou das próprias características da mesma, tendo o próprio D. Francisco notado ser "também esta materia larguissima para discorrer nella" e "toca[r] verdadeiramente mais a outro intento, porque o que agora levamos he só apontar regras á vida dos casados, para que levem suavemente aquelle jugo que sobre ambos descansa" (*Carta de Guia*, 97). Cf., igualmente, *Regimento Espiritual*, 6-7.

¹⁵⁸ *Regimento Espiritual*, 10: "...porque esta boa inclinação nem em todos se mostra nos primeiros annos, & em muitos mais se planta do que nace, hão os pays (...) de pôr toda a diligencia em os informar logo no santo amor, e temor de Deos..." (subl. nosso). Cf. igualmente p. 12, 16 e todo o cap.III; *Verdadeira Nobreza*, 73-74 e 76 (em que acentuou a importância do ensino da doutrina cristã).

¹⁵⁹ *Regimento Espiritual*, 17; *Verdadeira Nobreza*, 76.

¹⁶⁰ *Regimento Espiritual*, 17 e esp. cap.VI, 37 ss.; *Verdadeira Nobreza*, 76-77.

¹⁶¹ Os primeiros cinco capítulos desta *Arte de criar bem os filhos* (1685) tratam, justamente, das "utilidades" que se tiram da "boa criação", incidindo o VI cap. sobre a "obrigação" dessa criação pelos pais. Para uma síntese desta obra, veja-se A. G. FERREIRA, "Uma perspectiva sobre a educação da criança nos finais de seiscentos" in *I Congresso de História da Educação em Portugal*, Coimbra, 1987, 65-73.

¹⁶² Por isso foi acentuando, ao longo de toda a obra, os efeitos dessa "boa criação", afirmando que "nam ha condiçam de minino tam ruim, que nam possa ser domada pela boa creaçam..." e que "o minino de inferior condiçam bem ensinado pôde igualar ao que tem a condiçam de ouro, faltandolhe a creaçam" (*Arte*, 134-5, subl. nosso). Além disso - não se cansou de o reafirmar em toda a obra, contra os que não encontravam solução para as "más condições" de algumas crianças -, "nenhum pôde ser de tam máo natural, que doutrinado, & domado nam possa ser de proveito por meyo da boa creaçam..." (*Arte*, 139).

jesuíta quis "fazer bons", para que viessem "a ser Santos"¹⁶³. Mas não menos importante - porque sabemos que o século XVIII o acarinhou - é a afirmação, repetida, insistente..., de um certo "determinismo" da educação em detrimento da "natureza". Poderíamos multiplicar passagens da obra que afirmam - repetimo-lo, *insistentemente* - a mesma ideia básica: "conforme for a primeira doutrina, conforme a primeira educaçam, que derdes a vossos filhos, podereis conhecer, o que han de vir a ser; seram bons filhos, se forem bem criados na puerícia, & máos, se forem mal formados no principio"¹⁶⁴; além disso, "tudo pode succeder nos filhos, ainda que sejam de seu nascimento toscos, & rudes, se com elles ouver cuidado em os crear"¹⁶⁵, porque "o minino bem disciplinado *necessariamente* ha de ser de bons costumes..."¹⁶⁶.

Não só este jesuíta começou esta obra com a lembrança aos "Pays de familias" da importância da "boa creaçam dos Mininos", como afirmou mesmo ser tarefa especialmente agradável a Deus: "Persuadamse os pays de familias, que *nenhüa cousa põdem fazer a Deos mais agradável, e que melhor lhes haja de pagar nesta, e na outra vida, que o cuydado na boa creaçam dos filhos em quanto mininos*, e governar sua familia pelos ditames da razam, porque ainda que todas as mais obras de piedade lhe sejam muito agradaveis, nenhüa lhe agrada tanto como este santo, e diligente cuidado"¹⁶⁷.

Também nenhum autor anterior colocou com tanta clareza o lugar relativo da mãe nessa "boa creaçam". É certo que quase todos os autores que vimos referindo afirmaram que os "bons costumes" se "bebiam" com o leite materno, razão principal da insistência na amamentação pela mãe e não pelas amas. Mas poucos foram além da afirmação deste princípio, deixando com frequência em silêncio as características da "educação" pela mãe depois do período de aleitamento (exceptua-se, como veremos, o caso das filhas). Quando o referiam, era para recomendar o uso de palavras "castas" ao ensiná-los a falar e o ensino dos rudimentos da doutrina cristã e de algumas práticas devotas, como vimos. Os poucos que foram mais longe fizeram-no para lhe negar capacidade ou autoridade em toda a espécie de ensino que fosse além desse. Como afirmou Pedro de Santa Maria - que até foi bastante exigente em relação

¹⁶³ *Arte*, esp. 336 ss. Mas o tom foi dado logo no cap. I, no começo da obra, ao afirmar que "é de tanta importancia, ó Pays de familias, a boa creaçam dos filhos na idade da puerícia, de tam infelices consequencias sua ruim educaçam, que de hũa, e outra cousa pela maior parte depende o bom, ou máo successo de vossas familias. Se vossos filhos forem criados desde sua primeira idade em santos, e honestos costumes, podereis esperar delles boa ventura. Se pelo contrario forem criados em liberdade de vida, e depravados costumes, podereis com fundamento temer a ruina de vossas familias, e de toda a Republica o escandalo" (*Arte*, 1-2).

¹⁶⁴ *Arte*, 4, subl. nosso.

¹⁶⁵ *Arte*, 15.

¹⁶⁶ *Arte*, 21, subl. nosso.

¹⁶⁷ *Arte*, 74, subl. nosso.

às obrigações maternas -, "o ensinar a falar aos filhos quando pequenos está á conta das mãys, o ensinalos a bem falar está à conta dos pays, ou dos mestres, que nas eschololas os ensinão a ler, e a escreuer, e as mais artes liberaes"¹⁶⁸.

Alexandre de Gusmão foi mais preciso, não tanto na delimitação das competências quanto no das responsabilidades. Recuperando velhos debates - nomeadamente o das diferenças entre o amor materno e o paterno, que referimos na primeira parte deste estudo -, este jesuíta pretendeu tornar mais explícitas as razões que favoreciam o primado da educação doméstica na formação dos "bons costumes". Ou seja, tornar mais claras as diferentes etapas da educação infantil, do que resultou igualmente uma valorização relativa da educação materna também na puerícia. Perante a questão de saber "qual destas doutrinas he mais util aos filhos, a do pay, ou a da mãy", A. de Gusmão afirmou categoricamente que "em quanto os filhos sam mininos de mais proveito lhes he a doutrina das mays...", donde "vem, que o sairem os filhos bem ou mal criados, se atribue ás mãys", porque "a má creaçam dos filhos mais se atribue ao descuido das mãys, do que á negligencia dos pays..." e "o mesmo se ha de dizer da creaçam moral se sairem mal criados nos costumes"¹⁶⁹. Além disso, a presença mais constante da mãe junto dos "mininos" proporcionar-lhes-ia igualmente "mais occasiam de lhes assistir com o ensino, e de os corregir com a reprehçam" ao mesmo tempo que se fazia mais influente¹⁷⁰. Assim se compreende que tenha concluído esta questão afirmando "a obrigaçam maior, que ocorre ás mays de crear bem os filhos, emquanto sam mininos; porque depois de chegarem á idade juvenil, mais necessitam da disciplina, e coreççam do pay, a qual será muito suave, *se na puerícia forem bem dispostos pelas mãys*"¹⁷¹.

Deste modo, não só este autor valorizou mais ainda do que os anteriores a "boa criação" da infância e da puerícia - condenando com veemência os que os "engeitavam" para os não criar¹⁷² -, como responsabilizou mais directamente a mãe pela "má criação" dos filhos tanto na infância e puerícia como nas idades posteriores, nomeadamente a juventude, já que daquelas dependiam os "bons costumes do mancebo" e que este "conforme o caminho que tomar na puerícia, ha de ser o que seguirá depois na velhice"¹⁷³. Não será por acaso que, no início da obra, Gusmão pediu às mães que

¹⁶⁸ Pedro de SANTA MARIA, *Tratado da boa criação*, fl. 27r., subl. nosso. Explicou ainda que "o bom fallar não consiste no muito, mas no bom modo e casto lingoagem, vzando delle como, e quando conuem; porque muitas vezes mais prudente se mostra hum sendo sofrido e callando, que arremessado falando" (fl. 29r).

¹⁶⁹ A. de GUSMÃO, *Arte*, 76-79.

¹⁷⁰ *Arte*, 79-80.

¹⁷¹ *Arte*, 80-81, subl. nosso.

¹⁷² *Arte*, 92 ss., subl. nosso. À questão dos expostos - ou "meninos engeitados" - dedicou GUSMÃO os caps. XII-XIV, 92-119.

¹⁷³ *Arte*, 147.

oferecessem esta *Arte* às filhas que se iam casar - logo, que se esperava viessem a ser futuras mães...

Mas, apesar deste autor ter afirmado, como vimos, o imenso poder da educação, não deixou também de reconhecer que nem todos os filhos deveriam ou poderiam ser educados do mesmo modo. Daí que tenha sugerido o recurso a diferentes "artes" - que eram, antes de mais, diferentes "artifícios" de diferentes "artífices"¹⁷⁴, mas também os vários modos e meios¹⁷⁵ - com que os filhos deviam ser moldados de preferência enquanto eram "cera branda"¹⁷⁶.

Esta preocupação com a educação da primeira infância e da puerícia - poderíamos continuar a enumerar pequenos textos que o reafirmaram, entre eles alguns capítulos dos já nossos conhecidos *Ceo de Graça*, *Inferno Custoso* do Pe. Luis Alvares¹⁷⁷ e da *Silva Moral e Historica* do Pe. João da Fonseca¹⁷⁸, além de outros, nomeadamente deste jesuíta¹⁷⁹ - foi, sobretudo, motivada (convém reafirmá-lo) pelas preocupações simultaneamente catequéticas e moralizantes que tendiam, cada vez mais, a "controlar" e "guiar" os comportamentos morais e sociais das gentes de então, a começar, justamente, pelas das crianças e dos "moços". As alusões de muitos destes autores às atitudes "descorteses", "grosseiras" e "rudes" da juventude mostram o quanto se desejava garantir,

¹⁷⁴ *Arte*, 140: "Mas porque as condiçoens dos mininos sam varias, como asima dissemos, bom será valer-se da metaphora dos metaes (...) porque assim como os metaes nam se lavram todos da mesma sorte (...), assim as condiçoens dos filhos, as que sam de ouro ham mister hũa arte, e as que sam de ferro outra, para o qual serve a sciencia, e a experiencia do artifice; e quando o pay nam saiba como ha de lavar o filho, consulte outro official; isto he consulte os politicos previstos nesta materia, isto he, os que escrevêram politicas de mininos, ou como experimentados lhe possam dar conselho" (subl. nosso).

¹⁷⁵ É nisto que consiste toda a II Parte: "Como se ham de auer os pays na creaçam dos mininos" (161 até ao fim). Neste "modo" incluíam-se, fundamentalmente, as diferentes etapas da educação de acordo com as diferentes etapas do crescimento e desenvolvimento da criança, desde o nascimento até à adolescência, passando em revista - e deles fazendo a sua própria leitura -, os princípios gerais que temos vindo a referir: o baptismo (cap. I), a amamentação materna (esp. caps. II e III), o ensino da doutrina cristã (cap. IV-V), o "amor da castidade" (cap. VI), a vigilância paterna, esp. em relação aos vícios (caps. VII-VIII) e aos gostos dos filhos (cap. XI), a exemplaridade dos pais (cap. IX), as companhias dos filhos (cap. X), a severidade paterna, para evitar o mimo (cap. XII), a "piedade, & deuaçam" dos filhos (cap. XIII-XIV), a "eleiçam do Mestre" e a obediência dos "meninos" (cap. XV-XVI), o castigo (Cap. XVII-XIX), o amor dos pais (cap. XX) e a preparação dos filhos para o seu futuro "estado" (cap. XXI-XXIII), os "jogos, & brincos dos mininos" (cap. XXIV), terminando com um capítulo sobre o "especial cuidado, que se deve ter na creaçam das mininas" (cap. XXV).

¹⁷⁶ *Arte*, 145: "e como quer que a idade da puerícia seja como a cera branda, ou como o metal derretido, facilmente se lhe pôde imprimir qualquer fôrma, ou fazer della qualquer imagem...".

¹⁷⁷ *Ceo de Graça* (1692), 225-235, em que falou do exemplo paterno (esp. 224-227), da "boa doutrina" (227-231), do castigo (231-233), do "dar o estado" (233-235).

¹⁷⁸ *Silva Moral* (1696), 46-75, em que é igualmente visível a dependência em relação à *Perfeccion del Christiano* do Pe. Luis de LA PUENTE.

¹⁷⁹ Lembremos que este jesuíta foi também autor de uma "Doutrina" especialmente destinada às crianças, a *Escola da Doutrina Cristã* (Evora, 1688).

socorrendo-se dos mais variados meios, a reprodução dos quadros de valores sociais e morais em que assentava a sociedade dita "barroca" - ou que esta fazia seus. Daí que esta "criação da puerícia", completada pela da juventude, se apresentasse, fundamentalmente, como um dos meios mais eficazes para lograr essa reprodução e o controle moral e social dos comportamentos dos vários grupos sociais, tanto pelo poder civil como pelas autoridades eclesiásticas. Não é original nem exclusiva a afirmação de Gaspar de Astete de que "si en la edad de la juventud es bien enseñada, cierto es que *quando fuere mas hombre sera buen religioso, o buen sacerdote, o buen prelado y pastor de las almas, o buen ciudadano, o buen casado, o buen cauallero*, y todo lo demas"¹⁸⁰ e que com a educação da juventude se podia reformar toda a sociedade¹⁸¹. Pelos mesmos anos, também o Doutor Montoya afirmara ser fundamental para toda a Republica o bom ensino da juventude "porque, de más de que los hijos desconcertados y perdidos son causa de que los padres se pierdan y de que los pueblos enteros se destruyan y deshagan, estos mismos que aora son niños han de venir después a tener mano en las Repúblicas"¹⁸². Por isso não só insistiu em que "no ay que dudar que este negocio de *la buena enseñanza de los hijos es vno de los más importantes que puede auer en la Republica*, y todos los que han tenido olor de virtud han querido antes morir y ver muertos a sus hijos, que verlos mal enseñados y perdidos en las costumbres", como afirmou mesmo que "todo el bien de las Republicas y de los Reynos consiste en la buena educación y enseñanza de los niños"¹⁸³.

Os vários textos do século XVII aqui referidos retomaram e difundiram, genericamente, o mesmo princípio. Afirmaram-no, em termos muito idênticos, o *Manual de Casados* (1619) de Ignacio de Andueza¹⁸⁴, o *Tratado da boa criação* (1633) de Pedro de Santa Maria¹⁸⁵, a *Arte de criar bem os filhos* (1685) de Alexandre de Gusmão¹⁸⁶, e encontra-se implícito ou subentendido em

¹⁸⁰ *Institucion y guia*, "prologo", subl nosso.

¹⁸¹ *Institucion y Guia*, 135.

¹⁸² *Libro de la buena Educacion*, 257.

¹⁸³ *Libro de la buena Educacion*, 259 e 419, subl. nosso.

¹⁸⁴ Efectivamente, este tópico ganhou uma maior importância ao longo do século XVII - e os Ilustrados do século XVIII vieram reforçá-lo, nomeadamente nas suas propostas de "colégios de nobres". Foi retomado no *Manual de Casados* (1619) de Ignacio de ANDUEZA (fl. 90v: "No auria medio mas eficaz para reformar vna republica, como si los padres se hiziessen a vna y *pusiessen cuydado en criar bien a sus hijos (...)* restaurarian todos los daños de las Republicas, porque hijos bien criados, vienen a ser buenos republicanos, padres de la patria, y bien de toda ella...." (subl. nosso)).

¹⁸⁵ *Tratado da boa Criaçam*, esp. fl. 201r: "...nem pode ir bem á républica, quando ao moço falta criação...".

¹⁸⁶ A *Arte de Criar bem os Filhos* de Alexandre de GUSMÃO afirmou-o logo no início e voltou a lembrar a sua importância para "reformatar a Christandade", bem como a "utilidade á Republica" da

diversos outros textos. Mas a clareza das afirmações destes autores é suficiente para mostrar a importância crescente - tornada prioridade - atribuída à educação (nos seus vários sentidos) dos filhos, desde a mais tenra infância até ao momento de tomar "estado".

Neste contexto, mostram-se particularmente interessantes as reflexões em torno da educação moral e do comportamento social dos "moços" e, muito particularmente, das "meninas".

3. *Das primeiras letras à cortesia.*

As orientações da instrução masculina.

Toda a insistência na educação cristã e moral das crianças desde a mais tenra idade pressupunha, simultaneamente, os comportamentos das meninas e dos rapazes, embora fossem, por vezes, bem claras as orientações diferenciadas de acordo com os modelos educativos - num sentido amplo - femininos ou masculinos. A especificidade do modelo educativo "feminino" - sobretudo a partir da "puerícia" - obriga-nos, tal como também o fizeram os vários autores aqui referidos, a uma leitura própria das suas propostas e dos seus pressupostos, pelo que lhe dedicaremos, mais adiante, uma atenção especial. De momento, interessa-nos estudar o modo como foi sendo *concebida* e dirigida a educação - no sentido da instrução e da formação moral e social - dos "moços" que, geralmente a partir dos sete anos, e não apenas ou necessariamente os nobres, eram iniciados, por aios, mestres ou em colégios, nas primeiras letras e ocupações que visavam prepará-los para a futura escolha de "estado".

Uma vez mais, convém tê-lo presente, os modelos educativos que, tradicionalmente, vinham sendo elaborados para a aristocracia ditaram a pauta dos conselhos mais concretos relativos ao comportamento moral e social dos "moços" deste período. O caso mais evidente é o das considerações em torno da escolha de aios e mestres e das funções destes, mas também o das referências a certas ocupações, como a caça, certos tipos de jogos, torneios, etc. Mas tenhamos também presente o domínio ideológico - especialmente visível neste âmbito depois de Trento - do clero e, em particular, da actividade pedagógica dos jesuítas desde a segunda metade do século XVI e ao longo de todo o século XVII, decisiva tanto no campo da evolução do ensino como no da concepção moralizante da educação e do comportamento social¹⁸⁷.

"boa criação dos filhos na idade pueril" porque "della depende todo o seu bem, como de sua falta se segue toda sua ruína" (*Arte*, 38, subl. nosso).

¹⁸⁷ Veja-se, além do clássico estudo de François DAINVILLE, S.I., *L'Education des Jésuites. XVI-XVIIIe siècles*, Paris, 1978, a "Introducción" à ed. da tradução castelhana da *Ratio Studiorum* por C. LABRADOR, M. BELTRAN-QUERA, A. DIAZ ESCANCIANO e J. M. de ESCALERA, Madrid, 1986, 3-119; o conjunto de artigos sobre alguns "Aspects de l'humanisme jésuite au début du XVIIe siècle" in *Revue des Sciences Humaines*, 40 (1975), 245-293. Gian Paolo BRIZZI (a cura di), *La*

Efectivamente, a consideração da forte interdependência do ensino das letras com o da doutrina cristã e das pautas por que se deveria reger o comportamento moral da "juventude" - neste caso dos "moços" - é um dos traços mais marcantes do estabelecimento, pelos diversos autores, das bases da "educação" dos filhos por aqueles que os pais, no caso de terem posses ou na impossibilidade de o fazerem eles próprios, eram levados a escolher¹⁸⁸. Naturalmente, estes mesmos autores não desceram - nestas obras ou neste tipo de obras - ao particular desse ensino, mas revelaram uma clara vontade de lhe marcar as fronteiras morais e os seus princípios norteadores. Poderíamos multiplicar aqui as alusões, os conselhos, as indicações mais ou menos precisas dirigidas aos pais para escolherem os mestres, ou aos mestres para guiar os seus métodos pedagógicos, já que todos os textos nos fornecem listas mais ou menos extensas dessas condições ou desses métodos, para já não falar nas críticas - e no tipo de críticas - aos mestres mal preparados, como as que fizeram Lorenzo Palmireno e Juan Costa¹⁸⁹. Mas baste-nos uma das mais sugestivas desse privilegiar da formação moral - e não só ou sobretudo "literária" do "moço", a começar pela nobreza -, como é o caso do *Libro de la Buena Educacion y Enseñanza de los Nobles*, que deu, compreensivelmente, uma atenção relativamente grande à escolha e características do mestre. Afirmou este autor que "... vn error muy grande, es pensar que el principal oficio del maestro es enseñar la gramática o lengua Latina, y assí, no buscan hombres que tengan más partes que las que les parece que bastan para este ministerio (...) siendo que ni es éste el principal oficio ni lo que más se ha de buscar en el maestro"¹⁹⁰. O que

"Ratio Studiorum". Modelli culturali e pratiche educative dei Gesuiti in Italia tra Cinque e Seicento, Roma, 1981.

¹⁸⁸ A nobreza com posses podia escolher os mestres. Mas muitos não teriam as mesmas condições (o dinheiro ou os bons mestres) e, portanto, deveriam ser eles próprios - na medida do seu saber e possibilidades - a empreender essa tarefa... Foi prevendo essa eventualidade (talvez frequente) que LÓPEZ DE MONTOYA dedicou o último capítulo do seu *Libro de la Buena Educación* (411-419) à "orden [que] tendrán para enseñar y criar bien sus hijos los que no tienen caudal para dalles Ayos y Maestros, o ya que le tengan, no se los quieran dar".

¹⁸⁹ Respectivamente em *El Estudioso del Aldea*, esp. fls. 7 ss. e *Gobierno del Ciudadano*, esp. fls. 567-8. Por isso aconselharam estes e outros autores o pagamento justo àqueles que eram bons. Cf. Juan COSTA, *Gobierno*, 569: "...es menester sea letrado, y sepa bien como ha de enseñar al niño el maestro de casa; y muchas vezes de tenerlos ruynes son causa sus mismos padres, por no ser ellos letrados. que si lo fuessen, sabrian escoger el maestro, que mas conuiene a sus hijos: y otras lo causa la auaricia, que por no dar algo mas a vn bueno, se contentan con el mas ruyn, que hallan..." (subl. nosso). Mais tarde, também o jesuíta Alonso de ANDRADE, no *Libro de la Guía de la Virtud...* (1ª parte, 1642), fez uma observação semelhante ao mostrar a impossibilidade de encontrar um mestre perfeito que congregasse todas as qualidades que os pais gostariam, "y mas siendo tan corto el salario que se dà ordinariamente a los Maestros", afirmando que "ningun dinero [es] mejor empleado, que el que se gastare en tener, y sustentar vn Maestro de prendas semejantes para la educacion de los hijos..." (*Libro de la Guía*, 191, subl. nosso).

¹⁹⁰ *Libro de la Buena Educación*, 309. Precisou ainda que, à imitação dos mestres clássicos que preferiram "enseñar la virtud y buenas costumbres, vsando para esto de la doctrina y preceptos de la

*mais se devia buscar neste era, na sua opinião, "mucha erudición en las ciencias y artes liberales, y en las historias sagradas y profanas, y en todo lo que pertenece a nuestra santa Religión, y, sobre todo esto, mucha virtud y gran prudencia, que todo es bien menester"*¹⁹¹. Chegou mesmo a afirmar ser "de más importancia ser discípulo de buen maestro que hijo de buenos padres", dado ter "tanto poder esta segunda generación del espíritu que se haze en la buena dotrina y educación de los maestros" que "aunque vno haya tenido faltas en los principios de su primera generación, naciendo de baxos y viciosos padres, con esta vence y deshaze toda aquella malicia..."¹⁹². Ou seja, mesmo olhando as características e atribuições do mestre desde a perspectiva da nobreza, este autor, como muitos do seu tempo, não deixou de privilegiar as qualidades por que já vários humanistas haviam pugnado, ou seja, não só a competência "literária", profissional, mas também, ou sobretudo, a sua "perfeição" e superioridade moral capaz de conduzir a criança ou o jovem nos caminhos da "virtude" e dos "bons costumes" e, agora, de lhe ensinar as "cortesias" por que deveria pautar o seu comportamento em sociedade...

Este facto é tanto mais interessante quanto vários autores deste período vinham atribuindo à "ciencia" - num sentido amplo de saber adquirido - uma dimensão de instrumento da "boa criação", dos "bons costumes" que abriam as portas à "perfeição" moral da juventude. Um desses autores, o agostinho Fr. Marco A. de Camos, tratou parte do problema numa interessante passagem de um diálogo sobre a educação dos filhos na idade da adolescência (que situou entre os catorze e vinte e cinco anos¹⁹³). São especialmente importantes as

Filosofía natural y moral y de otras facultades", assim "esto mismo es el oficio para que se han de escoger los maestros entre nosotros..." (*Libro*, 310).

¹⁹¹ *Libro de la Buena Educacion*, 310-311, subl. nosso

¹⁹² *Libro de la Buena Educacion*, 311-312. Cf. igualmente 314: "Ay otra razón muy clara para que vea lo mucho que importa ser el maestro eminente en las ciencias y en las otras cosas que hemos dicho, porque cierto es que *lo que principalmente ha de procurar el maestro de vn Principe es ir plantando en él nobles y grandes pensamientos*, sacados de lo principal de toda la Filosofía humana, y de las santas escrituras, y de varia noticia de las historias, y criando los mismos buenos pensamientos que assí se uvieren plantado" (subl. nosso). Claro que esta afirmação do "poder" dos mestres se enquadra no já referido novo olhar sobre a função da educação que cimentaram, sobretudo, os grandes humanistas, e que os finais do século XVI - como ainda o século XVII - soberam adaptar às suas prioridades catequéticas e moralizadoras. Não querendo multiplicar aqui os exemplos, por desnecessários, baste-nos uma sugestiva passagem do *Gobierno del Ciudadano* de Juan COSTA: "Y así para que no los emborrachen los sensuales deleytes, y estoruen tan prouechoso premio, es menester otra musica mas suave que la de las syrenas, que sera la de las buenas letras" (*Gobierno*, 574). Ou seja, a insistência na escolha do *bom mestre* estaria na razão directa da valorização da "boa criação" e da "boa educação"...

¹⁹³ Marco A. de CAMOS, *Microcosmia*, Dial. nono, 100 ss., esp. 109-112. Foi particularmente significativo o voto de Turritano de que "los padres mandassen exercitar a sus hijos en ciencias, lenguas, en varia lición principalmente, en historia, que es la que enseña a gouernar", ainda que tenha reconhecido que "no todos los hombres son dados a ciencias, ni capaces para aprenderlas...";

afirmações de Valdiglesia, que considerou, na sequência de uma crítica de Turritano ao princípio do "mayorazgo" que "agora esta puesto en vso"¹⁹⁴, deverem os pais "aplicar sus hijos segun sus propensiones". Reconhecendo ser verdade "que las letras, no solamente al que ha de viuir ganando de comer por ellas, mas aun al cauallero le dan grande luz y lustre y le acresciantan en honor" - o que o levou a elogiar a viagem como outro modo de instrução do moço¹⁹⁵ - e aconselhando, pela "vtilidad", tanto a "lición de buenos libros"¹⁹⁶ como a "licion de la historia" e dos costumes de outros povos, olhou-os, sobretudo, como meios ou instrumentos de que se deviam socorrer os pais para ocuparem os seus filhos e os tornarem mais "virtuosos", já que "por vna parte desuiarian que no se distraygan en otros que no les conuienen" e contribuiriam, por outra, para que "juntamente con la edad y los años" crescesse "la buena vida con la justicia, la fe y las demas virtudes"¹⁹⁷. Ou seja, a conjugação de todos estes factores faria crescer "en ellos (...) la virtud, y la capacidad para recibirla", devendo também crescer "las amonestaciones" e "las exortaciones" dos pais num esforço conjunto com aios e mestres para lhes evitar o pecado e as ocasiões dele...¹⁹⁸. Também nesse sentido foram as exortações não só deste, mas de todos

mesmo assim, "osaria dezir, ser muy bien tengan aduertencia los padres en aplicar a sus hijos a lo que les vieren mas inclinados" (*Microcosmia*, 109).

¹⁹⁴ *Microcosmia*, 109. Turritano criticou, sobretudo, o não respeito dos pais pelas aptidões ou "inclinaciones" dos filhos, "como lo que agora esta puesto en vso, que por mas que el hijo mayor sea inabil para el mundo y para cosas del, y aplicado a cosas de la Iglesia y exercicios espirituales, sea como fuere, ha de ser mayorazgo, y entremeterse en las cosas que no le dan gusto, ni frisan con su entendimiento".

¹⁹⁵ *Microcosmia*, 110: "BEN. (...) digo, que deuen los padres procurar que sus hijos aprendan las lenguas. Y aun para saberlas mas perfectamente, no tendria yo por desacertado, que los moços, ya que son de edad competente para ello, diessen vna buelta por las partes del mundo. VAL. Esso, no solamente no es malo, pero necessario: assi para lo de las lenguas, como para saber las costumbres. Principalmente de los Reynos, estados, y señorios de su Rey y Señor".

¹⁹⁶ *Microcosmia*, 111: "VAL. (...) La licion de buenos libros es de mucha vtilidad, porque destierra las tinieblas de la ygnorancia, aclara la vista del entendimiento, desembota el ingenio, allega tesoros de ricos hechos y dichos en la memoria, dessengaña de muchos engaños, principalmente de lo que presumimos saber, y no alcançamos: finalmente reduce la mente y eleua el espiritu". Aliás, tinha tentado mostrar antes a íntima relação entre "ciência" e "bons costumes" (*Microcosmia*, 92).

¹⁹⁷ *Microcosmia*, 111.

¹⁹⁸ *Microcosmia*, 111 e 113.

os autores, à obediência e submissão dos filhos¹⁹⁹, à fuga à mentira²⁰⁰, a outros vícios graves ou aos pecados em geral...²⁰¹

Assim se compreendem algumas das referências de Gaspar de Astete à importância da confissão - por um "discreto confessor" - dos jovens, ao qual "comuniquen y visiten, y de quien reciban los buenos consejos..."²⁰². Não só esta exortação, mas também os argumentos usados por este jesuíta para convencer os jovens - sobretudo da nobreza - a fazerem do confessor um conselheiro e a darem-se a exercícios devotos mostram o quanto o "controle" moral da juventude se apresentava prioritário desde a sua perspectiva catequética e educativa: "Y deles a entender [el padre] que la virtud y modestia Christiana, y la deuocion con Dios y piedad con los proximos, *no solo no contradize a la vrbanidad, y trato politico y noble, antes quanto los hombres son mas buenos christianos y deuotos, tanto son mas vrbanos, mas discretos, mas comedidos y amados de todo el mundo*"²⁰³.

Esta afirmação da interdependência da "urbanidade" com a "devoção", da "discrição" com os "bons costumes"²⁰⁴ - que encontramos também em outras obras da segunda metade de quinhentos - é um dos traços mais caracterizadores das orientações da educação moral das crianças e da juventude, neste caso dos "moços", nos finais do século XVI e ao longo do século XVII. Duas importantes obras - para não multiplicar o comentário de outros textos - o provam exemplarmente. Por um lado, a *Institucion y Guia de la Juventud Christiana* (1592) do mesmo jesuíta, Gaspar de Astete; por outro, o *Tratado da Boa Criacam e Policia Christam em que os Pais Deuem Criar os seus Filhos* (1633) do dominicano português Pedro de Santa Maria, que nos devem merecer, ambos, uma leitura atenta, sobretudo pelo silêncio a que estas obras têm sido votadas.

As palavras de Gaspar de Astete acima transcritas sintetizam algumas das propostas "educativas" mais vastas que já apresentara tanto no *Libro Segundo* como no *Libro Tercero* da *Institucion y guia de la Juventud Christiana*, nos quais tratara, respectivamente, "de las virtudes que ha de tener el

¹⁹⁹ De facto, este é um tópico recorrente - e sem variantes - em grande parte dos textos, pelo que não se justifica a exemplificação.

²⁰⁰ A presença das referências à mentira nas crianças e nos jovens não é tão forte ou, melhor, tão constante como em relação a outras "faltas" ou "pecados" das crianças e dos jovens. Mas nem por isso deixaram de ser, com frequência, lembrados os seus perigos, sobretudo pela continuação.

²⁰¹ Neste aspecto, os princípios eram gerais, válidos para todos os homens. Mas um dos pecados que, do ponto de vista de vários autores, deveria ser especialmente vigiado, era o da "sensualidade", que mais tentações oferecia aos jovens.

²⁰² *Del gouierno*, 446. Cf. igualmente 423-429.

²⁰³ *Del gouierno*, 446.

²⁰⁴ Daí a afirmação de Lorenzo PALMIRENO de que "la buena criança no estorua a la Deuocion..." (*El Estudioso del Aldea*, fl. 86) que vemos adaptada e desenvolvida pelo nosso Fr. Pedro de SANTA MARIA. Remetemos, novamente, para o nosso artigo "Modelos educativos do Barroco".

mancebo Christiano: y de como se ha de auer con los de casa²⁰⁵ e de "como se ha de auer el mancebo con los de fuera"²⁰⁶. Entre as "virtudes" do mancebo cristão e o seu comportamento com os da casa, Astete privilegiou, significativamente, a castidade²⁰⁷, a imitação de Cristo e dos santos²⁰⁸, a confissão frequente²⁰⁹ e "algunos deuotos exercicios"²¹⁰, a honestidade e modéstia²¹¹, a "guarda de los sentidos", a "compostura exterior"²¹² e a "reformacion y decencia" no vestir²¹³, um comportamento adequado com os irmãos²¹⁴, com as irmãs²¹⁵ e com os criados²¹⁶, não esquecendo algumas advertências aos confessores sobre o modo como "se han de auer con los que tienen ocasiones de peccados en casa"²¹⁷, com que terminou este segundo livro.

No terceiro livro, valorizou as "virtudes exteriores" que se revelavam no comportamento em sociedade, começando, justamente, pela "discreción" - que fez sinónimo de "prudencia" e "cordura"²¹⁸ -, nomeadamente no falar e nas "cortesias"²¹⁹, no "alabar, o vituperar las cosas ajenas"²²⁰, aconselhando-o a

²⁰⁵ *Institucion y Guia*, fls. 72r-127v.

²⁰⁶ *Institucion y Guia*, fls. 127v-194r.

²⁰⁷ *Institucion y Guia*, esp. fls. 72r-86v.

²⁰⁸ *Institucion y Guia*, fls. 86v-90r.

²⁰⁹ *Institucion y Guia*, fls. 91r-94r.

²¹⁰ *Institucion y Guia*, fls. 4-6.

²¹¹ *Institucion y Guia*, fls. 96v-101v.

²¹² *Institucion y Guia*, fls. 102r-105v.

²¹³ *Institucion y Guia*, fls. 106r-112v.

²¹⁴ *Institucion y Guia*, fls. 112v-116r.

²¹⁵ *Institucion y Guia*, fls. 116r-118v.

²¹⁶ *Institucion y Guia*, fls. 118v-123v.

²¹⁷ *Institucion y Guia*, fls. 124r-127r.

²¹⁸ *Institucion y Guia*, fls. 127v-130v: "Y por tanto si queremos hablar mas propriamente, la prudencia del mancebo llamarla hemos discrecion, o cordura: y al mancebo que la tiene, cuerdo y discreto. Esta discrecion y cordura han de enseñar los padres y maestros, y los ayos a los mancebos: pero mas la senzilla y natural, que la artificiosa, fingida y affectada" (fl. 129v, subl. nosso).

²¹⁹ *Institucion y Guia*, fls. 130v-133v. No documento seguinte (Doc. III, fls. 134r-137r), deu mesmo algumas "reglas y manera de tratarles", entre elas a fuga às "conuersaciones deshonestas y lasciuas, o donde se roen y cercanan las vidas ajenas", não aceitando "en su presencia ... palabras torpes, necias y de chocarrería" (134v), o evitar as "alabanças" a si próprio (135v), o calar das faltas e pecados (136r), o não falar "con desassossiego, ni esgrimindo con los dedos", nem colocar-se "tan cerca de la persona con quien hablas, que le des con la habla en la boca, porque es indiscrecion y poca criança" (136v) e, sobretudo, o não "traer en risa y donayre los dichos, o echos delas santos, hora sean de los muertos, hora de los que viuen: y mucho mas las palabras de la diuina Escritura..." (137r).

²²⁰ *Institucion y Guia*, fls. 137r-139v.

"huir de los maldicientes y murmuradores"²²¹, a ter especial "recato" quando falar com mulheres²²² e a ser "quieto, y no rencilloso"²²³. Não deixou por acentuar, como todos os do seu tempo, a busca das boas companhias²²⁴ - enunciando mesmo as condições que deveria ter o amigo²²⁵ - e a fuga aos maus amigos²²⁶, a excessiva liberdade e abundância, "principio de perdición" dos mancebos²²⁷. Também não esqueceu a debatida - quando não polémica, ao tempo - questão das "recreações" dos jovens, valorizando, por um lado, as "honestas recreaciones"²²⁸ - já que um homem com uma vida "triste y solitaria, apartado de los demas hombres, que no quiere tratar ni conuersar con sus iguales, amigos y conterraneos" cometia um "extremo vicioso" a que chamou "rusticidad, o inurbanidad" que, por sua vez, nascia de "indiscrecion y poco saber"²²⁹ - e, por outro, enunciando os critérios morais diferenciadores dos vários tipos de recreações e definidores da sua "honestidade", focando desde os jogos até às comédias²³⁰, aspectos, como veremos, bastante polémicos - quanto apreciados - ao tempo. Em complemento, propôs alguns "honestos ejercicios que puede tener el mancebo para euitar la ociosidad"²³¹, nomeadamente a música²³², e desaconselhou outros, como a dança²³³. Completaram este vasto

²²¹ *Institucion y Guia*, fls. 139v-142r.

²²² *Institucion y Guia*, fls. 142v-146r.

²²³ *Institucion y Guia*, fls. 146r-149r.

²²⁴ *Institucion y Guia*, fls. 149r-153r.

²²⁵ *Institucion y Guia*, fls. 150v-153r. Eram elas a amizade "durable", ser "hombre de confianza", "prudente" (150v), "liberal", "zeloso do bem do amigo" (151r), "no lisongero", "igual en edad" (151v), "igual en riquezas" (152r), da mesma "patria y nacion", ou ainda "algun religioso" ou "otra persona, aunque sea de mayor edad, para que pueda aconsejar, guiar y enseñar..." (153r).

²²⁶ *Institucion y Guia*, fls. 153v-156r. Todo este documento pretendeu mostrar o quanto a convivência com "mancebos dissolutos, holgazanes, comedores, beuedores, jugadores, deshonestos" podem levar os mais "puros, modestos, humildes, obedientes, amables, bien enseñados" a conhecer a "maldade" e amar a "vanidad", fazendo "concierto con los peccados, con la muerte del alma, y con el infierno" (155v-156r).

²²⁷ *Institucion y Guia*, fls. 156v-160v: "...no quieran los padres buscar ni pedir otra razon de la perdicion de sus hijos, sino la libertad que les dan, la abundancia del comer y beuer, el regalo y la ociosidad..." (fl. 157v).

²²⁸ *Institucion y Guia*, fls. 160v-164v: "...la recreacion, si es moderada, haze sabrosos u lleuaderos los cansancios de la vida: mas si es demasiada, dexa a los hombres amargos y dessabridos, y es dañosa para el cuerpo y para el alma..." (161r).

²²⁹ *Institucion y Guia*, fls. 162v-163r.

²³⁰ *Institucion y Guia*, fls. 164v-175r. Exercícios que, evitando a ociosidade, o desviavam também de outras ocupações, como alguns jogos "viciosos" ou a frequência, por exemplo, das comédias. Trataremos estes aspectos mais adelante.

²³¹ *Institucion y Guia*, fls. 175v-178v.

²³² *Institucion y Guia*, fls. 178v-181v.

projecto educativo não só o tradicional tópico do recurso dos jovens aos conselhos dos velhos²³⁴, mas também as considerações várias em torno da escolha de "estado" - matrimónio ou religião²³⁵ - numa valorização clara, como se compreende, deste último. O "Quinto Libro" incidiu, sobretudo, no modo como "se han de aprouechar los estudiantes de los libros delos Gentiles que oyen, o leen: con vn orden para bien confessarse..."²³⁶. De acentuar ainda é o facto de a obra terminar com umas "Reglas de honesta vida, para algunos estados en particular"²³⁷, dirigindo-se a vários "estados", começando, significativamente, pelo do casado, seguindo-se o da mulher casada, da donzela "por casar", da viuva, do eclesiástico, do pastor e cura de almas, dos letrados e mestres e, genericamente, de todos "los que viuen en el mundo".

Esta apresentação geral dos temas escolhidos e abordados por este jesuíta - tenhamos presentes os fins imediatos da obra, que pressupunha a sua divulgação tanto junto de "estudiantes pobres de las montañas" instituídos em alguns seminários, como dos "demas nobles mancebos en las Vniversidades, y en otros estudios"²³⁸, ou ainda entre os "Pays de familia"²³⁹ - poderá dar uma imagem de algumas orientações pedagógicas e moralizantes que tendiam a conferir uma crescente importância ao comportamento moral e social dos "moços", preparando-os para virem a ser "perfeitos" religiosos ou "perfeitos" casados. Ou seja, tentando fazer deles, também, ou antes de mais, "perfeitos moços". Notemos que nesta *perfeição* se incluíam não só as virtudes cristãs exigidas a todos, mas também normas de comportamento que ajudavam, simultaneamente, a inserir o jovem nas práticas da vida social e *delimitar-lhe*, através de regras específicas, o *seu modo* de estar em sociedade. Ou seja, mostrando-lhe a especificidade e a diferença do seu comportamento no quadro dos modelos elaborados para os vários "estados", embora na dependência directa do modelo comportamental do "cortesão discreto" que os tratados de

²³³ *Institucion y Guia*, fls. 182-183v: "...aunque algunos padres quieren enseñar a sus hijos este exercicio, y les parece que es vno de los que mucho conuiene que sepa vn mancebo: yo por cierto le tengo por de poca necesidad, y por de poca autoridad: y que saberle el mancebo, o le daña para las costumbres, o le aprouecha poco para la virtud. Porque sin duda en el se hallan muchas indecencias y deshonestidades..." (fl. 182r).

²³⁴ *Institucion y Guia*, fls. 183v-187r: "No piense el mancebo tierno en edad, falto de experiencia, mudable en parecer, sugeto a passiones, y facil para ser engañado, que le importa poco tener fixada en el alma esta verdad, que en todas las cosas que huuiere de hazer le conuiene tomar el parecer de los mayores, y seguir sus consejos: mayormente en cosas graues, como en tomar estado de viuir, o en aprender este officio, o aquel: y en otras cosas de donde pende su saluacion" (183v).

²³⁵ *Institucion y Guia*, fls. 187r-194r.

²³⁶ *Institucion y Guia*, fls. 204r-224r. O conteúdo desta obra interessar-nos-á mais adiante, quando falarmos das leituras.

²³⁷ *Institucion y Guia*, fls. 243v-266v.

²³⁸ Um deles o seminário de Burgos. Cf. Dedicatória (fls. não num.).

²³⁹ *Institucion y Guia*, Prologo: "...deste trabajo se aprouechen los padres y las madres...".

cortesia europeus, particularmente italianos e peninsulares, vinham divulgando, nomeadamente entre a "mocidade"...²⁴⁰

Assim se compreende o acento posto, não tanto em algumas "virtudes" consideradas essenciais em todos os cristãos - apesar do seu significado próprio na vida dos jovens -, como a castidade, a imitação de Cristo, a confissão, os "devotos exercícios", mas em outras neles mais "procuradas", de que eram exemplo a modéstia - que incluía a vergonha, o silêncio e a obediência²⁴¹, curiosamente "virtudes" tradicionalmente "femininas" que marcavam a sua "inferioridade" social -; a "compostura exterior" e sensorial, toda ela reveladora de uma atitude ascética, humilde, temperada, manifestada no olhar, na fala, no riso, no ouvir e no gosto²⁴², ou ainda na forma de vestir²⁴³; a "discrição" ou "cordura" que deveriam limar o "seu natural", para que não fosse "arrojado, y colerico, y poco considerado", atitudes que a "urbanidade" não tolerava²⁴⁴, tal como não tolerava a arrogância, a vaidade e o desrespeito pelos outros, a começar pelos mais velhos²⁴⁵, ou as conversas desonestas e a mentira. Ou seja, acima de tudo, deveria o "moço" evitar os epítetos - os mesmos que já

240 Um relevo especial deverá ser dado ao *Galateo Español*, de que os jesuítas se serviram, enquanto manual de leitura e "boas maneiras", na educação moral nos seus colégios. Lembremos também que esta obra circulou editada junto com *El Lazarillo de Tormes* (Castigado), com objectivos pedagógicos e didácticos. Veja-se M. MORREALE, "Estudio Preliminar" à edição citada do *Galateo Español*, esp. 66-69 e 76ss.

241 *Institucion y Guia*, fl. 98r. Depois de ter afirmado que "...de todas las virtudes, vna de las que mas ser y lustre dan a vn mancebo, es la honestidad y modestia..." (96v), sendo esta visível no "rostro claro y sereno", no "semblante sossegado", nos "ojos moderadamente baxos", no "andar no apresurado", no "responder comedido", no "aseo en su vestido", na "compostura en sus manos y en todo su cuerpo, que bien dan a entender la nobleza de su linage, y la puridad y sencillez de su alma" (97r), afirmou que "Tres virtudes son las mas necessarias para el mancebo la verguença, el silencio, y la obediencia" (98r).

242 *Institucion y Guia*, fls. 102v; 104r e v.; 105r e v.

243 *Institucion y Guia*, fl. 108r: "los vestidos ni se traygan muy preciosos, ni muy blandos, sino llanos y comunes: de tal suerte, que no falte nada de lo necessario, ni aya cosa de superfluo resplandor".

244 *Institucion y Guia*, fl. 30r: "...si el mancebo es de buen natural, docil y morigerado, facilmente puede ser enseñado, y se le pueden dar algunos auisos prudenciales: y ayudado con ellos y con algunos buenos libros, por si mesmo ira deprendiendo: y la experiencia le ira enseñando, como se ha de auer con todos. Mas sino le ayuda el natural, *hora por ser arrojado, y colerico, y poco considerado, hora por ser corto y flegmatico, o criado entre gente rustica y no vrbana, es menester que el padre y el ayo le instruyan y enseñen, y le desbasten en casa, para que alomenos sus indiscreciones no se echen de ver fuera* (subl. nosso).

245 *Institucion y Guia*, fl. 131r: "En muchas cosas te has de auer, como si nada supieses: oye y pregunta, y no presumas de hablar donde estan los mas viejos..."; além disso, "Quando respondes a tus mayores, mejor es que digas, esto se me ofrece, que no esto me parece: o esto se podría hazer, que esto se auia de hazer, o esto seria mejor: porque las vnas palabras son de humildad, y las otras de soberuia y propio parecer" (132r).

Palmireno condenara - de "hombre corto, o ignorante, o inhurbano y mal criado"²⁴⁶.

Assim - e independentemente das considerações seguintes em torno das companhias e das ocupações da "mocidade", aspectos que analisaremos mais adiante -, esta obra mostra exemplarmente o quanto se vinha privilegiando não só o *modo* como o jovem se deveria comportar com os outros a fim de respeitar o equilíbrio social dos vários "estados", mas também a *imagem* que deveria transmitir de si próprio e da sua "criação"; ou seja, nesta imagem estava também implícita a *educação* que seus pais, aios e mestres lhe haviam dado.

Não é, portanto, desprovida de um significado especial a já referida responsabilização crescente dos pais em relação à formação moral dos filhos, quer através de uma orientação directa, quer através da escolha criteriosa e vigilância da actividade pedagógica e didáctica dos aios e mestres.

Consequentemente, é neste contexto global - que inclui catequização, "formação" e "cortesias" - que deveremos situar e compreender o significado e os objectivos do já citado *Tratado da boa criação e policia christã em que os pais devem criar os seus filhos* (1633) de Pedro de Santa Maria. Aliás, o extenso título é, só por si, bastante significativo. Mas mais interessante ainda é o modo como este dominicano concebeu e elaborou a sua proposta de "boa criação" e "policia cristã" - que remeteu, essencialmente, para o foro familiar, olhando os mestres e confessores sobretudo como continuadores e aperfeiçoadores da "iniciação" doméstica -, fazendo-a depender, expressamente, da formação de um moço "amado, & em tudo perfeito, & bem doutrinado, cortesão, & polido" que, consequentemente, seria "no trato apraziuel, nas palauras afauel, & nas obras comedido" e "no comer (...) sobrio, no beber moderado, no vestir honesto, nos passatempos cauto, na conuersação virtuoso..."²⁴⁷ - precisamente vários dos aspectos em que Gaspar de Astete (como outros, nomeadamente alguns humanistas²⁴⁸, mas de um modo mais exaustivo) - tanto insistira.

Claro que, como este *Tratado* olhou o problema desde um prisma basicamente doméstico - sob a vigilância e "paternal disciplina"²⁴⁹ -, o "polido moço" foi, com frequência, identificado com o "moço bem criado", "bem

²⁴⁶ *Institucion y Guia*, fl. 139r. Por isso foi tão severo em relação às más companhias e aos costumes dissolutos dos moços - nomeadamente dos estudantes -, criticando especialmente os "inquietos y renzillosos" que andam "de noche por las calles rompiendo las puertas y ventanas, hurtando lo que pueden, injuriando a los que pasan, y haziendo otras semejantes trabessuras. Y desta suerte se van haziendo libres, indomitos, deshonestos, menospreciadores de sus padres, incorregibles, amigos de su parecer..." (146r).

²⁴⁷ P. de SANTA MARIA, *Tratado da boa criação*, fl. 189v., subl. nosso. Remetemos, uma vez mais, para o nosso artigo já citado "Modelos educativos do Barroco", uma vez que já chamámos a atenção, aí, para este aspecto.

²⁴⁸ Cf. *supra*, 1ª Parte, cap.V.

²⁴⁹ *Tratado da boa criação*, fl. 34v e 138v.

doutrinado", "bem acostumado" e "reformado"²⁵⁰, tendo o autor estabelecido uma relação de causalidade entre os "bons costumes" em que o moço foi criado ou "encaminhado" desde "muy pequeño"²⁵¹ e a sua "policia e limpeza cortesã", posta à prova, sobretudo, no trato social. Assim, toda a formação moral da criança e do moço deveria ter como objectivo fundamental fazê-lo não apenas cristão e "virtuoso" num sentido amplo, mas também "polido", "honrado e generoso"²⁵², "modesto"²⁵³, "bem falado", ou seja, de "conuersação suaue, polida, ornada, breue, & compendiosa..."²⁵⁴, enfim, "discreto", "cortesão" e "vrbano" nos seus hábitos e atitudes²⁵⁵.

A complementaridade destas duas obras, destinadas a públicos diferentes, talvez não seja tão importante como as coincidências de orientação, como as prioridades dos critérios de educação, como a preocupação em fornecer "guias" de comportamento para os jovens, quer directamente, quer através da "direcção" que pretendiam fazer seguir pais e mestres, principais agentes e responsáveis dessa educação.

250 *Tratado da boa criação*, passim, esp. fl. 32v: "Pois se o primeiro ensino he o que fica, & o que permanece, & ainda o que com a idade crece, seja o primeiro que os filhos aprendão de seus pays bons costumes, & ficarão para sempre bem acostumados". Por isso valorizou, com frequência, o "reformado e polido moço", desejando-lhe, juntamente com o crescimento em idade, o crescimento "juntamente em doutrina, & sciencia mais solida, & leuantada, & de pensamentos mais subidos..." (fl. 44v).

251 *Tratado da boa criação*, fl. 30r: "Assi desde muy pequeno se ha de encaminhar o menino, para que ao diante seja polido, & virtuoso". Acentuámos já este aspecto no artigo já citado, "Modelos educativos do Barroco..."

252 *Tratado da boa criação*, fl. 34v.

253 *Tratado da boa criação*, fl. 112 ss., esp. fl. 117v: "donde fica claro, quanto conuenha criarem os pays a seus filhos nesta virtude [modestia], & doutrina, estranhandolhes açções descompuestas, & premiandolhe com o fauor as de modestia...", enumerando de seguida os "priuilegios desta virtude..." (fl. 118 ss.).

254 *Tratado da boa criação*, esp. fl. 118v. Estes eram, precisamente, alguns dos aspectos privilegiados na formação do "cortesão discreto", como o mostram os manuais de "cortesia" dos finais do século XVI e inícios do século XVII, cujo sucesso, também entre nós, é testemunhado pela *Corte na Aldeia* (1619) de Rodrigues LOBO. Veja-se a cuidada edição desta obra, com um exaustivo e fundamental estudo introdutório, feita por J. A. de CARVALHO, Lisboa, 1991.

255 *Tratado da boa criação*, fl. 168r, 173v e, esp., 175v ss. Especialmente interessante é a sua afirmação de que o seu "intento" não era "fazer, ou compor tratado do que sò deue fazer, ou pertence a hum perfeito cortezao, que isso tomou à sua conta o Conde Balthezar Castellaõ, & anda impreso, mas fazer sômente tratado da boa criação que os pays deuem dar a seus filhos, não só conforme à ley de Christo Senhor Nosso, senão tambem conforme á ley natural, & boa policia..." (fl. 207r). Esta explicitação parece directamente adaptada de *El Estudioso del Aldea* de Lorenzo PALMIRENO (p. 86), em que este autor explicou que "el cortesano que yo busco, no es el galan que sirue a vna dama, como el Conde Balthasar Castellon lo retrata, sino vn docto moço, contrario a gressero y suzio...", adaptação que encontramos em outras passagens do *Tratado da boa Criação*, de que demos um exemplo no nosso já citado artigo "Modelos educativos", 319, n.43.

Neste contexto, não nos surpreendem as justificações que encontramos em várias obras posteriores, nomeadamente na de Don Marcos Bravo de la Serna, *Espejo de la Juventud Moral, Politico y Christiano*, editado em Madrid em 1674²⁵⁶, que pretendeu servir de "espelho" a "vn Principe christianamente Politico, vn Estadista advertidamente Catolico, y vn Cauallero religiosamente moral"²⁵⁷ ou, mais concretamente, para "los Caualleros moços (...) que sin experiencia de letras, buscan en el exemplo el suplimiento del estudio", nele podendo encontrar "auisos para las buenas costumbres, y dolor en las lastimas de los precipicios de el desalumbramiento..."²⁵⁸.

Como se compreende, para além da enumeração de princípios gerais norteadores do comportamento da juventude, alguns aspectos mais intimamente relacionados com as ocupações e os gostos dos "moços" não foram esquecidos nas várias obras aqui referidas. Foram mesmo, por vezes, objecto de um tratamento próprio que importa ter em conta para melhor se compreender o alcance de algumas propostas "pedagógicas" ao longo destes séculos.

4. *Jogos, leituras e comédias.*

Vigilância e controle dos gostos juvenis.

Para conseguir muitos dos objectivos por que se batiam os diversos autores que temos vindo a comentar, importava vigiar de perto os moços, inclusivamente - ou sobretudo - os seus gostos, passatempos, de modo a que, evitando-lhes a ociosidade, fossem sendo afeiçoados aos "passatempos honestos", às "leituras devotas" ou aos "bons livros"... Claro que a estas

²⁵⁶ Este *Espejo de la Juventud*, uma obra in-folio editada em Madrid em 1674, dedicada a D. Juan de Austria, Prior de Madrid, é composta, no essencial, por 12 capítulos elaborados à luz das principais virtudes cristãs adaptadas ao comportamento religioso, moral e social, particularmente da juventude, como os próprios títulos dos capítulos claramente o mostram: "De la Juventud, ò aplicada à la virtud, ò salteada del vicio" (cap. I), "De la perfecta religion de la Fè, primera obligacion de la Iuventud" (cap. II), "De la Verdad..." (cap. III), "De la deuocion..." (cap. IV), "De la persecucion deuota del Santissimo Sacramento..." (cap.V), "De la obediencia..." (cap.VI), "De la Esperança..." (cap.VII), "De la Castidad..." (cap.VIII), "Del Estudio de las buenas letras..." (cap. IX), "De la Moderacion del hablar, grauedad del silencio, y aprecio del secreto..." (cap. X), "De la Fortaleza del animo..." (cap. XI), "De la Liberalidad..." (cap. XII). A exposição destas "virtudes" é acompanhada e completada com alguns comentários laterais, a modo de aforismos, destinados, essencialmente, a uma fácil memorização, a que o autor chamou "Fabrica que se forma en el Espejo deste Libro, de los materiales que se sacan de sus capitulos para crearse la Iuventud perfecta".

²⁵⁷ *Espejo de la Juventud*, Dedicatória (fls. não num.).

²⁵⁸ *Espejo de la Juventud*, "Al que leyere" (fls. não num.). Significativamente, o Pe. Juan de Palazol, teólogo do Colegio de Toledo, considerou na sua "Aprobacion" que "Los doze asuntos que componen el cristal deste Espejo, mirados, y estudiados con atencion, gozaràn poderosas eficacias de componer las costumbres de la mas estragada juventud", fazendo votos de que este espelho servisse "para que mirandose en su leccion, los buenos atiendan a no estragarse, los malos aprendan a componerse" (subl. nosso).

considerações subjaziam, quase sempre, os debates e as polémicas em torno do jogo, dos seus perigos e malefícios - que encontramos frequentemente nestas obras²⁵⁹ -, dos livros de "histórias fingidas" e amorosas, em particular os livros de cavalarias e as novelas amorosas, objecto uns e outros de vigilância inquisitorial²⁶⁰, mas também as comédias e as representações teatrais²⁶¹. Convém acentuar ainda que estas críticas, acesas principalmente pelos humanistas na primeira metade do século XVI, como já referimos na primeira parte deste trabalho, não só não desceram de tom nos finais do século como, de certa forma, foram diversificadas pelos matizes dos debates e polémicas mais ou menos violentos que se foram desenvolvendo, sobretudo, depois de Trento. Mas o tom não foi o mesmo para os livros "amorosos" e para as comédias e representações, uma vez que a polémica foi mais viva e multifacetada neste último caso, como veremos, enquanto os primeiros foram sendo objecto de uma quase unânime condenação, não sendo fácil encontrarem-se, neste tipo de obras, advogados em seu favor.

Como facilmente se compreende, as referências e as críticas aos livros de "amores" e de "cavalarias" e ao seu lugar nos gostos de leitura dos jovens - e também das jovens - adquirem um significado mais preciso se tivermos em conta a valorização crescente da leitura - de certas leituras ou da leitura de certos livros, em particular as vidas de santos²⁶² - na formação moral e religiosa dos

²⁵⁹ Para uma síntese da questão, veja-se A. de GUSMÃO, *Arte de Criar bem os Filhos*, 366-376. (sobre o aproveitamento pedagógico do "jogo" pelos jesuítas, cf. J. LACOTTE, "La notion de "jeu" dans la pédagogie des Jésuites au XVII^e siècle" in *Revue des Sciences Humaines*, 40 (1975), 261-293). Uma obra muito significativa dos debates, no virar do século XVI para o século XVII, em torno do jogo é a de Francisco de LUQUE FAJARDO, *Fiel Desengaño contra la Ociosidad y los Juegos*, Madrid, Miguel Serrano de Vargas, 1603 (v. ed. e prólogo de M. de RÍQUER, Madrid, 1955, 2 vols.).

²⁶⁰ Cf., em esp. P. E. RUSSEL, "El Concilio de Trento y la Literatura Profana" in *Temas de la Celestina*, 443-478.

²⁶¹ A principal bibliografia da polémica em torno das comédias foi elaborada por E. COTARELO Y MORI, "Bibliografía de las controversias sobre la licitud del teatro en España" in *Rev. de Archivos, Bibliotecas y Museos*, Madrid, 1904. Para uma apreciação global do problema nos fins do século XVI e inícios do século XVII, veja-se, em especial, o estudo introdutório de L. C. PEREZ à sua edição da *Apología en Defensa de las Comedias que se Representan en España* de Francisco ORTIZ, (Estudios de Hispanófila, 45), Valencia, 1977, 11-33.

²⁶² A multiplicação das edições das vidas de santos, na linha, por um lado, da *Legenda Aurea* e dos vários *Flos Sanctorum* e, por outro, de biografias de homens e mulheres "ilustres em virtude" é, de facto, uma das marcas mais importantes da hagiografia, num sentido amplo, do século XVII - e ainda do século XVIII -, como o comprovam, entre nós, não apenas algumas edições de vidas avulsas de santos "modernos", de religiosos e clérigos, mas, muito particularmente, o afã de "antologizar" vidas exemplares, de que os melhores exemplos são o *Jardim de Portugal* (1626) de Fr. Luis dos ANJOS, E.S.A. (especificamente das "mulheres ilustres"), as *Flores de España, Excelencias de Portugal* (1631) de A. de Sousa de MACEDO e o *Agiologio Lusitano* (1652, 1657, 1666), de Jorge CARDOSO, continuado - Tomo. IV, 1744 - por D. A. Caetano de SOUSA. Permitimo-nos remeter para os nossos artigos "Entre a família e a religião: a vida de João Cardim (1585-1615)" in *Lusitânia Sacra*, 2^a série, 5 (1993), 93-120 e "Recordar os 'santos vivos': leituras e

jovens. Naturalmente, a conotação moralizante da crítica aos livros de histórias fingidas ou lascivas não é, de modo algum, uma novidade do período da Contrarreforma. Como já sugerimos, a herança das observações mais ou menos depreciativas feitas por todos os grandes humanistas dos séculos XV e XVI em relação a esses livros é, certamente, o primeiro traço a notar nos textos do período aqui em análise. Mas também não deverão ser esquecidas algumas novas focalizações do problema, resultantes, simultaneamente, da valorização crescente da leitura, não apenas em geral, mas também, em particular, pelos jovens e da selecção dos livros que lhes foram propostos ou recomendados para substituírem o lugar ocupado por aqueles.

Em primeiro lugar, refira-se que a insistência no ensino e na aprendizagem da doutrina cristã - privilegiados na educação da infância e puerícia -, foi cedendo um lugar cada vez maior, à medida do crescimento do jovem e das suas capacidades intelectuais, ao conhecimento mais aprofundado das "letras sagradas", a começar por alguns textos bíblicos, por contraposição às "fabulas y poesias" que os iniciavam nas "letras humanas"²⁶³. É frequentemente partilhada a afirmação de Juan de Pineda de que só a doutrina cristã - num sentido amplo - é "la que nos hace nobles, honrados, hermosos, fuertes y poderosos..."²⁶⁴. Por isso acrescentou este franciscano que a "nuestro mozuelo, que ya supongo que anda en el ejercicio de las primeras letras (...) les den a leer libros de virtuosa doctrina y de historias de personas ejemplares, pues como oímos nos aficionamos"²⁶⁵. Como já referimos, as "letras sagradas", no seu mais amplo sentido, eram igualmente olhadas como um instrumento eficaz na formação dos "bons costumes" dos jovens, num plano diametralmente oposto aos dos "livros lascivos". Por isso aconselhara Juan Estevan aos pais que proibissem aos filhos a leitura "en libros que les prouoquen a liuiandades, sino que siempre lean buenos libros donde se edifiquen sus animas"²⁶⁶, tendo, por seu lado, Juan de Pineda acrescentado - outros o precisariam melhor, como veremos - que em

práticas devotas nas primeiras décadas do século XVII português" in *Via Spiritus*, I (1995), 133-155.

²⁶³ Cf. CAMOS, *Microcosmia*, 97 (no original está, por lapso, 95), numa passagem em que o autor fez suas as palavras de S. João CRISÓSTOMO: "VAL: (...) *Necessario es, que los mochachos aprendan y sepan lo que las escripturas enseñan, y no las fabulas y põesias que soleys, con la primera leche de letras humanas, enseñarles*"; acrescentou ainda ser "necessario a esse entendimiento imponerle temprano, y remontarle de lo terreno a las cosas del cielo, apartandole de la ciuilidad de la tierra: lo que con ninguna cosa se haze mejor que *con enseñarles a los hijos de niños los auisos y documentos, las historias y verdades, que se aprenden en las letras sagradas, de que el Spiritu sancto fue el auctor...*" (subl. nosso).

²⁶⁴ J. de PINEDA, *Dialogos Familiares*, III, 118.

²⁶⁵ *Dialogos Familiares*, III, 118, subl. nosso.

²⁶⁶ J. ESTEVAN, *Orden*, fl. 189r.

"todos los tres linajes de bienes debe ser criado el mancebo: *honestos, utiles y deleitables*"²⁶⁷.

A consideração do "bom exemplo" que poderiam constituir as "historias de personas ejemplares" - um tópico que os humanistas haviam divulgado - era reforçada pela difusão e valorização das vidas dos santos e de textos devotos que a segunda metade do século XVII e o século XVIII iriam ver multiplicar-se. Por isso recomendou Gaspar de Astete ao "Pai de famílias" que, entre as "cosas necesarias" que deveria ensinar ao filho, estivesse a leitura de "algunas historias de sanctos o otros libros", o falar das "cosas de Dios" ou a ocupação "en cosas semejantes, hasta que con su bendicion vaya cada vno a su officio"²⁶⁸.

Neste contexto, é interessante notar ainda que Pedro Lopez de Montoya incluiu no ensino das "letras" e "demás artes" pelos mestres dos nobres não apenas o dever de lhes seleccionarem "los libros que han de leer y el modo que han de tener en declararlos (...) dexando y refutando lo que pudiere ser dañoso para las costumbres..."²⁶⁹, mas também de lhes indicarem, "después de la cartilla", outros "libros de deuoción o libros de historias verdaderas y de vidas de santos, y que leyessen en Latín los Psalmos y las otras cosas que pudiesen ser de provecho para quando fuessen mayores"²⁷⁰.

Desta forma, estas leituras eram apresentadas como importantes auxiliares da educação religiosa e moral dos jovens, contribuindo, enquanto "honesto ejercicio"²⁷¹, para evitar o ócio e cultivar as virtudes cristãs, contrariamente a algumas representações e comédias ou outras "recreações" do gosto dos jovens, cujos "perigos" vários alguns destes autores não se cansaram de enunciar.

Efectivamente, a crítica a representações e recreações várias, em particular às comédias - que parecem ter atraído novos e velhos, homens e mulheres de todos os estados e idades, nos finais do século XVI e no século XVII²⁷² -, adquire matizes interessantes e importantes para a contextualização

²⁶⁷ *Dialogos Familiares*, III, 168, subl. nosso

²⁶⁸ G. de ASTETE, *Del Gobierno de la Familia*, 24.

²⁶⁹ P. LÓPEZ DE MONTOYA, *Libro de la buena Educación*, 389-90.

²⁷⁰ *Libro de la buena Educación*, 290

²⁷¹ As palavras são de Francisco da SILVA, *Opusculo*, 102, mas não fazem mais do que reafirmar o que muitos outros vinham propondo.

²⁷² Sirvam-nos de prova as palavras de Juan de PINEDA na sua *Agricultura Cristiana*: "FIL: (...) ¡Oh españoles noveleros (...) ¡Oh eclesiásticos descuidados de Dios! (...) ¡Oh religiosos, que vais publicamente delante de todo el mundo a tales espectáculos, y escandalizáis a cuantos de tal saben, y deshonoráis el hábito de vuestras religiones, y os tienen por ello en menos! (...) Y más aún que, por que salgan más gustosas las representaciones meten mujeres en ellas, porque como con cebo más atractivo concurrirán más mujeriegos (...) ¿Qué podrán decir los casados que llevan o envían a sus mujeres y hijas a tales fiestas, aun en caso que no tornen ya de noche a casa?..." (*Dialogos*

do esforço moralizador - e das *resistências* a este - em relação à vida social e à educação moral dos jovens que as várias obras aqui referidas evidenciam. Sem querermos, porque não é o lugar, explorar as diferentes facetas literárias e/ou "poéticas" do debate em torno da comédia enquanto género, devemos notar que a crítica - no sentido da condenação segundo pautas de natureza moral - às comédias é um tópico que se fez insistente só nas últimas décadas do século XVI, embora tenha entroncado, precisando-as, em outras críticas vagas a alguns divertimentos ou passatempos dos jovens, de que é um exemplo a queixa amarga de Juan Estevan, na *Orden de Bien Casar*, em relação aos pais que deixavam os seus filhos andar de noite e ir a festas, dando-lhes mesmo dinheiro para passatempos pouco "virtuosos"²⁷³, ou em críticas mais concretas aos "farsantes", como as que encontramos na *Agricultura Cristiana* de Juan de Pineda pela boca de Filaletes, que se manifestou violentamente contra as "deshonestidades" que se "tratan y representan" nos espectáculos e representações "en nuestra tierra"²⁷⁴.

Além disso, a focalização moralizante das referências às representações teatrais, particularmente às comédias, é o que nos permite compreender ou interpretar as marcas e os objectivos da polémica que quase obsessivamente ocupou alguns autores de finais de quinhentos e inícios de seiscentos, nomeadamente quando se referiram às ocupações recreativas *dos* e, muito especialmente, *das* jovens. E o exemplo mais eloquente da orientação dessa polémica, apesar de não focar especificamente o problema em relação aos jovens²⁷⁵ é-nos fornecido pela já citada *Apología en Defensa de las Comedias*

Familiares, III, 110). Cf. igualmente ASTETE, *Institucion y Guia*, 170: "Entre las recreaciones que para alivio de los trabajos suelen los hombres buscar vna dellas (y de la que mas gustan el dia de oy casi todos los hombres), es la de las comedias..."; acentuou igualmente o "daño grande que causan en las honestas donzellas, y en las casadas honradas, y en las demas virtuosas mugeres (que ya se dan a oyrlas, como la demas gente)...", sem esquecer o quanto era "tan dañosa y manifiesta pestilencia para la juventud" (172 e 173, subl. nosso). Além disso, o modo como a *Apología en Defensa de las Comedias* dispôs os diferentes argumentos - nomeadamente o dos seus efeitos perversos nas mulheres - prova esse gosto e esse uso, além de o seu autor ter lembrado a frequência com que se viam "oír comedias a obispos, oidores, inquisidores y religiosos" (*Apología*, 87. Cf. *infra*, notas 291 e 292). A sua existência em Portugal é assinalada por Balthasar TELLES, S.J., *Chronica da Companhia de Jesu na Provincia de Portugal*, Tomo II, 1647, 235-36. Cf. F. RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus*, T. II, vol. I, 464-5.

²⁷³ *Orden*, fl. 189r. Serviu esta crítica para mostrar o quanto estava o "mundo perdido" e "quan mal se crián los hijos de oy, que en lugar de dotrinarlos en virtudes: es todo mostrarles vicios..." (fl. 190r).

²⁷⁴ *Dialogos Familiares*, III, 108: "Agora querría yo que mirasen en nuestra tierra cuántos baldíos y chocarreros andan haciendo del momo, con que ganan gran dinero y estragan las costumbres de los que asisten a sus representaciones con las deshonestidades, que allí tratan y representan..."

²⁷⁵ Como se compreende, o suporte teórico desta *Defensa* - a necessidade de prova da "honestidade" das comédias "que se representan en España", e não das comédias em geral - obrigou à focalização dos aspectos mais directamente relacionados com o objecto em causa. Daí que, por exemplo, a questão do público feminino, nomeadamente das casadas e das donzelas, tenha merecido

que se Representan en España, atribuída a Fr. Francisco Ortiz, que colocou e debateu os mais importantes aspectos da mesma, como veremos mais adiante.

Para compreendermos as causas, o contexto e os objectivos desta *Apología* - que resumiu tanto os argumentos contra como os argumentos a favor, estes adoptados pelo autor - é importante termos em conta o modo como este problema vinha sendo tratado nas últimas décadas do século XVI, nomeadamente desde a sua focalização dos "efeitos" nos comportamentos morais e nos "costumes" dos jovens. Para tal, servir-nos-ão dois dos textos que, desde prismas diferentes, mas também convergentes, nos dão o tratamento mais exaustivo do problema. São eles a *Institucion y Guia de la Juventud Christiana* (1592) de Gaspar de Astete e o *Libro de la Buena Educación y Enseñanza de los Nobles* (1595) de P. López de Montoya.

Gaspar de Astete tratou o problema em dois "Documentos" da *Institucion y Guia de la Juventud Christiana*²⁷⁶, na sequência das referências às "honestas recreaciones" dos jovens. Aceitando e reafirmando o óbvio pressuposto de que "no puede nuestro mancebo dexar de tomar algunas recreaciones, y con ellas algunos juegos honestos", a sua preocupação incidiu no modo como fazer o jovem usar "destos juegos, con la moderacion, y con las condiciones que aqui dize", sendo estas fundamentalmente três: a primeira, "que en el juego no aya palabras ni obras deshonestas, o perjudiciales, o dañosas"; a segunda, "que en el juego, o recreacion, no se pierda el decoro, ni el peso, ni la grauedad de la persona"; a terceira, "que se haga con las devidas circunstancias del lugar y del tiempo: y se juegue con personas, y con juegos, y con modo conueniente"²⁷⁷.

Foi por referência à primeira "condição" que este jesuíta condenou as "representaciones de comedias lasciuas y deshonestas" e as "mascaras que se sacan con habitos de religiosos, para infamar con algunos dichos, o hechos a algunas personas religiosas, Ecclesiasticas, o puestas en dignidad"²⁷⁸, aspecto tanto mais condenado quanto seriam, segundo se depreende das suas próprias palavras, muitos religiosos e eclesiásticos a incentivar e participar nessas mesmas representações²⁷⁹.

uma atenção especial no contexto de um debate mais alargado do problema, sendo o mais indicado para discutir, justamente, a questão da "honestidade", muito recorrente nas diversas críticas. Provando esta, muitas das críticas com ela relacionadas ficariam sem fundamento.

²⁷⁶ *Institucion y Guia*, "Documento XII", fls.164v-167v e "Documento XIII", fls.170r-175r.

²⁷⁷ *Institucion y Guia*, fl. 164v-165r.

²⁷⁸ *Institucion y Guia*, fl. 165r.

²⁷⁹ *Institucion y Guia*, fl. 166v-167r: "...Por lo qual con mucha razon en los sacros Canones es muy reprehensible la destemplança de algunos presbyteros, Diaconos y Subdiaconos, que no solo introduzen en sus yglesias algunos juegos theatrales: mas ellos mesmos en sus festiuidades, con grande affrenta e infamia de su orden sacro, exercitan los tales juegos".

Claro que Astete não ignorava, como é óbvio, a tradição da comédia desde os tempos clássicos. Também não pretendeu afirmar que o representar, "de suyo", fosse pecado ou que os autores e actores das comédias estivessem em pecado mortal, sem ter em conta o modo como usavam ou o fim que davam às suas "artes"²⁸⁰. Pelo contrário, afirmou mesmo que "quando la representacion es de alguna materia honesta, como de alguna historia antigua, de alguna inuencion artificiosa, de lo que passa en la vida humana, de alguna famosa hazaña, o hecho notable que acontecio, *es vna lectura prouechosa para los que no saben leer, y es vn espejo donde se vee el discurso de la vida humana, y vn estimulo para la virtud*", de que seriam exemplo - curiosamente - "algumas comedias, o dialogos que representan los estudiantes decentemente en sus estudios...", cujos benefícios enumerou²⁸¹.

A sua condenação dirigia-se contra o "*abuso tan grande que ay el dia de oy en el representar de las comedias*" e contra os "representantes, que sin guardar las leyes y condiciones de la honesta recreacion las representan", nelas inserindo "algunas marañas" e "tantas canciones lasciuas, tantos dichos deshonestos, tantos entremeses indecentes, y tantas otras cosas ocasionadas a mal" que se apresentam especialmente perigosas para a "tierna juuentud" que "*esta bien dispuesta para todos vicios*" e, portanto, "facilmente es inflamada en el fuego de la concupiscencia"²⁸². Além disso, a própria beleza e variedade dos vestidos, das músicas, dos gestos e outros artifícios cénicos "atrauiessan y penetran los coraçones de los tiernos moços, y los rinden a toda maldad", situação mais grave ainda no caso das "honestas donzellas", das "casadas honradas" e das "demas virtuosas mugeres (que *ya se dan a oyrlas, como la demas gente*)"²⁸³. Nem mesmo os "disfarces" - como o de algumas pretensas comédias "a lo diuino" ou falsas "historias y vidas de santos" - a que alguns recorreriam para encobrir "los entremeses y cantares dehonestos, y otras cosas que hazen indignas de orejas y ojos Christianos" o impediram de considerar este

²⁸⁰ *Institucion y Guia*, fl. 170v: "...lo primero quiero presuponer en este punto, que el representar de suyo no es peccado, ni los que hazen, ni representan las comedias se dizen estar en peccado mortal: como ni lo estan los maestros de la musica, ni los de esgrima, ni los que enseñan a dançar. Por que si estos vsan por buen fin sus artes, como es por dar aliuiio a los hombres, y alegrar honestamente a los pueblos: y si procuran que en las tales artes no interuengan cosas lasciuas y dañosas, como se ha dicho de los juegos, no les condenamos su officio, ni dezimos que estan en peccado mortal".

²⁸¹ *Institucion y Guia*, fl. 171r: "Ni tan poco se condenan las que se hazen de vidas de santos, con que el pueblo se mueue a deuocion e imitacion...". Foi este tipo de representações que, justamente, os jesuítas, também em Portugal, levaram à prática por esses anos. Cf. F. RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus*, T. I, vol.II, esp. 447-451.

²⁸² *Institucion y Guia*, fl. 171v-172r, subl. nosso.

²⁸³ *Institucion y Guia*, fl. 172r.

tipo de comédias, como já referimos, uma "dañosa y manifiesta pestilencia para la juuentud"²⁸⁴.

Mas o "desterro" desta "pestilencia" - talvez pelo agrado público de que gozava - não se apresentava tarefa fácil, já que, como confessou este jesuíta, "dizen los prelados y Principes que no las pueden quitar", o que o levou a propor a estes que "alomenos" as procurassem "reformat y expurgar, para que no puedan dañar la juuentud, y estragar las costumbres"²⁸⁵ e aos jovens que se dessem "a exercicios honestos, y de gente noble y liberal", que exemplificou nos "documentos" seguintes²⁸⁶.

Por seu lado, Pedro López de Montoya comungou da mesma visão pessimista dos efeitos perversos das comédias nos jovens, nomeadamente nos nobres. Socorrendo-se das opiniões tanto de autores clássicos como cristãos, Montoya teve como principal finalidade convencer os pais a "guardar" os seus filhos de "semejantes espectáculos", dado que não só "comúnmente son tan dañosos para las buenas costumbres", mas sobretudo porque "en ninguna parte hazen tanto estrago como en la juventud", na qual, enquanto "cera branda", o que pelos sentidos "se imprime queda fixo en la memoria para representarse al ánimo en otras ocasiones"²⁸⁷. Montoya foi mesmo mais longe ao afirmar que "en los lugares adonde se representan muchas destas tales comedias la juuentud es más viciosa y de menos vergüenza, y en los niños se vee vna desmesura y noticia temprana y golosina de los vicios que se les parece bien lo que sacan de tal escuela, y tanto es mayor el daño quanto menos se mira en ello"²⁸⁸. A sua posição em relação aos "cantares que se suelen cantar comúnmente" foi igualmente muito crítica e severa²⁸⁹, do que resultou um apelo simultaneamente aos pais para evitarem a seus filhos o aprender e cantar "cosas deshonestas" e aos "gouernadores" e "magistrados" para usarem do castigo necessário²⁹⁰.

²⁸⁴ *Institucion y Guia*, fl. 172v-173r. Acrescentou mesmo que "ya por las calles resuenan estos deshonestos cantares: los combites se celebran con estos bayles lasciuos, los saraos se entretienen con estas musicas del demonio. Y plega a Dios no aya llegado este cancer a las personas Ecclesiasticas, y se aya entrado esta pestilencia por las puertas de la casa de Dios..." (fl. 173r-v), facto mais grave ainda por considerar que, muitas vezes, "de las comedias salen los hombres tan moidos a deshonestidades, que de alli comiençan los conciertos con el peccado, con la muerte y el infierno" (fl. 173v-174r).

²⁸⁵ *Institucion y Guia*, fl. 174r-v.

²⁸⁶ *Institucion y Guia*, fl. 175v. Efectivamente, no "doc. XV" tratou "De algunos honestos exercicios que puede tener el mancebo para euitar la ociosidad" (fl. 175v ss.), entre os quais valorizou a leitura e a escrita.

²⁸⁷ *Libro de la buena educacion*, 304.

²⁸⁸ *Libro de la buena educacion*, 304.

²⁸⁹ *Libro de la buena educacion*, 305: "...porque también son eficacíssimo medio para introducir en el pueblo qualquier opinión, buena o mala..."

²⁹⁰ *Libro de la buena educacion*, 307.

Estes dois textos, como dissemos, sintetizam o que de essencial foi sendo dito das consequências nefastas, no caso particular dos(as) jovens, da frequência de comédias ou outras representações teatrais. O seu interesse particular encontra-se no facto de terem olhado as críticas tradicionais, sobretudo por autores eclesiásticos, desde remotos tempos, aos espectáculos em geral²⁹¹ do ponto de vista dos efeitos específicos - que consideraram muito prejudiciais - nos jovens.

Terá sido este tom excessivamente severo e condenatório que motivou, num contexto de visível polémica, a redacção da *Apología en Defensa de las Comedias que se representan en España*? Muito certamente, até porque o autor evocou os pontos mais controversos do debate²⁹². Curiosamente, na evocação dos argumentos contemporâneos em desfavor delas, não referiu o da má influência nos jovens²⁹³. Mas não esqueçamos que, por esses anos do virar do século, os jesuítas fizeram das representações teatrais pelos jovens dos seus colégios um método simultaneamente pedagógico e moralizante...²⁹⁴.

Este debate não parece ter tido, em Portugal, tanto quanto as nossas fontes o permitem inferir, a mesma ressonância que teve em Espanha. Contudo, vários esforços parecem ter sido feitos no sentido da sua proibição ou vigilância, nomeadamente pelo Pe. Inácio Martins²⁹⁵. No caso concreto dos tratados para educação dos filhos - aspecto a que os portugueses, respondendo à ofensiva simultaneamente educativa e moralizadora da Contrarreforma, não foram

²⁹¹ Embora não esquecendo a carga retórica destes textos, a sua intertextualidade com o que a tradição cristã foi, especialmente desde TERTULIANO, repetindo, a sua "actualização" e adaptação às circunstâncias específicas do gosto e do sucesso das representações teatrais por essas décadas de finais do século XVI e inícios do século XVII é um facto a que, culturalmente, não podemos deixar de dar importância, nomeadamente por ser tratado no contexto da educação da juventude que se desejava criada em "bons costumes" e afastada de todo o contexto "lascivo", "sensual", "vicioso"...

²⁹² Como já referimos mais atrás, depois de enumerar os momentos mais importantes da tradição crítica em relação às comédias e de resumir os principais argumentos ou atitudes desfavoráveis (esp. caps. 1 a 5), o autor desta *Apología* tentou, não propriamente combatê-los - já que mostrou concordar com muitas delas -, mas mostrar a sua não adequação às que se representavam em Espanha, facto que, quase só por si, tirava pertinência ou actualidade a muitas das críticas (cf. *Apología*, caps. 6 ss.).

²⁹³ Mas, significativamente, lembrou os argumentos que se baseavam no gosto e frequência das mulheres, nomeadamente das donzelas... (*Apología*, esp. 89).

²⁹⁴ Sobre este aspecto, em Portugal, veja-se, além de F. RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus*, T. I, vol. II, 447-451 e T. II, vol. II, 69-92, também C.-H. FRÈCHES, *Le Théâtre Néo-Latin au Portugal (1550-1745)*, Paris-Lisboa, 1964, esp. 127-174. Para uma visão mais geral do teatro jesuíta, cf. N. GRIFFIN, *Jesuit School Drama. A Checklist of Critical Literature*, Londres, 1976. Aliás, o uso pedagógico do teatro ligava-se a uso idêntico do jogo. Cf. J. LACOTTE, "La notion de "jeu" dans la pédagogie des jésuites".

²⁹⁵ Veja-se a *Carta em que se relata a morte do Padre Inácio Martinz* (in *Memorial de várias Cartas e Cousas de Edificação dos da Companhia de Jesus*, ed. de J. Pinto, Porto, 1942, esp. 117): "...Derãolhe neste tempo nouas que se mandauão tirar de Portugal as Comedias... Viose a poenitentia em seus dias restituída polla Companhia e deitados do Reino os Comediantes..."

indiferentes nem passivos -, este aspecto quase não vem referido²⁹⁶, enquanto o dos jogos ocupa um lugar relativamente importante²⁹⁷. Mas também não podemos esquecer que a actividade teatral não parece ter tido em Portugal o mesmo sucesso que em Espanha, se a ausência de peças de teatro impressas o pode deixar inferir...

De qualquer modo, a comunhão das mesmas perspectivas básicas em relação aos critérios da educação moral e do comportamento social dos "moços" perceptível nos diversos textos aqui referidos é um facto culturalmente muito significativo, sobretudo se tivermos em conta o quanto estes aspectos se vieram a revelar fundamentais no esforço educativo - mesmo tendo em conta as novas orientações ou pontos de vista - da Ilustração.

5. *A educação das filhas. Ainda e sempre a sombra de S. Jerónimo.*

A educação das filhas não foi, como o não fora na primeira metade do século XVI, esquecida nem minimizada nos textos didácticos e morais, nas *avisos* e *guias* de casados da segunda metade do século XVI e do século XVII. Podemos mesmo dizer que a preocupação com a sua "educação" - num sentido amplo - se foi mesmo acentuando. Mas um acento cujos contornos é necessário precisar.

Em primeiro lugar, importa reconhecer a evidência dos traços de continuidade em relação aos modelos educativos que vimos ser elaborados - melhor, reelaborados - na primeira metade do século XVI e cuja síntese fora, nos seus traços fundamentais, conseguida por Luis Vives. A presença do modelo de "virgem" - com o qual se fez, frequentemente, coincidir o da donzela, numa dependência directa, também na obra deste humanista, em relação ao modelo formulado sobretudo por S. Ambrósio e por S. Jerónimo -, acabaria, como vimos, por ser uma constante também em outras obras dos mesmos anos e das décadas imediatamente posteriores²⁹⁸. E nem os (poucos) matizes que fomos

²⁹⁶ A referência mais explícita, mas muito tardia, encontramos-la em Luis ALVARES, *Ceo de Graça*, 161, no contexto da valorização da castidade: "Assim ama Deos, & assim trata à quem se afasta das conversações deshonestas. Fugi de representações, e comedias, aonde diz Santo Agostinho, aprendem os moços o mal, que não sabião: vem o que lhes inquieta a alma, ouvem lições da lascivia".

²⁹⁷ Cf., em especial, a *Arte de criar bem os filhos* (1685), que lhes dedicou o penúltimo capítulo.

²⁹⁸ Este facto relaciona-se não só com o prestígio, sobretudo, das *Epístolas* de S. JERÓNIMO - fundamentais para a contextualização, em particular, da espiritualidade "feminina" -, mas também com o sucesso, a vários níveis, da obra do humanista valenciano, especialmente através de traduções - espanholas, francesas, italianas..., na primeira metade do século XVI - e através das glosas várias em textos posteriores, nomeadamente peninsulares (como é o caso, já o referimos, do *Carro de las Donas*(1542)). A *Institutio* de VIVES teve uma glosa - o termo parece-nos o mais

realçando pretenderam questionar esse mesmo modelo que veremos ir-se mantendo, apesar de tudo, no século XVII.

Convém, contudo, delimitar esses traços de continuidade, porque, inevitavelmente, os traços de mudança também se foram fazendo sentir, como tentaremos mostrar. Significativamente, aqueles são constituídos, no essencial, pelos mesmos que, na *Instrucción de la Mujer Christiana*, eram já retomados daqueles Padres: a insistência numa "formação" com base na "vergonha" na "honestidade", no "silêncio", na "castidade", na "obediência", na "temperança"...²⁹⁹; a recomendação da "criação" sob vigilância feminina - se possível, materna³⁰⁰ -, separada da dos rapazes e de todo o contacto com

correcto - particularmente importante: a que fez Ludovico DOLCE em italiano (*Dialogo ... della institutione delle donne. Secondo il tre stati, che cadono nella vita humana*, Vinegia, Gabriel Giolito, 1545 - reed. 1547, 1553, 1560) que Pedro VILLALÓ DE TÓRTOLES traduziu, como já referimos, para espanhol e editou em Valladolid em 1584, com o título de *Diálogo de la Doctrina de las Mugerres*. Não podemos, ainda, esquecer a influência, um pouco mais discreta, da *Instituto de VIVES* em outros textos posteriores dedicados à educação feminina, como no *Libro Intitulado Vida Poliica de todos los Estados de Mugerres* do franciscano Juan de LA CERDA, especialmente nos "tratados" sobre a donzela, a casada e a viúva (respectivamente "Tratado primero", "Tratado tercero" e "Tratado quarto", 1-88, 273-424, 425-451).

²⁹⁹ Veja-se, a título de exemplo, Vicente MEXIA, *Saludable Instrucción*, fl. 270r: "sean vergonçosas...", tenham "honestidad...", "sean calladas..." e "amigas de templança en su comer y beuer..." e "lo vltimo que deuen mirar mucho: es el recogimiento..."; Juan ESTEVAN, *Orden de Bien Casar*, fls. 193v.-211r: "deuen los padres criar las hijas en recogimiento y custodia..." (fl. 193v) e tê-las "muy guardadas (...), y muy sugetas, y debaxo de la mano, humildes, honestas, y de ojos baxos, y no libres y sueltas..." (fl. 195r), não lhes "dar ni consentir que traygan vestiduras deshonestas..." (fl. 195v.), criá-las "en tamplança en el comer y beuer...", ensiná-las a ser "bien habladas" e falar "poco y recatadamente" (fl. 200v.), etc.; Juan ESPINOSA, no *Diálogo en Laude de las Mujeres* (ed. cit., 241 ss), acentuou, igualmente, estes aspectos: "...sean en el comer y en el dormir muy templadas (...) obedezcan as sus padres..."; Veja-se também Marco A. de CAMOS, *Microcosmia*, "Dialogo Decimo, de la institucion y criança de las hijas..." (177-131), cujos conselhos são, apesar de tudo, mais concretos: "enseñesele el bien y no conozca la donzella cosa mala..." (122); "no se suffra a la niña cosa que haga, o palabra alguna que diga deshonesto..." (123); seja valorizada "su compostura, su silencio, su discrecion..." (126) e "jamás ha de estar ociosa...", etc.; igualmente, Fr. Juan SOTO, *Obligaciones*, fl. 128r: "sean recogidas...", "honestas en sus palabras y obras, muy vergonçosas, y temerosas...". Também Ignacio de ANDUEZA lembrou aos pais que foi sempre de "grandissima estimacion (...) la limpieza, la pureza y la honestidad de vna donsella..." e que, por isso, deviam ser "muy recatadas, calladas y compuestas..." (*Manual de Casados*, fl. 112r-v). Nos finais do século XVII, o Pe. Alexandre de GUSMÃO ainda insistiria, na *Arte de Criar bem os Filhos*, nas mesmas "virtudes": a "guarda, e recolhimento..." (377 e 378), o "amor da pureza", a "simplicidade da vida" e a "ternura da devoçam" (380), o "amor santo da pureza virginal..." (381).

³⁰⁰ A insistência não só no aleitamento materno, mas também na escolha da ama mostrou-se, claramente, mais veemente quando estava em causa a "criação" das meninas, uma vez que a proximidade ou a dependência em relação às suas influências no comportamento e nos gostos das filhas era, compreensivelmente, mais forte. Vejam-se, em particular, as observações de CAMOS que desenvolvem uma passagem da *Carta a Leta (Microcosmia, 235)*: "...aunque la madre o la ama que cria la niña sea graue y cesuda, deue com modestia amañarse a sus niñerías, a las risas, al gorgear y coçear, enroscandola con sus braços y alagarla, riendo y çeçeando con ella, dexandola colgar del cuello, cantandola aunque llore. que todas estas cosas siruen de atizar el amor (...). Tenga

homens que não fossem os pais ou irmãos³⁰¹; a valorização, agora claramente mais acentuada, não só do seu conhecimento da doutrina cristã, mas também da leitura de livros de "santa e devota lição"³⁰² - um aspecto que teve uma maior ressonância ao longo do século XVII, a par da insistência nas "devoções"... Mas este último traço de continuidade constitui também um dos aspectos em que alguma mudança se foi fazendo, muito discretamente, sentir.

Já vimos que Luis Vives defendera, na linha do conselho de S. Jerónimo a Leta, a aprendizagem das "letras" por parte da donzela, mas precisara que seria para a fazer "virtuosa" e não propriamente "docta". E nesse sentido continuariam a ser emitidas as sempre duras críticas às novelas, aos livros "lascivos" e "de mentiras", especialmente perigosos para as donzelas que, segundo muitos, gostavam de estar "días y noches (...) siempre con ellos leyendo y conuersando, contemplando en las palabras ociosas y prouocatiuas a deshonestidad, como son los amores de Piramo y Tisbe, de Leandro y Ero, Celestina y Diana, y Boscan, y otras cartas y libros de amores deshonestos semejantes, etc. Con los quales tanto mas se suelen holgar las donzellas..."³⁰³.

la madre cuenta de que se imponga la niña en aquello que ha de perseverar quando fuere de cumplida edad..." (*Microcosmia*, 120).

³⁰¹ Este aspecto havia sido muito valorizado por VIVES. Cf., em particular, CAMOS, *Microcosmia*, 122; ANDUEZA, *Manual*, fl. 112v. e A. de GUSMÃO, *Arte*, esp. 381.

³⁰² Também neste aspecto, a dependência em relação à *Carta a Leta* é muito óbvia. Mas nem por isso deixou de ser renovada ou tornada "actual" perante os novos contextos da leitura - ou das leituras - nestes finais de quinhentos e inícios de seiscentos. Quase todos os autores acentuaram a importância de a donzela saber ler, em especial os "livros de devoção" que todos consideraram auxiliares preciosos na sua educação religiosa e moral. Cf., a título de exemplo, Juan de LA CERDA, *Vida Política*, 43-44: "Estar les ha bien el leer libros que tratan materias morales, muy prouechosas para las buenas costumbres, y de donde se puede sacar doctrina para la vida virtuosa y honesta...", uma vez que "el ejercicio de los libros castos y piadosos, son como vnos maestros sanctos que enseñan, y persuaden al hombre Christiano a ser casto, y honesto..." (subl. nosso), facto que ele fez especialmente válido para a donzela.

³⁰³ Juan ESTEVAN, *Orden*, fl. 201v. Este tipo de críticas foi retomado por quase todos os autores destes período que realçaram, em particular, os perigos do prazer destas leituras nas donzelas. Especialmente duro foi Pedro MALÓN DE CHAIDE em *La Conversión de la Magdalena* (Barcelona, 1588): "¿Qué ha de hacer la doncellita que apenas sabe andar, y ya trae una Diana en la faldriquera? (...) ¿Cómo dirá Pater noster en las Horas la que acaba de sepultar á Piramo y Tisbe en Diana? ¿Cómo se recogerá á pensar en Dios un rato la que ha gastado muchos en Garcilaso? ¿Cómo? Y ¿honesto se llama el libro que enseña á decir una razón y responder á otra, y á saber por qué término se han de tratar los amores? Allí se aprenden las desenvolturas y las solturas y las bachillerías, y náceles un deseo de ser servidas y recuestadas, como lo fueron aquellas que han leído estos sus *Flos Sanctorum*, y de ahí vienen á ruines y torpes imaginaciones, y destas á dos conciertos, ó desconciertos, con que se pierden á sí y afrentan las casas de sus padres y les dan desventurada vejez; y la merecen los malos padres y las infames madres que no supieron criar sus hijas, ni fueron para quemalles tales libros en las manos" (*La Conversión*, ed. da B.A.E., vol. XVII, 279). Sobre este aspecto, cf. B. M. DAMIANI, "El exordio de Malón de Chaide en *La conversión de la Magdalena*", in *Moralidad y Didactismo en el Siglo de Oro*, Madrid, 1987, 113-127, esp. 119-21. Também Juan de LA CERDA o fez notar na sua *Vida Política*, esp. fl. 43v.: "Quando vna persona moça y mal inclinada, se pone a leer vna historia de amores, que otra cosa haze sino dar

Em relação a este princípio, não se poderá dizer que houve uma evolução particular, a não ser a *diversificação* das críticas que passaram a abranger alguns livros mais "modernos" que vieram ocupar o lugar de outros mais antigos. Mas a maior exigência, de um modo geral, em relação à educação religiosa e moral das crianças - e, em particular, enquanto filhos e filhas - aliada à imagem mais nítida da "criação" da donzela (que cada vez menos se identificaria com a futura monja) com vista ao desempenho das futuras funções de "perfeita casada" - esposa, mãe, senhora da casa - acabaram por determinar o modo como foi sendo encarado o lugar da leitura e da escrita na "formação" da donzela. Um dos melhores exemplos da "atualização" desse lugar é o diálogo "De la institucion y crianca de las hijas" da *Microcosmia*³⁰⁴ de Fr. Marco A. de Camos, diálogo, aliás, quase todo construído com base na *carta* de S. Jerónimo a Leta. E foi no modo como se serviu das palavras deste Padre que Camos se mostrou dependente também das exigências do seu tempo em relação à educação feminina, numa passagem que convirá ter presente:

"Sepan las hijas rezar, y los preceptos que para ser Christianas deuen guardar; y aun que son algunos de parecer que no es bien sepan leer ni escriuir. yo tengo para mi lo contrario. S. Hieronimo dize que sepan las lenguas Latina, Griega, y Hebrea, y que entiendan la sagrada escriptura. *Esto estaria bien en aquellos tiempos, y en aquellas virgenes dedicadas al culto de Dios (...). Mas para nuestros tiempos, bastales a las mugeres saber bien leer y escriuir*, para ocuparse algunos ratos: no en leer cancioneros, o libros prophanos que no se lo deuen sufrir, mas para *aquellos que son de sancta y deuota licion*. Tenga para esto la virgen quien la enseñe muger como ella (...). Enseñenle tambien a *saber contar quenta de guarismo, para que quando se vea señora de su casa sepa passar los libros de gasto y del recibo (...). Crienla para saber ser señora de su casa, y gouernar en ella...*"³⁰⁵.

Ou seja, o modelo da "perfeita casada" - que por estas datas estava já definido - determinou o modo como Camos "atualizou" o modelo da donzela, dando-lhe alguma autonomia, apesar de tudo, em relação ao da virgem que, tradicionalmente, se identificava com a futura monja e que um texto tardio como

oydos a vn mal consejo?". Lembremos aqui, novamente, a pequena história que conta D. Francisco M. de MELO das duas donzelas que liam uma história de amores e cavalarias, tendo afirmado que "aqui é mais perigosa a afeição que o uso..." (*Carta de Guia*, 78).

³⁰⁴ *Microcosmia*, esp. 123. Um outro bom exemplo, complementar a este, pode ser encontrado no *Manual de Casados* de I. de ANDUEZA que afirmou, depois de insistir na importância da educação da donzela "desde su niñez": "Padres Christianos, a vuestra cuenta corre este cuydado, para que despues sean vuestras hujas, buenas casadas. Buenas para sus maridos y amorosas. Buenas para criar hijos buenos, Buenas para ser matronas, y gouernar sus casas y familia. Buenas para sus padres, y buenas para sus vezinos y parientes. Buenas para todos..." (fl.104v.(sic)=116v.): poderíamos concluir, tendo em conta o contexto da literatura matrimonial deste período, - para que sejam "perfeitas casadas"...

³⁰⁵ *Microcosmia*, 123, subl. nosso.

a *Arte de criar bem os filhos* ainda retomou, embora com alguns matizes³⁰⁶. Contudo, essa relativa autonomia não podia, segundo os padrões morais e espirituais que se queriam dominantes na época, deixar de reafirmar a sua dependência, de um modo geral, em relação a este. Não se podia ceder na imagem de "honestidade", de "recolhimento", de silêncio" e "obediência" da donzela, porque se estaria a alimentar alguns gostos contrários que, se sempre se foram manifestando, também sempre foram combatidos. Por isso, contra algumas mães que argumentariam sobre "como han de casar sus hijas sino son vistas y festejadas, sino hazen ventana y aguardan las bueltas de su galan, sino le responden y son ausadas, sino se leuantan a dançar con el" porque seria "mala criança", respondeu Camos, pela voz de Valdíglesia, que "mala criança no han de suffrir las madres la hagan sus hijas, pero tampoco han de querer sean bien criadas de lo que su estado admite", uma vez que, do seu ponto de vista - que era também o de muitos seus contemporâneos³⁰⁷ -, "no las ha de casar sus hijas el ver su hermosura, sino el oyr su cordura: no la vanidad, pero la honestidad: no su desemboltura y el estar siempre en la ventana, pero su compostura, su silencio, su discrecion, y verla no profana"³⁰⁸. Daí a reiteração da importância da "boa fama" que deveria começar pelo seu comportamento - inclusivamente nas danças, que o autor disse "consentir" pela força do "uso, y porque este acto se juzga bueno o malo, principalmente segun la intencion, y segun las circunstancias"³⁰⁹ -; esse comportamento manifestar-se-ia pelo modo de estar em público, nomeadamente em algumas atitudes, nas danças, no

³⁰⁶ A. GUSMÃO, *Arte*, 384-5: "Nam quero dizer, que todas as filhas hajam de ser Freiras, porque isso cousa he que nam pôde ser; mas digo que aprovo os ditames daquelles pays, que desde mininas as criam com esses intentos (...). Pelo que concludo, que *para sairem as mininas como he bem, se han de tratar como se todas ouvessem de ser Religiosas consagradas a Deos, nosso Senhor, e Esposas de Iesu Christo...*" (subl. nosso).

³⁰⁷ Veja-se, a título de exemplo, a afirmação de Juan ESTEVAN na *Orden de Bien Casar* (fl. 195v.) de que "mas han perdido casamiento por ser andariegas y vistas, visitadas y comunicadas que por ser feas y pobres...".

³⁰⁸ *Microcosmia*, 125-6.

³⁰⁹ *Microcosmia*, 126. Mas o problema residia, justamente - lembremos a "tolerância", alguns anos mais tarde, de um S. Francisco de SALES... -, no *controle* da "intenção" e das "circunstâncias". Daí que muitos tenham, com frequência, duvidado da "honestidade" tanto das "falas" em público como das danças, sendo, por vezes, muito directas as críticas, de que é exemplo bem eloquente a de Juan ESTEVAN na *Orden de Bien Casar*: "Sacanlas los padres a los regozijos, y a los placeres y passatiempos, y ponenlas en las ventanas y tablados, a que vean, y sean vistas, lleuanlas a passear de huerta en huerta, de hermita en hermita, de vn monasterio en otro: las traen de romeria en romeria. Y en las aldeas el comun vso, es, el Domingo y la fiesta embiar sus hijas muy compuestas al bayle, y al corro: quando vnas por vn cabo, y otras por otro, van en busca delos moços, y ellos en busca dellas: y donde oyen tocar el tamborino, o adufre alli se juntan, y acuden (...) alli se vsan muchas delas primeras lineas del amor entre burlas y veras...".

falar...³¹⁰. E esse *modo* seria, "juntamente con la buena fama y el olor que de sus virtudes diere" - porque "esta es la verdadera hermosura y el verdadero auiso" -, o que a havia de casar...³¹¹

Mas a imposição deste *modo* parecia oferecer, mais do que nunca, excessivas resistências. A cada vez mais decisiva contextualização social da "boa criação" - o alargamento social da "cortesia", da "polícia" e, logo, a sua maior valorização em lugares públicos - não excluía, naturalmente, as mulheres, fossem elas casadas ou donzelas. As críticas aos adornos, aos enfeites, ao luxo dos vestidos, aos exageros dos toucados... - cujo significado, para além do que tem de tópico, parece resultar, sobretudo, de formas particulares de afirmação social -, se se tornaram mais violentas e insistentes ao longo do século XVII, também parecem ter sido cada vez menos ouvidas...³¹²

Creemos, portanto, que a proximidade notória ou, mesmo, a dependência directa dos conselhos para a educação do comportamento das filhas em relação aos modelos de virgem elaborados, sobretudo, por S. Ambrósio e por S. Jerónimo se apresentam quase indispensáveis nesse imenso esforço "barroco" de controle social dos comportamentos, neste caso, das donzelas. Por isso se foram tornando mais veementes os apelos aos "pais de família" para que vigiassem, também eles, com a sua autoridade - e o "temor" que ela devia impor - o comportamento das suas filhas. Como afirmou o Pe. Luis de la Puente, "...las hijas mejor se guardan con el freno del temor, que con el del amor, y mas

³¹⁰ Por isso advertiu CAMOS: "...mire que la miran todos, y no se descuyde en hablar, dançe con grauedad, los ojos baxos, el rostro honesto, los passos mesurados, attienta a la mudança..." (*Microcosmia*, 126).

³¹¹ *Microcosmia*, 126.

³¹² Sob este ponto de vista, são especialmente interessantes as queixas de Juan ESTEVAN: "Todo va perdido, que se huelgan los padres de traer sus hijas ricamente atauiadas y compuestas, y mejor que las de sus vezinos yguales, y de mayor posibilidad, aunque sea arrastrando la honra, pintadas como xergueritos (...) *las dexan hazer y deshazer, andar y vestir como ellas quieren, y ellas no querrian sino cada mes mudar vn vestido: y visto que no pueden han inuentado vna inuencion del diablo, que en dando dos o tres vistas con vn vestido, lo venden: y añadiendo dineros compran otro vestido (...) sus propios padres las riñen, porque no se afeytan, y les buscan mil vnturas, y las traen blanduras y falserillas de Granada...*" (*Orden*, fls. 205r.-v., subl. nosso). Ao longo do século XVII, seriam ainda mais insistentes do que foram nos séculos XV e XVI as críticas aos adornos, vestidos, etc, das mulheres, a ponto de terem sido escritas obras exclusivamente sobre a matéria, como a de Fray Antonio MARQUÉS, O.S.A., *Afeite y Mundo Mujeril*, composta talvez entre 1617 e 1626 (veja-se a edição desta obra por F. Rubio, O.S.A., Barcelona, 1964), ou a de Pedro GALINDO, *Verdades Morales en que se reprehenden y condenan los trages vanos, superfluos y profanos, con otros vicios y abusos que oy se usan, mayormente los escotados deshonestos de las Mugeris*, Madrid, por Francisco Sanz, 1678. O tema não terá deixado de provocar alguma polémica, conforme o parece provar a *Breve Satisfaccion a algunas ponderaciones contra los trajes, que sin más fin que el de ser acostumbrados usan las mujeres en España*, Sevilla, 1684. Mais tarde, já no século XVIII, também o Cardeal BELLUGA lhe dedicou uma obra: *Contra los Trages y Adornos Profanos*, Murcia, Jaime Mesnier, 1722.

recatadas se hazen con la vista del rostro seuero, que del halagueño"³¹³. Também por esse motivo acentuou Fr. Juan de Soto que "es necessario por estremo ser el padre vigilantissimo, haziendose ojos para ver donde pone la hija los suyos, quando viere en ella alguna vislumbre de disolucion"³¹⁴.

Deste modo, a reafirmação - por vezes quase até ao exagero - das palavras de S. Jerónimo a Leta não tinham um significado meramente "erudito" ou retórico, mesmo estando todos estes autores conscientes da distância da realidade do seu tempo em relação ao modelo construído por aquele Padre. Mas abandoná-lo ou, mesmo, discutir algumas das suas premissas poderia significar perder um ponto de referência muito prestigiado e omnipresente ao longo dos séculos, sem, por outro lado, se poderem socorrer de um modelo alternativo - que só o século XVIII, o longo século XVIII, viria, lentamente, a construir³¹⁵. Essa consciência parece ter tido o Pe. Alonso de Andrade que, ao contrário de outros jesuítas anteriores e do seu tempo³¹⁶, prestou uma particular atenção ao problema, dedicando dois longos capítulos do seu *Libro de la Guia de la Virtud y Imitacion de Nuestra Señora* (1642) à educação das filhas³¹⁷. Remetendo para a síntese das virtudes da donzela elaborada na *Carta a Leta* - que, aliás,

³¹³ *Perfesion del Christiano*, II, 789. Este autor salientou ainda, como vários outros, a necessidade de as "apartar" de "toda ocasion de aficionarse à hombres".

³¹⁴ *Obligaciones*, fl.127v.

³¹⁵ Algum pioneirismo é, frequentemente, atribuído à célebre obra pedagógica de FÉNELON, *De l'Éducation des Filles* (1687), mas só com a afirmação, ao longo do século XVIII, do pensamento "ilustrado" - nomeadamente no domínio do ensino - é que alguma distância se foi criando em relação a muitos dos pressupostos da educação feminina em geral e das meninas em particular.

³¹⁶ A educação das raparigas em particular não parece ter interessado, de um modo visível, os jesuítas - ao contrário, por exemplo, dos franciscanos, como o provam, exemplarmente, o *Libre de les Dones* (séc. XIV) de F. EIXIMENIS, o *Carro de las Donas* (1542), a *Vida Política de Todos los Estados de Mujeres* (1599) de Juan de LA CERDA... - facto compreensível se tivermos em conta as orientações apostólicas da Companhia de Jesus. Antes de Alonso de ANDRADE, só Gaspar de ASTETE dedicara alguns "documentos" na *Quarta Parte de las Obras*, a qual tratou *Del Gouierno de la Familia y Estado de las Viudas y Donzellas*, editada em Burgos em 1597. O "Libro Primero" da obra debruçou-se sobre o "estado de las Viudas" (1-93) e o "Libro Segundo" sobre o das donzelas (94-281). Estes conselhos para a "criação" e comportamento das donzelas estavam muito determinados pelo modelo da viúva - nomeadamente a que era mãe e tinha a seu cargo a "criação" de filhas - visivelmente na linha do pensamento de S. Ambrósio e de S. Jerónimo, e deverão ser compreendidos no projecto de ASTETE de elaborar "documentos" para os vários "estádios" - termo, aqui, mais correcto que o de "estados" - da vida humana: infância e juventude, religião ou casamento, viuvez. Lembremos aqui, novamente, que na *Institucion y Guia de la Juventud* as donzelas não lhe mereceram, compreensivelmente, qualquer atenção. Também o Pe. Luis de LA PUENTE, que dedicou várias páginas, como vimos, à educação dos filhos na sua *Perfesion del Christiano*, não dedicou atenção particular à das filhas. O mesmo se diga de Francisco ESCRIVÁ que, no *Discurso de los Estados*, não valorizou particularmente a educação das filhas, embora tenha dedicado aos filhos em geral - e em particular aos rapazes - todo um "discurso".

³¹⁷ *Libro de la Guia*, Primera Parte, Libro segundo (1642), caps. 6 e 7, 171-278.

transcreveu em tradução castelhana³¹⁸ -, Alonso da Andrade reconheceu, contudo, que "a algunos de nuestros tiempos les parecieran muchos y rigurosos los documentos del santo Doctor, y mas para edad tan tierna"³¹⁹. Curiosamente, este jesuita não só não pôs em causa a justeza dessas observações dos seus contemporâneos, como quis fazer da *Carta*, sobretudo, uma espécie de guia "para que se vea el dictamen de los Santos, y la perfeccion que *pedian* a los que empezauan a viuir en el mundo, y como *cautelauan* las almas en tan tierna edad, y los auisos que *dauan* a los que cuidauan dellas, para que *puesta delante de los ojos a todos esta mesa tan esplendida, tome cada vno della los platos que huuiere menester, y los manjares y buenos documentos de que mas necessitare*"³²⁰. Notemos a distância cultural, manifestada no uso do pretérito imperfeito, que Alonso de Andrade indirectamente reconheceu a este documento. Mas notemos, igualmente, como o não abandonou, antes lhe reforçou a perfeição, e o fez funcionar como *guia* - mais do que como "espelho"³²¹ - para que *cada um* nele buscasse o que tivesse "menester" ou os "documentos de que mas necessitare".

Além disso, nas "aduertencias sobre esta carta de san Geronimo"³²², Alonso de Andrade não exigiu às mães e às filhas uma absoluta fidelidade a este modelo, mas uma maior consciência em relação à *distância* que as separava dele: "por lo menos *ya que no hagan todo lo que san Geronimo enseña*, siquiera se auerguencen, y se humillen *viendo quan lexos están de lo que deuen*, y procuren tomar destes preceptos los mas que sus fuerças alcançaren..."³²³. Daí que, ele próprio, não só tenha reafirmado, mas também desenvolvido alguns dos seus princípios básicos, como eram, além do cultivo das "virtudes" tradicionalmente ditas femininas³²⁴, a aprendizagem, "en la primera edad de la niñez", das "oraciones de la Iglesia" e da "doctrina Christiana"³²⁵ seguidas da diversificação e do aprofundamento das devoções de acordo com as tendências da espiritualidade "barroca": "no se passe dia sin rezar el Rosario, y combidem a

³¹⁸ *Libro de la Guía*, 179-185.

³¹⁹ *Libro de la Guía*, 178.

³²⁰ *Libro de la Guía*, 178, subl. nosso.

³²¹ Apesar de, mais adiante, ANDRADE dizer, referindo-se à *Carta a Leta*, que "en este espejo pido a las madres y a las hijas, que se miren..." (186), o modo como a comentou e como expôs as suas próprias "adwertências" mostram que os objectivos destes capítulos não eram o de serem, propriamente, um "espelho" - que pressupunha alguma perfeição e imitação global -, mas um *guia*, um ponto de referência orientador de múltiplas atitudes e comportamentos.

³²² *Libro de la Guía*, 186 ss.

³²³ *Libro de la Guía*, 186, subl. nosso.

³²⁴ *Libro de la Guía*, esp. 206: "...hablen poco, y oren mucho, sean modestas, honestas, recogidas, deuotas, piadosas para con los enfermos, limosneras para con los pobres, obsequiosas para con los parientes, vigilantes para consigo, y mantenganse en toda deuocion..."

³²⁵ *Libro de la Guía*, 186.

los de su casa para que les acompañen, y le rezen, gasten vn rato en su rincón en pensar y meditar los misterios de Christo y de su Madre, oigan Missa siempre que pudieren, tengan libros doctos que lean; y a imitación de la Virgen, si pueden, aprendan a escribir (...), comulguen cada ocho días, y alguna vez en la semana si huviere fiesta, o les diere licencia su Confessor; hagan alguna penitencia conforme fueren sus fuerças, y su Confessor juzgare que conuiene para su aprouechamiento..."³²⁶. Não podiam, obviamente, faltar, nestas "advertências", as alusões à submissão aos pais, ao "freio" na língua, à fuga à mentira, bem como ao "desprezo" das "galas" e "afeites" e, novamente, à importância de terem "mas cuidado con su alma, que con su cara"³²⁷, aos perigos das más companhias, da convivência com homens e, principalmente, com "terceiras"³²⁸ - um tema que permanece recorrente, talvez porque ainda "actual", em vários destes textos -, à submissão aos pais aquando da decisão do casamento³²⁹ - o que não era válido para a "escolha do estado" ...³³⁰

³²⁶ *Libro de la Guía*, 206.

³²⁷ *Libro de la Guía*, 206.

³²⁸ Não só retomou o tópico dos perigos das más companhias "que son la peste de la juuentud", mas também das "amizadas" com qualquer "hombre por bueno que sea, ni se dexé visitar dél, ni verse a solas si no en la Iglesia en lugar publico para confessarse..." (*Libro de la Guía*, 107) e, sobretudo, das "manhas" das "terceiras": "Tambien se han de guardar de recibir villetes, y joyas, o dadiuas sin orden de sus padres y de sus Confessores (...). Y si alguna mala tercera les aconsejare que es poca cortesia, echenla de si, como tizon del infierno, y ministra del demonio, y den cuenta a sus padres y Confessores, y adviertan, que la primera cortesia se ha de tener con Dios, y con sus Angeles..." (210-11, subl. nosso). Como vimos já em diferentes passos deste trabalho, a preocupação com a demasiada familiaridade das "mulheres" - donzelas e casadas - com as "criadas" (termo vago e polissémico, como vimos) foi uma preocupação de muitos autores. Essa preocupação era, visivelmente, mais acentuada em relação às donzelas, até porque as imagens dos "tratos" de Celestina com Melibea (uma donzela) eram demasiado vivas. Notemos que, num texto, comparativamente, muito tardio como o é a *Arte de criar bem os filhos* de Alexandre de GUSMÃO essa imagem é ainda muito forte: "Devem pois os pays ir com santas palavras (...), afastando-as principalmente da familiaridade de todo homem, que nam for irmaõ, e ainda daquellas criadas, e amigas, que nam forem muito honestas; porque daqui vem nam poucas desgraças, que por se nam prevenirem, antes se choram depois (que pelas meadas de linhas, que lhe veyo a vender Selestina, se perdèõ Milebéa)..." (*Arte*, 381, subl. nosso).

³²⁹ A. de ANDRADE, *Libro de la Guía*, 212: "auiendo de casarse no se apresuren, ni escojan marido por su voluntad, sino por la de sus padres, sujetandose a su consejo y direccion..." (subl. nosso).

³³⁰ É importante referir aqui que, se todos insistiram nessa submissão em relação à "escolha" do noivo - que, como vimos, era considerada da responsabilidade paterna -, o mesmo não se passou em relação à decisão da opção de "estado" - casamento ou religião - uma vez que os abusos tradicionalmente cometidos por muitos pais que, compulsivamente, obrigavam as filhas a "optar" pelo casamento ou pelo convento foram condenados pelo Concílio de Trento, na sua sessão 25, no c.18, condenação essa que, nas décadas pós-Trento e ao longo do século XVII, foram sendo reafirmadas pelos vários autores que focaram o problema, em particular pelos que se debruçaram sobre a "criação" da donzela. Os casos mais frequentes foram, como é sabido, os das "vocações" forçadas (já que quase todas, tirando as mais "virtuosas", queriam casar, segundo testemunham quase todos estes autores), e os daquelas a quem não era autorizado, por várias razões, nenhum

Como vemos, estas "advertências" são, no essencial, uma "atualização" dos conselhos de S. Jerónimo a Leta, a Eustóquia, a Furia e a "outras grandes mães de família"³³¹. Mas, porque "atualização", são também algo diferentes ou, melhor, estão marcados pelas tendências dominantes da "educação" e da espiritualidade do século XVII que se manifestaram também, como vimos, no modo como se foi concebendo a relação da espiritualidade com a vida moral e social dos casados e da família. Mas, no caso concreto da "educação" das filhas - essencialmente doméstica, não o esqueçamos -, talvez porque as discussões sobre o casamento e a vida familiar nunca puseram em causa, quer a hierarquia de pais e filhos quer, mais concretamente, a obrigação, para a sua "boa fama", da submissão e "discrição" das filhas, o modelo da "perfeita donzela" apresentava-se como um auxiliar precioso nesse contexto moralizador que tentava impedir, a todo o custo, a criação de brechas que pusessem em causa, definitivamente, a "perfeição" e, logo, a referência desse modelo... E, daí, a sua constante presença, nitidamente "conservadora", na divulgação das imagens da donzela em particular e, conseqüentemente, do comportamento feminino em geral. Mas daí também - como foram reconhecendo os mesmos autores que dele se socorreram - o crescer da distância que o separava da realidade...

"estado". Um dos textos que melhor exemplifica esta última situação é a *Orden de Bien Casar* (1581) de Juan ESTEVAN: "...muchos [padres] las dexan hazer mugeres y enuegecer en casa, y aunque ay an mil que se las pidan, y a sus oydos, a ellas les oyan dezir, si mi padre no me casa y sere escandalo de su casa: *No acaban de casar vna, por no se deshazer dela hazienda*, o por seruirse dellas y holgarse con ellas: *Delas quales muchas hemos visto*, viendo el descuydo de sus padres salir erradas..." (*Orden*, fl. 206, subl. nosso).

³³¹ A expressão é de Alexandre de GUSMÃO na *Arte de criar bem os filhos*, 387.